

ESCATOLOGIA

Visão inicial.

O leitor terá uma visão esquematizada das principais escolas escatológicas, com ênfase no “não milenismo”, posição da grande maioria de reformados calvinistas

Escatologia é a doutrina que estuda os sinais antecedentes da segunda vinda de Cristo, os acontecimentos finais previstos e a vida futura dos eleitos ressurretos. Nesta obra, o autor se esforça para ressaltar o “milenismo em processo”, inaugurado com o primeiro advento de Cristo e encerramento previsto com o segundo vinda. A Igreja vive os tempos do fim sob o reinado do Rei - Messias e neles realiza o ministério que lhe está proposto pelo Salvador.

O que é Escatologia.

O termo escatologia origina-se de duas palavras gregas, "éschatos" e "lógos". "Éschatos" significa: Último de uma série, fim de uma era, extremo de uma jornada, ponto final de um acontecimento, alvo a ser atingido, meta. A palavra "lógos" tem variadíssimo uso, mas aqui é tomada no sentido de estudo. Portanto, "escatologia" é o estudo das últimas coisas, dos acontecimentos do fim dos tempos, o termo final da atual ordem mundial e da presente história humana. Tal fim se dará, segundo as Escrituras, com a volta de Cristo, a ressurreição de todos os mortos, a transformação dos eleitos, que estiverem vivos na ocasião do evento, o juízo final, a glorificação dos justos, a perpétua condenação e detenção de Satanás com seus anjos e súditos.

Correntes Escatológicas.

Há quatro principais correntes escatológicas. Ei-las: **01- Amilenismo:** Sustenta que o milênio está em curso. Começou com a ressurreição e exaltação de Cristo e criação da Igreja. Terminará com a segunda vinda do Cordeiro. **02- Pré-milenismo:** Prega que o reino milenário do Messias será implantado na terra, material, social, política e religiosamente, por ocasião de sua volta e com a ressurreição dos justos. O reino milenário terminará com a ressurreição e a condenação final dos ímpios. **03- Pré-milenismo dispensacionalista, tribulacionista:** Ensina o arrebatamento secreto da Igreja; a volta de Cristo em dois tempos; dois distintos povos de Deus, Igreja e Israel; dois reinos; duas ou mais ressurreições; mais de um juízo; tribulação somente para Israel. **04- Pós-milenismo:** Divulga um crescimento numérico e espiritual da Igreja até chegar ao ponto ideal, preconizado por Deus, quando se implantará o reino milenário do Messias cujo término se dará com a ressurreição geral, juízo final e reinado eterno de Cristo. A Igreja, dizem os pós-milenistas, pela pregação do evangelho promoverá a conversão das nações e a conseqüente paz milenária no mundo.

Definições ideológicas sintéticas: a- *Amilenismo:* Cristo instaurou o reino milenário na sua primeira vinda, estabelecendo a nova era, o tempo da Igreja. Esta designação não coaduna com a escatologia anunciada, pois não se trata de amilenismo, mas de “milenismo em curso” ou milenismo do ínterim”. b- *Pré-milenismo:* O milênio virá depois da segunda volta de Cristo e será um reinado terreno e político do Messias com sua Igreja. c- *Pré-milenismo dispensacionalista, tribulacionista:* Cristo virá para cumprir a septuagésima semana da Daniel. Primeiro, arrebatará a Igreja. Depois, durante

três anos e meio, congregará Israel. A seguir, haverá a grande tribulação, durante mais três anos e meio. Então Cristo retornará e dará início ao reino milenário, regendo de Jerusalém o mundo. d- *Pós-milenismo*: O reino milenário será implantado paulatinamente pela pregação universal do evangelho e pelo crescimento e santificação da Igreja.

Escatologia na Revelação.

A escatologia faz parte integrante e integral da revelação. Toda e qualquer solução efetiva na ordenação, correção, condução, preservação e habilitação dos eleitos possuía dimensão futura, um tipo de imagem ou esboço do que haveria de acontecer plena, definitiva e perfeitamente. O conteúdo escatológico do Velho Testamento, portanto, sob o foco do Novo, pode ser fácil e claramente percebido em todos os seus principais e fundamentais eventos reveladores. Exemplos: 01- **Na criação do homem**. Previsões futuras para o homem e a humanidade: Fecundidade, proliferação, povoamento da terra, comando da natureza, domínio sobre todos os seres criados, guarda da ordem natural e atividades ergológicas criativas (Gn 1.28 e 2.15). 02- **Na queda**: Anúncio do advento de um ser humano poderoso, capaz de esmagar a cabeça da serpente, apontando para o futuro Redentor, Jesus Cristo (Gn 3,15). 03- **No dilúvio**: Houve uma recriação do mundo, um restabelecimento da aliança feita com Adão e uma promessa, sinalizada pelo arco-íris, da não reincidência da catástrofe diluviana. O Novo Testamento vê a Arca de Noé como símbolo escatológico da Igreja (Mt 24.38; Hb 11.7; I Pe 3.20,21; II Pe 2.5). 04- **Em Abraão**: Início do povo da promessa e embrião da doutrina da graça percebido na imagem tipológica de Isaque. (Rm 4. 1-25; Gl 3.6-8; 3.16). 05- **Nas mensagens proféticas e na figura ungida de Davi**: As grandes profecias de Israel, especialmente as de Isaias, apontam para um "Servo de Deus", sofredor e vicário, triunfador e libertador de seu povo, herdeiro do trono de Davi, sucessor de Moisés. Os autores neotestamentários identificaram inequivocamente o Messias prometido de que falaram os profetas com Jesus Cristo; e próprio Jesus assim o faz ao reformular a lei e ao admitir perante as autoridades judaicas e romanas ser Rei, ter nascido para isso.

O REINO ESCATOLÓGICO

VISÃO VETOTESTAMENTÁRIA.

O Velho Testamento desconhece completamente a escatologia em dois estágios, estabelecida no Novo Testamento. Todas as profecias vetotestamentárias apontam para um reino messiânico de base judaica e domínio universal. Por outro lado, o aspeto puramente espiritual é muito escasso e confuso na pregação dos profetas do Velho Testamento. A ênfase recai num novo rei verdadeiramente ungido, sem as fraquezas e as injustiças dos anteriores; preconizando um reinado universal do Messias prometido, onde a justiça, a paz, a submissão, a ordem e o respeito são marcas salientes e permanentes. A esperança profética do Velho Testamento firma-se na promessa de recriação cósmica em que tudo se fará novo: "Pois eis que eu crio novos céus e nova

terra; e não haverá lembranças das coisas passadas, jamais haverá memória delas" (Is 65.17). Essa esperança escatológica não inclui o fim da morte e do pecado, mas uma renovação da atual criação com o prolongamento da vida humana e a eliminação dos conflitos entre os seres criados: "Não haverá mais nela (a nova terra), criança para viver poucos dias, nem velho que não cumpra os seus; porque morrer aos cem anos é morrer ainda jovem, e quem pecar, só aos cem anos será amaldiçoado" (Is 65.20). " O lobo e o cordeiro pastarão juntos, e o leão comerá palha como o boi; pó será a comida da serpente. Não farão mal nem dano algum em todo o meu santo monte, diz o Senhor" (Is. 65.25). Como se nota, o reino escatológico profetizado por Isaias, com a presença do pecado e da morte, nenhuma semelhança tem com o preconizado por Jesus Cristo e pelos apóstolos no Novo Testamento, a ser estabelecido, num novo céu e numa nova terra, com e a partir da segunda vinda do Cordeiro, onde o pecado e a morte não mais existirão.

A esperança de uma terra da promessa para os eleitos começa com Abraão; intensifica-se com Moisés; parece cumprir-se com Josué e realizar-se com Salomão. No entanto, a promessa é renovada a Davi, mediante aliança, de que o rei do reino a ser estabelecido por Javé seria de sua descendência, referindo-se a Jesus Cristo, o Filho do Homem, título que Jesus assumiu, contido na visão de Daniel (Dn 7.13,14), ou rei divino, da preconização de Isaias (Is 7.14; 9.6), que fala ainda do servo sofredor, identificado no Novo Testamento com Jesus Cristo (Is 42.1-4; 49.5-7; 52.13-15, com destaque do capítulo 53).

TRIBULAÇÕES.

Os profetas do Velho Testamento previram grandes e intensas tribulações nos tempos antecedentes ao reino escatológico messiânico. O surgimento da nova era seria penoso para os gentios, inimigos dos eleitos, quando Deus executaria a terrível destruição de todos os oponentes de Israel, especialmente os da Babilônia (Is 13.6-8, 17-22). O período tribulacional previsto recebe, geralmente, a designação de "Dia do Senhor" e é descrito com imagens e figuras hiperbólicas. Exemplos: " Uivai, pois está perto o dia do Senhor; vem o todo-poderoso como assolação. Pelo que todos os braços frouxos, e o coração de todos os homens se derreterá. Assombrar-se-ão, e apoderar-se-ão deles dores e ais, e terão contorções como a mulher parturiente; olharão atônitos uns para os outros; os seus rostos se tornarão rostos flamejantes. Eis que vem o dia do Senhor, dia cruel, com ira e ardente furor, para converter a terra em assolação, e dela destruir os pecadores, porque as estrelas e constelações dos céus não darão a sua luz; o sol, logo ao nascer, se escurecerá, e a lua não fará resplandecer a sua luz. Castigarei o mundo por causa de sua maldade, e os perversos por causa de sua iniquidade; farei cessar a arrogância dos atrevidos, e abaterei a soberba dos violentos". "Potanto, farei estremecer os céus; e a terra será sacudida do seu lugar, por causa da ira do Senhor dos Exércitos, e por causa do dia do seu ardente furor" (Is 13.9-11, 13). O dia do Senhor trará também juízo sobre Israel, por causa de sua apostasia (Is 2.12,17; Sf 1.14,15).

JÁ E AINDA NÃO

O reino escatológico do Messias prometido no Velho Testamento cumpriu-se, realiza-se e caminha, num processo histórico e contínuo, para a consumação final. Assemelha-se a uma criança gerada no seio materno: Cresce, toma forma, atinge o desenvolvimento máximo, prepara-se para vir à luz. As dores do parto já começaram. O filho da esperança e da alegria, que chega com imensos sofrimentos, anuncia-se por meio das contrações e dos gemidos maternos. A era escatológica preconizada pelos profetas vetotestamentários está em curso; teve início com a encarnação do Verbo, que se fez carne e habita entre nós; marca sua existência no mundo pela Igreja de Cristo, o povo da promessa, a nação dos regenerados; desenvolve-se com a anunciação do Evangelho a todas as nações; sobrevive da certeza do "já" e da esperança do "ainda não", da graça de Deus, da misericórdia de Cristo e do ministério do Espírito Santo. Lembremos que as dores de Israel nos tempos finais da velha dispensação foram inomináveis sob Antíoco Epifânio (175-164 a.C.), o terrível, blasfemo e cruel opositor de Deus, profanador do altar, perseguidor implacável, causador da sangrenta revolta dos macabeus. Depois veio a dominação romana, culminando com a destruição do templo e o impiedoso massacre dos judeus. O abrir da era escatológica em Cristo Jesus, preanunciada pelos profetas e prescrita nos textos apocalípticos, antecedeu-se de tribulações dolorosíssimas, inconcebíveis.

A Igreja consciente sabe que a maior parte das predições escatológicas do Velho Testamento cumpriu-se com o advento de Jesus Cristo; outra parte ainda se cumpre na atual história da Igreja, a comunidade com a essência do porvir na qual o Filho desenvolve as potencialidades escatológicas; e ainda um conjunto de preconizações, reforçado e ampliado por Cristo e seus apóstolos, está para ser cumprido nos últimos dias da Igreja e nos tempos eternos. O que aconteceu no apagar da era dispensacional do velho Israel, acontecerá no encerramento da nova era, o período da Igreja, e com muito maior intensidade. Os judeus tiveram Antíoco Epifânio, o antideus; nós teremos o anticristo, o homem da iniquidade, as bestas, uma secular e outra religiosa, que causarão danos, sofrimentos e tristezas inconcebíveis aos servos de Cristo. A tudo isso se acrescentarão guerras, endemias, epidemias, enfermidades imprevistas, fomes e conturbações naturais e cósmicas sem precedentes, além do enfraquecimento da fé causado pela sabedoria dos homens, que se considerarão os juízes de si mesmos e auto-suficientes, pelo desenvolvimento da ciência materializante, pelo aparecimento de falsos profetas e falsos cristos, apregoando um "novo evangelho", dizendo-se portadores da verdade sagrada, "repensadores" das velhas Escrituras. São enganadores hábeis, capazes de enganarem os próprios escolhidos, se Deus o permitisse. Pelo que se observa, o último período da era final está presente. Pregadores convincentes, distorcedores da mensagem bíblica, exegetas de conveniência, anunciadores de visões e profetas falsos aparecem às centenas e convencem milhares, atraindo "crentes" das próprias igrejas históricas, antes humildes, simples, fiéis, agora ufanos testemunhadores de santidade própria. A religiosidade aumenta; a fé diminui. As igrejas tradicionais do velho mundo estão ficando vazias. Tenhamos em mente a profecia de Jesus Cristo: "Não tivessem aqueles dias sido abreviados, e ninguém seria salvo; mas

por causa dos escolhidos tais dias serão abreviados" (Mt 24.22 cf Mc 13.20; Mt 24.12). E mais: " Digo-vos que depressa lhes fará justiça. Contudo, quando vier o Filho do Homem, achará porventura fé na terra"(Lc 18.8)? Haverá intensificação proclamatória do Evangelho, mas, concomitantemente, existirá inexplicável diminuição, distorção e esfriamento da fé (Mt 24.12-14).

A IGREJA DO AQUI E DO ALÉM

A Igreja Vive os tempos do fim. Estamos em plena era escatológica. Cristo inaugurou os "últimos Dias" com a mensagem definitiva da redenção (Hb 1.1 cf At 2.17; Tg 5.3; I Pe 1.20). O autor da carta aos Hebreus afirma que Jesus veio depois do fim da velha era, na consumação dos séculos (Hb 9.26b), para introduzir o período final da história antes do estado eterno. O "estar" em Cristo agora e aqui é que determina o "estará" com ele no porvir do além. Em sentido espiritual já habitamos o céu: "E juntamente com ele (Jesus) nos ressuscitou e nos fez assentar nos lugares celestiais em Cristo Jesus"(Ef 2.6 cf Ef 1.3; Fp 3.20; Cl 3.1-3). Vivemos no mundo, mas a nossa verdadeira cidadania é a celeste, porque morremos, e a nossa vida está em Cristo e este em Deus (Cl 3.3).

CRISTO, ALVO ESCATOLÓGICO

A história da redenção é cristocêntrica. No Velho Testamento ela caminha linear e progressivamente na direção do Messias, objeto da esperança e da fé dos patriarcas e dos profetas. Os crentes do antigo Israel, firmados nos feitos de Javé, olhavam sempre para frente, para um Rei e um reino prometidos. Tal esperança alimentava-lhes a fé, sustentava-lhes a comunhão com Deus, mantinha-os firmes na luta, promovia-lhes a unidade. Os cristãos olham o passado para enxergarem o futuro. Sem a consciente e constante contemplação da manjedoura, símbolo da encarnação; da cruz erguida no Calvário, imagem do sacrifício vicário do Cordeiro; do túmulo vazio de Arimatéia, signo da ressurreição de Cristo, primícia da nossa; da mensagem apostólica, o Evangelho, estaremos privados dos elementos e das condições essenciais à visão adequada do reino porvir, para onde nos leva o Salvador e onde ele mesmo nos espera. Em Cristo, o redimido está no mais perfeito mirante, que lhe possibilita contemplar o pretérito no qual se firma, e visualizar o reino vindouro, para onde se destina. Quem se firma no que Cristo realizou, permanece no que realiza, e será partícipe do que realizará. Isso, porém, só é possível mediante a graça misericordiosa do Redentor. Para nós Cristo é o "Alfa e o Ômega, o primeiro e o último, o princípio e o fim" (Ap 22.13); morremos com ele na cruz; com ele ressuscitamos; com ele estamos em sua Igreja; com ele estaremos no reino escatológico.

PROFECIAS CUMPRIDAS

Que Cristo é o Messias esperado pelos judeus não há, segundo os registros sagrados, a menor dúvida. E, sendo assim, o reino messiânico foi instaurado por Jesus Cristo e está vigente em sua Igreja, contra a qual as portas do inferno não prevalecerão. O Rei messiânico e seu reinado não é mais, para os regenerados, uma promessa, mas realidade. Cristo reina em nós e sobre nós decidida e decisivamente.

Algumas profecias literalmente cumpridas em Cristo: Is 7.14: "Eis que a virgem conceberá, e dará à luz um filho, e lhe chamará Emanuel" (Cf. Mt 1. 22,23). Mq 5.2: "E tu, Belém Efrata, pequenina demais para figurar como grupo de milhares de Judá, de ti me sairá o que há de reinar em Israel, e cujas origens são desde os tempos antigos, desde os dias da eternidade" (Cf. Mt 2.5,6). Os 11.1; "Quando Israel era menino, eu o amei; e do Egito chamei o meu filho" (Cf. Mt 2.14,15). Is 53.3: "Era desprezado, e o mais rejeitado entre os homens; homem de dores e que sabe o que é padecer; e como um de quem os homens escondem o rosto, era desprezado, e dele não fizemos caso (Cf. Jo 1.11). Zc 9.9: "Alegra-te muito, ó filha de Sião; exulta, ó filha de Jerusalém: Eis aí te vem o teu Rei, justo e salvador, humilde, montado em jumento, num jumentinho, cria de jumenta" (Cf. Mt 21.4,5). Zc 11.12 : "E eu lhes disse: Se vos parece bem, dai-me o meu salário; e se não, deixai-o. Pesaram, pois, por meu salário, trinta moedas de prata" (Cf. Mt 26.15). Is 53.9: "Designaram-lhe a sepultura com os perversos, mas com o rico esteve na sua morte, posto que nunca fez injustiça, nem dolo algum se achou em sua boca"(Cf. Mt 27.57-60). Sl 16.10: "Pois não deixarás a minha alma na morte, nem permitirás que o teu santo veja a corrupção"(Cf. At 2.24-32). Outros cumprimentos: Zc 12.10 cf. Jo 19.34. Sl 22.18 cf Mc 15.24. Sl 34.20 cf Jo 19.33. Sl 68.18 cf At 1.9. Jl 2.28-32 cf At 2. 16-21.

Como se observou pelos exemplos tomados, dentre muitos, o fim escatológico do Velho Testamento é Jesus Cristo, o Messias da promessa, Senhor da Igreja, centro da História universal, sujeito e objeto da história da revelação. A humanidade velha ainda existe para os que fazem opção por ela, preferindo continuar com o primeiro Adão. A nova era, porém, é realidade para os regenerados, servos e filhos do segundo Adão, Jesus Cristo, centro da humanidade, tanto de justos como de injustos. Cristo triunfou sobre todas as forças do mal, sabemos disso; mas estas somente deporão as armas e se renderão no juízo final. Em síntese: A escatologia bíblica foi cumprida em Cristo; está sendo realizada nele; será nele consumada no último dia.

A PLENITUDE DO TEMPO

"Vindo, porém, a plenitude do tempo, Deus enviou seu filho, nascido de mulher, nascido sob a lei" (Gl 4.4). A palavra "pleroma", traduzida por "plenitude", indica a chegada do tempo completo, perfeito, consumado, isto é, a consumação dos tempos, a era escatológica. Cristo, sem dúvida, inaugurou o período escatológico, ínterim, realização dos anteriores e semente do que há de vir. A idéia da chegada do tempo prometido, efetivado no Messias e tornado realidade histórica na existência da Igreja, encontra-se também em outros autores neotestamentários. Exemplos: a- "O que ocorre é o que foi dito por intermédio do profeta Joel: E acontecerá nos últimos dias (eschátai hemérais), diz o Senhor, que derramarei do meu Espírito sobre toda carne" (At 2.16,17). b- "De nós outros sobre quem os fins dos tempos (tele ton aionon) têm chegado (I Co 10.11). c- "Filhinhos, já é a última hora (eschate hora); e, como ouvistes que vem o anticristo, também agora muitos anticristos têm surgido, pelo que conhecemos que é a última hora" (I Jo 2.18). d- "Agora, porém, ao se cumprirem os

tempos (epi synteleia ton aionon, expressão que significa "no fim dos tempos), se manifestou uma vez por todas, para aniquilar pelo sacrifício de si mesmo o pecado"(Hb 9.26b). e- O próprio Cristo declara ter introduzido no seio da humanidade o reino messiânico: "Se, porém, eu expulso os demônios pelo Espírito de Deus, certamente é chegado o reino de Deus sobre vós" (Mt 12.28).

ESSENCIALIDADE DA PLENITUDE DOS TEMPOS

O tempo messiânico, o da Igreja, inaugurado por Jesus Cristo reveste-se de profunda e indispensável essencialidade, não só por ser o fundamento escatológico do reino porvir, mas por constituir-se em oportunidade, a única, de redenção e por marcar a presença redentora do Salvador, Emanuel, entre os pecadores: "E eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século" (Mt 28.20b). Da obra regeneradora de Cristo, perfeita e definitiva, nasce a Igreja militante invisível que, transferida para o céu, forma a triunfante, e ambas comporão o glorioso reinado porvir e final do Messias. Fora de Cristo não há redimido, não há redenção. Ele edifica o que é perfeito (teleion) uma só vez (hapax) e para sempre (ephapax, de uma vez por todas): "Quando, porém, veio Cristo como Sumo-sacerdote dos bens já realizados, mediante o maior e mais perfeito tabernáculo, não por meio de mãos , quer dizer, não desta criação, não por meio de sangue de bodes e bezerras, mas pelo seu próprio sangue, entrou no Santo dos Santos, uma vez por todas (ephapax), tendo obtido eterna redenção" (Hb 9.11,12). "Nessa verdade é que temos sido santificados, mediante a oferta do corpo de Jesus Cristo, uma vez por todas, "ephapax" (Hb 10.10). "Jesus, porém, tendo oferecido, para sempre (eis to dienekes), um único sacrifício pelos pecados, assentou-se à destra de Deus" (Hb 10.12). Assim, a era da Igreja ou do governo terrestre e celeste do Messias sobre o povo de Deus não é, em absoluto, uma remediação do não cumprimento da septuagésima semana de anos de Daniel em decorrência de sua imprevisível morte na cruz. Cristo não falhou e nem deixou para depois. O que tinha de fazer, fez, e consumadamente. Para a Igreja, pois, Cristo não é o Rei que virá; é o que veio e sobre ela reina soberanamente. Cada crente é um servidor real, súdito do Rei, aquele que não se entregou à morte lamentando a perda da realeza, mas realizando e efetivando sua implantação. Ele nasceu, viveu e morreu como Rei. Na manjedoura foi homenageado como Rei. No ministério foi aclamado como Rei. No julgamento foi condenado como Rei. Foi crucificado como Rei. Ressurgiu e, como Rei, assentou-se à destra do Pai, e reina: "Toda autoridade me foi dada no céu e na terra" (Mt 28.18). Israel teve patriarcas, Moisés, juízes e reis; a Igreja, porém, tem unicamente Jesus Cristo e jamais terá outro guia, outro mestre, outro sacerdote, outro rei, pois o governo do Messias, conforme a promessa, não terá fim, e nela o leão e o cordeiro comem juntos a mesma comida, isto é, judeus e gentios estão confraternizados no mesmo corpo.

ESPÍRITO, MINISTRO ESCATOLÓGICO

Cristo instaurou a nova era; assumiu o reinado sobre as novas criaturas nascidas da água e do Espírito (Jo 3.5). A pátria celeste, do outro lado da vida, faz-se presente neste mundo, que não pertence aos salvos, integrantes do corpo escatológico. A

Igreja de Cristo peregrina na terra sob a direção da Palavra de Deus e o ministério do Paráclito. O Espírito, plenamente em Cristo, habita a Igreja e cada um dos membros verdadeiramente regenerados. Assim, o ingresso pessoal e individual no reino messiânico se dá por um sinal visível, o batismo com água, e por outro invisível, o batismo com o Espírito Santo. Não há servo de Cristo sem regeneração. Não há regenerado sem o batismo com o Espírito Santo. Ele é, portanto, como ministro do Messias, uma presença real, necessária e operacional característica da nova era (At 2.17). Ele está, não somente no Ungido, mas em todos os seus redimidos. Textos do Velho e do Novo Testamentos que comprovam o efetivo papel ministerial do Espírito no reino messiânico, a Igreja: a- O Espírito sobre o Messias: "Do tronco de Jessé sairá um rebento, e das suas raízes, um renovo. Repousará sobre ele o Espírito do Senhor, o Espírito de sabedoria e de entendimento, o Espírito de conselho e de fortaleza, o Espírito de conhecimento e de temor do Senhor" (Is 11.1,2). O ministério do Espírito, antes indefinido, explicita-se e se revela em Cristo Jesus: "O Espírito do Senhor Deus está sobre mim, porque o Senhor me ungiu para pregar boas-novas aos quebrantados, enviou-me a curar os quebrantados de coração, a proclamar libertação aos cativos, e a por em liberdade os algemados; a apregoar o ano aceitável do Senhor e o dia da vingança do nosso Deus; a consolar todos os que choram" (Is 61.1,2 cf Mt 11.5). b- O Espírito sobre o povo da nova era, a Igreja: "E acontecerá depois que derramarei o meu Espírito sobre toda carne" (Jo 2.28 cf At. 2.16-21). "Agora, pois, ouve, ó Jacó, servo meu, ó Israel, a quem escolhi. Assim diz o Senhor que te criou e te formou desde o ventre, e que te ajuda: Não temas, ó Jacó, servo meu, ó amado, a quem escolhi. Porque derramarei água sobre o sedento, e torrentes sobre a terra seca; derramarei o meu Espírito sobre a tua posteridade, e a minha bênção sobre os teus descendentes" (Is 44.1-4 cf 32.15-17; Ez 37.14; 39.29; 36.25-27). A Igreja, pois, não está mais na carne, isto é, na velha era, mas no Espírito (Rm 8.2-11,13; II Co 3.6; Gl 3.21). c- Cristo batiza todos regenerados com o Espírito simbolizado no fogo, que ardia sobre o altar (Mt 3.11). d- O Espírito nos adota como filhos para Cristo: Gl 4.4-7; Rm 8.15-17). e- Ele é o penhor (arrabon), a garantia de nossa redenção e de nossa eterna herança escatológica (II Co 1.22; 5.5; Ef 1.14). f- Ele é o selo que qualifica o servo (doulos) como propriedade exclusiva de Cristo. Todos os verdadeiros convertidos são selados pelo Espírito para Cristo (II Co 1.22; Ef 1.13; 4.30). g- Cristo, pelo Espírito, ressuscitar-nos-á: "Se habita em vós o Espírito daquele que ressuscitou a Jesus dentre os mortos; esse mesmo que ressuscitou a Cristo Jesus dentre os mortos, vivificará também os vossos corpos mortais, por meio do seu Espírito que em vós habita" (Rm 8.11).

O Espírito Santo ministra por Cristo tanto na santificação como na iluminação para o conhecimento de Deus e dos fundamentos evangélicos, preservando o salvo no caminho escatológico, estabelecendo a existência, continuidade e a consciência do reino na Igreja e na mente de cada redimido. O que faz o reino porvir ser uma realidade essencial e condicionante no regenerado, um tipo de penhor, é, sem dúvida, o Espírito Santo. O estado de recriação ou de regeneração do servo de Cristo corretamente se classifica de ressurreição, pois a velha criatura morreu para a ordem antiga e renasceu para a nova era, os tempos do fim (II Co 3.18; 4.10,11,16,17; Ef 5.14; Fp 3.10,11), e isso é obra do Espírito Santo. Inestimável, pois, o ministério do Espírito no reino messiânico e na pessoa de cada súdito do Rei. As obras ministeriais e magisteriais do

Paráclito residem na ordem comissionante do Pai em nome do Filho: "O Consolador, o Espírito Santo, a quem o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo o que vos tenho dito" (Jo 14.26). "Quando vier, porém, o Espírito da verdade, ele vos guiará a toda a verdade; porque não falará de si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido, e vos anunciará as coisas que hão de vir. Ele me glorificará porque há de receber do que é meu, e vo-lo há de anunciar"(Jo 16.13,14 cf 16.7-11; 15.26; 14.26).

A NOVA CRIATURA

"E assim, se alguém está em Cristo, é nova criatura: As coisas antigas já passaram; eis que se fizeram novas" (II Co 5.17). O cristão real nasceu de novo por obra e graça de Jesus Cristo. Para ele as coisas antigas, as da velha era, passaram. Este renascimento é uma verdadeira ressurreição, pois o velho homem é morto e ressurreto em Cristo: "Portanto, se fostes ressuscitados juntamente com Cristo, buscai as coisas lá do alto, onde Cristo vive, assentado à direita de Deus" (Cl 3.1 cf Rm 6.3-9). Enquanto os desejos do homem velho eram e são de natureza prioritariamente sensorial, vinculando-o aos sentidos e à matéria, limitando sua esperança às coisas da vida presente e ao curso da existência terrena, transitória por si mesma; o súdito do reino messiânico sabe que apenas transita, sob o governo de Cristo e direção de seu ministro, o Espírito Santo, por este mundo, onde usufrui dos meios que Deus lhe deu, como quaisquer criaturas, mas o seu objetivo, seu alvo e seu destino é a pátria celeste. Nesta, depois de consumada, todos os redimidos de todos os povos, estarão unificados e confraternizados. Não haverá mais diferença entre o crente militante e o triunfante, pois o atual estágio escatológico terá chegado ao fim, a morte eliminada, os inimigos do Messias totalmente vencidos, o reino pleno instaurado. Essa diferença, de certo modo e relativamente, já não existe no regenerado. Paulo diz que o crente foi colocado por Cristo, de maneira privilegiada, nos postos celestiais: "E juntamente com ele nos ressuscitou e nos fez assentar nos lugares celestiais em Cristo Jesus" (Ef. 2.6). O eterno, o espiritual, o escatológico estão contidos no temporal, no humano e no atual por meio do Verbo encarnado e de seu corpo eclesial. O domínio presente do Cordeiro é antecipação de seu reinado futuro. O cristão pertence ao reino porvir por ter sido feito cidadão dos céus por Jesus Cristo. A militância terrena, com todos os sacrifícios de percurso e sofrimentos naturais, é um estágio glorioso e necessário. A maravilhosa conclusão de Paulo deve ser, e efetivamente é, o alvo de todos os servos de Cristo: " Combati o bom combate, completei a carreira, guardei a fé (II Tm 4.7).

O "hoje", pois, Cristo e seus servos, estão trazendo o "amanhã". O reino presente já é escatológico, pois representa o fim da velha era, sintetizada, concretizada, realizada e consumada no Filho do Homem com quem as coisas antigas chegaram ao fim e em quem a velha criatura foi sepultada, para com ele ressurgir um novo homem e uma nova ordem. Há, segundo as Escrituras, continuidades entre a Igreja militante na terra e a triunfante no céu, entre o reino escatológico de Cristo no mundo e o seu reinado sobre a pátria final dos ressurretos e glorificados. Podemos comparar tal continuidade

com a semente e a árvore, o grão e a espiga, a sementeira e a ceifa, a criança e o adulto, a base e o edifício que sobre ela se constrói. E a responsabilidade pessoal e missionária do cristão verdadeiro é imensa, pois se coloca à disposição, sem reservas, de seu Senhor para o testemunho e o serviço do reino. As obras de cada crente acompanham-no e são verdadeiras liturgias a Deus, que as reconhece e recebe-as com alegria (I Co 3.14; Ap 14.13). O servo de Cristo foi salvo para servir ao Rei no seu reino, especialmente no ministério da reconciliação: "Ora, tudo provém de Deus que nos reconciliou consigo mesmo por meio de Cristo, e nos deu o ministério da reconciliação, a saber, que Deus estava em Cristo, reconciliando consigo o mundo, não imputando aos homens as suas transgressões, e nos confiou a palavra da reconciliação. De sorte que somos embaixadores em nome de Cristo, como se Deus exortasse por nosso intermédio. Em nome de Cristo, pois, rogamos que vos reconcilieis com Deus (II Co 5.18- 20). "E nós, na qualidade de cooperadores com ele, também vos exortamos a que não recebeis em vão a graça de Deus" (II Co 6.1). A interação é tão profunda entre o Senhor e os seus servos, que ambos formam um corpo unitário semelhante à unidade trinitária (Jo 17.21); e quem recebe um redimido na qualidade de servo de Cristo, a ele recebe: "Quem vos recebe, a mim me recebe; e quem me recebe, recebe aquele que me enviou" (Mt 10.40 cf 10.40-42). Cada crente tem, conferido por Deus, um papel importantíssimo no reino do Messias.

O TRIGO E O JOIO

"Outra parábola lhes propôs, dizendo: O reino dos céus é semelhante a um homem que semeou boa semente no seu campo; mas, enquanto os homens dormiam, veio o inimigo dele, semeou o joio no meio do trigo, e retirou-se. E, quando a erva cresceu e produziu fruto, apareceu também o joio. Então, vindo os servos do dono da casa, lhe disseram: Senhor, não semeaste boa semente no teu campo? Donde vem, pois, o joio? Ele, porém, lhes respondeu: Um inimigo fez isso. Mas os servos lhe perguntaram: Queres que vamos e arranquemos o joio? Não! replicou ele, para que, ao separar o joio, não arranqueis também com ele o trigo. Deixa-os crescer juntos até à colheita, e, no tempo da colheita, direi aos ceifeiros: Ajuntai primeiro o joio, atai-o em feixes para ser queimado; mas o trigo, recolhei-o no meu celeiro.

JESUS EXPLICA A PARÁBOLA:

"Então, despedindo as multidões, foi Jesus para casa. E chegando-se a ele os seus discípulos, disseram: Explica-nos a parábola do joio do campo. E ele respondeu: O que semeia a boa semente é o Filho do Homem; o campo é o mundo; a boa semente são os filhos do reino; o joio são os filhos do maligno; o inimigo que o semeou é o Diabo; a ceifa é a consumação do século, e os ceifeiros são os anjos. Pois, assim como o joio é colhido e lançado ao fogo, assim será na consumação do século. Mandará o Filho do Homem os seus anjos, que ajuntarão do seu reino todos os escândalos e os que praticam a iniquidade, e os lançarão na fornalha acesa; ali haverá choro e ranger de dentes. Então os justos resplandecerão como o sol no reino de seu Pai. Quem tem ouvidos [para ouvir], ouça" (Mt 13.24-30 e 36-34).

Precisamos destacar alguns ensinamentos de Cristo, fundamentais para a compreensão da escatologia em processo de realização: a- A jurisdição do reino messiânico é o mundo, onde a boa semente é semeada. Não há, pois, discriminação, no que se refere à redenção, entre os povos. b- O semeador da boa semente é o Filho do Homem, proprietário do campo e dos grãos semeados. c- O trigo selecionado é a Igreja verdadeira, unidade dos eleitos, ovelhas do Pai entregues ao Filho, súditos do reino escatológico na terra. d- O joio são os filhos do maligno, por ele semeados no campo alheio. e- Trigo e joio crescem juntos. Este quadro não se modificará na presente era, durante a jornada da Igreja peregrina. O reino de Cristo cresce, e tem de ser assim, no mesmo campo onde cresce o reino do Diabo, produzindo joio em abundância. Cristo não deixa lugar para a escatologia posmilenista, isto é, que o bem, encarnado na Igreja, progressivamente dominará o mundo, preparando-o para a volta de Cristo. A tensão e o conflito entre Igreja e mundo continuarão até o final da presente era, o tempo presente do reinado espiritual de Cristo por sua Igreja universal. A ação maligna, que arruinou a humanidade pelo aliciamento do primeiro casal e tentou, por todos os meios, liquidar, via tentação, a nova humanidade em Cristo Jesus, continua, e cada vez mais intensa, contra a Igreja. Porém, jamais transformará o trigo em joio, como também a Igreja não recebeu o poder de converter um campo de joio em trigo. Os filhos do reino, semente de Jesus Cristo, são distintos em natureza, posto que eleitos, dos filhos do maligno. f- A ceifa é a consumação dos séculos, quando o joio, antes do trigo, será atado e destinado ao fogo (v.30 cf v. 41,42) para o tormento eterno (v. 42), e o trigo, recolhido ao celeiro de Cristo, o reino escatológico consumado, onde os justos resplandecerão como o sol (v. 43), pois o tentador não mais estará presente com seus filhos malignos, missionários do mal, corruptores da humanidade, perseguidores da Igreja, inimigos de Cristo. Muitos irregenerados, instrumentalizados pelo Diabo, penetram a Igreja visível e institucional do Cordeiro como falsos membros e falsos líderes, profetas da mistificação e ministros de si mesmos. g- Os ceifeiros são os anjos, e a ceifa será concomitante, de trigo e de joio na consumação do século. Não haverá duas consumações, dois estágios ou duas colheitas, separadas por um espaço temporal de mil anos. A parábola da rede (Mt 13. 47-50) contém, fundamentalmente, o mesmo ensino.

A MORTE

"E lhe deu uma ordem: De toda árvore do jardim comerás livremente, mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás; porque no dia em que dela comeres, certamente morrerás" (Gn 2. 16,17).

O primeiro homem, depois de convencido por Satanás de que a ordem divina limitava os poderes humanos, condicionava o homem à submissão irrestrita a um mandamento, colocando a criatura em plano inferior à do Criador, resolveu desobedecer, rompendo o pacto, na tentativa, segundo a proposta do maligno, de igualar-se a Deus. O resultado foi desastroso. Como lhe havia sido previsto, o sofrimento e a morte entraram em sua vida e, por ela, na da humanidade inteira (Cf Gn 3.16-19). A morte puniu o arquétipo transgressor em quem todos nós, essencial e originalmente, nos encontrávamos. Ficamos desprovidos da direção inteligente de um

superior a nós. Perdemos-nos, egocentramo-nos, perecemos. Quem pode conhecer e dominar os mistérios do bem e do mal é somente o Criador, Senhor e Governador de todas as coisas, visíveis e invisíveis, naturais e espirituais. Ao homem competia, conforme os postulados do pacto e dentro dos limites de sua humanidade, o honroso papel de servo. A penalidade da desobediência, segundo a divina preconização de sentença, seria a morte. E efetivamente aconteceu, atingindo o espírito e o corpo, pois o homem foi criado por Deus como unidade "pneumossomática". E assim ele o quer de volta.

A MORTE ESPIRITUAL

A morte espiritual foi consequência imediata do rompimento do pacto de obras. O homem deixou de ser servo de Deus, com todo o seu ser voltado para o Criador, para ser escravo de si mesmo e vítima indefesa do tentador. O material dominou, em sua pessoa, o espiritual e ele morreu, isto é, separou-se do Criador, foi expulso do Jardim, rompeu o vínculo com a fonte da vida, formou uma civilização à sua moda, insubmissa, contra o governo divino. A rebeldia do ancestral humano não só se perpetuou nos seus descendentes, mas neles se ampliou, agravou-se, aprofundou-se. Cada um carrega o peso da queda humana ao qual soma a carga de suas próprias culpas. À decadência espiritual, expressa pela generalizada idolatria, somaram-se a miséria moral e os conflitos sociais. O pecado fez gerar uma sociedade competitiva na qual os fracos são vencidos e esmagados pelos fortes. Os mortos espiritualmente viraram fratricidas (herança caímica), homicidas e suicidas. O aguilhão da morte fere o coração do ser humano e o transforma em matador potencial. O domínio da malignidade da morte sobre o indivíduo e as nações é um fato inegável. Comprovam-no as numerosas penitenciárias e também as guerras localizadas e gerais, vitimadoras de milhões de guerreiros, de gente pacífica, de indefesos e de inocentes. O mundo, posto no maligno pelo pecado, está espiritualmente morto, sendo, em consequência, agenciador da morte.

A MORTE FÍSICA

A morte física não eliminou o homem imediatamente após o ato pecaminoso da desobediência, mas passou a fazer parte de sua natureza. Quando nascemos, começamos a viver e a morrer concomitantemente. Todos somos pecadores e estamos morrendo; e o nosso fim se aproxima, "porque o salário do pecado é a morte" (Rm 6.23).

Os animais e os vegetais, certamente, não foram colocados na terra para viverem eternamente, mas a mortalidade não fazia parte do homem antes da queda. Ele foi criado à semelhança de seu Criador, recebeu dele o fôlego de vida, o espírito (Gn 2.7). Como Deus é imortal, "sua imagem" na terra deveria ser. A criação do homem, pois, foi diferenciada, e muito, da criação dos outros seres viventes. Não sabemos como era o seu corpo e as reais funções do alimento no seu organismo. Somos informados, no entanto, que o pecado o corrompeu, trazendo-lhe sofrimentos e morte. Semelhantemente, ignoramos completamente as razões e os efeitos da alimentação no organismo ressurreto do Segundo Adão, Jesus Cristo (Lc 24.41,42), pois o seu corpo espiritual não dependia mais de nutrição física.

Não cremos, como afirmam alguns, que a morte já estava presente na vida de Adão e Eva antes do pecado. O ser humano foi criado muito superior aos demais seres vivos, posto que dotado de dupla dimensão, material e espiritual, e revestido de

inocorrupibilidade, pois nele não havia pecado, causa da morte. O falecimento promove a separação das partes constitutivas do homem: corpo e a alma; mas não definitivamente. Pela misericórdia de Deus, mediante a ressurreição, sua unidade será restaurada, e assim viverá eternamente. Os redimidos não devem temer a morte (Sl 116.15; Lc 23.43; Jo 14.2; Fp 1.21-23; II Co 5.8; I Co 15.54-57).

A MORTE E A GRAÇA

A morte biológica começa com a vida. O início da vida, já concepção, é também o começo da morte. A vida é uma jornada em direção ao túmulo.

O homem, no estado de pecado e morte, não pode viver eternamente. O conflito entre o bem e o mal, com visível predominância do mal, inabilita-o à vitória sobre si mesmo, sobre o mundo, sobre o tentador. Eternizar-se em tal situação de debilidade e de miséria seria horrível. Deus, porém, evitou o pior: " Então disse o Senhor Deus: Eis que o homem se tornou como um de nós, conhecedor do bem e do mal; assim, para que não estenda a mão, e tome também da árvore da vida, e coma, e viva eternamente, o Senhor Deus, por isso, o lançou fora do jardim do Éden, a fim de lavrar a terra de que fora tomado" (Gn 3. 22, 23). A expulsão do homem foi, em última análise, um ato da graça divina, evitando a eternização da malignidade, da mortalidade e da corrupção, estabelecendo a temporalidade da tentação, do tentador, do pecado, da carnalidade e da morte. Ficava aberta possibilidade, que se tornou em grande esperança e efetiva promessa, de reconciliação do pecador com o Criador por meio da redenção graciosa e da restauração do corpo, dizimado pela morte, por meio da ressurreição. Deus não permitiu que a ab-rogação do pacto, estabelecesse um estado irreversível e permanente, de sua mais nobre criatura. A Semente da mulher haveria de reverter o quadro, e efetivamente o fez. O pecado reinou durante muito tempo e, por ele, a morte, mas já não reina sobre os salvos em Cristo; e um dia não mais reinará sobre a humanidade inteira (Rm 5.12-21; I Co 15.21), pois a morte e o inferno serão lançados no lago de fogo (Ap 20.14), isto é, a morte e o inferno morrerão. A vida (alma), por algum tempo, conviverá com a morte, pois estará num corpo mortal. Quando este se desfizer, ela será recolhida pelo seu autor e dono, o Senhor Jesus, com quem aguardará o retorno ao corpo ressurreto e incorruptível, o ideal preconizado por Deus. A vida celeste, porém, já está presente na terrestre (Rm 8.9-11; Jo 5.28, 29).

A MORTE VENCIDA

A morte veio matando inapelavelmente todas as criaturas humanas, até atingir Jesus Cristo. Seu triunfo, porém, sobre o Segundo Adão durou poucas horas. Este derrotou pela ressurreição, decretando seu fim, impedindo sua vitória final tanto sobre o corpo como sobre o espírito: "A graça que nos foi dada em Cristo Jesus antes dos tempos eternos, e manifestada agora pelo aparecimento de nosso Salvador Cristo Jesus, o qual não só destruiu a morte, como trouxe à luz a vida e a imortalidade"(II Tm 1.9b,10a). "Sem derramamento de sangue não há remissão" (Hb 9.22b). Sem morte não há redenção. O Pai usou a morte de seu Filho para trazer-nos de volta à vida, perdida em Adão: "Porque Cristo, quando nós ainda éramos fracos, morreu a seu tempo

pelos ímpios. Dificilmente alguém morreria por um justo; pois poderá ser que pelo bom alguém se anime a morrer. Mas Deus prova o seu próprio amor para conosco, pelo fato de ter Cristo morrido por nós, sendo nós ainda pecadores" (Rm 5.6-8). A morte, embora ainda presente nos nossos corpos mortais, sabemos que ela está derrotada por Jesus Cristo: "Tragada foi a morte pela vitória. Onde está, ó morte, a tua vitória? onde está, ó morte, o teu aguilhão?" (I Co 15. 54b, 55). A ação da morte sobre o corpo do crente é temporária; a ressurreição é o seu limite e seu fim. A certeza de que nossos corpos não permanecerão eternamente nos túmulos evidencia-se na comparação da morte com o sono, feita por Cristo e Paulo (Jo 11.11; I Ts 4.13).

A morte para nosso Senhor Jesus Cristo, o Cordeiro de Deus, foi terrível, porque sobre ele pesavam o pecado e o signo da mortalidade de todos os seres humanos. Nele, pois, morremos e com ele ressuscitamos (Rm 6.5). Pela morte ele matou a morte para nos garantir a vida. A graça triunfou. O reino dos céus é vindo. O inferno não é mais o destino de todos os homens.

Se Cristo morreu por nós, por que morremos? -A morte de Cristo transformou a nossa morte em bênção, em gloriosa transferência da vida terrena para a celeste. Morremos selados pelo Espírito Santo como filhos da promessa, sob a garantia da ressurreição, uma bênção prometida e garantida por Jesus Cristo. Podemos, com o irmão Paulo, afirmar: "Estamos em plena confiança, preferindo deixar o corpo e habitar com o Senhor" (II Co 5.8). "Para mim o viver é Cristo, e o morrer é lucro" (Fp 1.21). A morte, derrotada por Cristo, deixou de ser ameaça para o crente, perdeu seu poder aterrorizante e destruidor: "Bem-aventurados os mortos que desde agora morrem no Senhor. Sim, diz o Espírito, para que descansem das suas fadigas, pois as suas obras os acompanham" (Ap 14.13 cf Sl 116.15).

IMORTALIDADE

As Escrituras não apresentam uma imortalidade parcial do homem, apenas da alma. Ele foi criado imortal, uma unidade vital indivisível, corpo e espírito, "pneumossoma". A Bíblia desconhece a dicotomia grega de um homem composto de elementos distintos e conflitantes, um transcendente, puro, nobre, espiritual e imortal, a alma (psychê); e outro impuro, indigno, corrupto e mortal, o corpo (soma, sarx). A dignidade, a santidade e a imortalidade são dádivas do Criador ao homem integral, um ser psicossomático. Assim ele foi criado: "Também disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança" (Gn 1.26a). A sua condição de superioridade é evidente: "Tenha ele domínio sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus, sobre os animais domésticos, sobre toda a terra e sobre todos os répteis que rastejam pela terra" (Gn 1.26b). O homem, pois, foi criado para ser servo do Criador, semelhante a ele, e senhor da criação. O pecado interrompeu a unidade, a essencialidade e a idealidade do homem. A morte devolve o seu corpo ao pó, mas não tem poder de retê-lo eternamente ali; e o Espírito volta a Deus, ficando nele preservado para o dia da ressurreição, pois o ideal, conforme os propósitos divinos na criação, não é um homem eternizado sem corpo, mas como realmente Deus o fez e o quer no paraíso: Um ser "pneumossomático". Portanto, a eternidade fica garantida tanto ao corpo, que sofre

morte temporária, como à alma, ambos dignos e nobres. Cristo, o nosso protótipo, está com seu corpo ressurreto, ser humano perfeito, à destra do Pai no trono celeste. O fato de o nosso corpo voltar ao pó de onde viera, pelo processo de decomposição, não elimina a esperança de sua restauração pelo poder de Deus mediante a ressurreição. A destruição física causada pela morte não é definitiva. O homem da humanidade caída, no qual a imagem do Criador está desfigurada, restabelece-se na humanidade redimida em Cristo Jesus, o último Adão: "Porquanto, aos que de antemão conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho" (Rm 8.29a). "Somos transformados de glória em glória na sua própria imagem, como pelo Senhor, o Espírito" (II Co 3.18b cf Cl 3.10; Hb 2.5-10).

A importância do corpo.

"Então formou o Senhor Deus (Javé Elohim) ao homem do pó da terra, e lhe soprou nas narinas o fôlego de vida (Ruach, Pneuma) e o homem passou a ser "alma vivente", "Nephesh hayyâ" (Gn 2.7). Duas coisas devem ser observadas: 01- Deus, pessoalmente, como insuperável artífice, de matéria inadequada à escultura, formou o corpo do homem. Sendo uma obra de arte do Criador, seu valor é inestimável; deve ser preservado, conservado, admirado e engrandecido. 02- Deus vitalizou o homem com seu hálito, "Ruach", e, em decorrência dessa vitalização, ele passou a ser "nephesh hayyâ", ser vivente. O animal também é um ser vivente (nephesh hayyâ), mas a sua vida procede de uma ordenação de Deus à natureza: "Disse também Deus: Produza a terra seres viventes, conforme a sua espécie: Animais domésticos, répteis e animais selváticos, segundo a sua espécie. E assim se fez" (Gn 1.24). A vida do homem, portanto, procede do espírito, um dom de Deus. Ele não é "nephesh hayyâ" como os animais, pois a eles é muitíssimo superior, obra prima da criação, "imago Dei".

O novo homem, restaurado por Jesus Cristo, tem seu corpo eminentemente valorizado e nobilitado, pois foi transformado em templo do Espírito Santo (I Co 6. 19), habitação de Deus. A ênfase do Novo Testamento não está na defesa de uma alma imortal independentemente do corpo, embora esta seja a realidade provisória do estado intermediário, mas na doutrina da ressurreição pela qual o nosso corpo mortal se revestirá de imortalidade (I Co 15): "Porque é necessário que este corpo corruptível se revista de incorruptibilidade, e que o corpo mortal se revista de imortalidade" (I Co 15.53 cf 15.42 - 54; I Ts 4.13-18). O homem, pois, é uma unidade, corpo-alma, "pneumossoma"; assim se expressa na terra e se expressará no céu, eternamente, com seu corpo ressurreto, à semelhança de seu Senhor. O nosso protótipo é Jesus Cristo que, ressurreto, está à destra do Pai com seu corpo humano incorruptível.

A imortalidade, preservada no espírito humano durante o estado intermediário, não é própria do homem e, muito menos, inerente à sua alma, não imortal em si mesma: Vem de Deus, o único ser incriado, Criador, doador da vida, original e essencialmente imortal (I Tm 6.15,16). Todos os demais seres foram criados, inclusive os anjos.

ESTADO INTERMEDIÁRIO

“E o pó volte à terra, como o era, e o espírito volte a Deus, que o deu” (Ec 12.7).

O chamado "estado intermediário" é o que abrange o período entre a morte e a ressurreição. O corpo volta a incorporar-se à matéria e a alma (espírito) é retomada por Deus, em se tratando de redimido, e fica sem sofrimento, mas também sem a plena realização, visto perder sua idealidade de ser humano completo, corpo-alma. Estar com Deus é estar no céu. O ímpio, ao morrer, seu corpo toma o mesmo destino, temporariamente, do corpo do justo, isto é, experimenta a corrupção, mas sua alma vai para o hades, onde já padece considerável situação de angústia à espera da ressurreição. Esta, porém, lhe agravará muitíssimo a condição, porque no corpo sofrerá eternamente os horrores da geena ou lago de fogo. Na linguagem apocalíptica, o inferno, habitação dos réprobos, e a morte estão consorciados e, em consequência, serão ambos, no juízo final, lançados na geena: "Então a morte (thánatos) e o inferno (hades) foram lançados para dentro do lago de fogo (Ap 20 14a, 15 cf Mt 25.41-46). Hades é um lugar onde as almas dos reprovados ficam aprisionadas em sofrimentos prévios e relativos, aguardando o pior que está para vir, a geena (gehenna), habitação eterna de Satanás e suas hostes, dos perdidos e da morte, que é vida desqualificada, desprovida de virtudes, de esperança, de amor, de fé, de conforto e da presença de Deus. Na geena não haverá consolo e esperança, prevalecendo intensíssimo pranto e ranger de dentes (Mt 5.22; 8.12,29; 10.28; 13.42,,50; 18.9; 22.13; 23. 15,33; 24.51; 25.30,41,46; Mc 9.43, 45, 47,48; Lc 13.28; Ap 19.20; 20.10,14,15). Hades, como se notou, é a prisão, no estado intermediário, das almas dos que morreram sem Cristo. Geena, por outro lado, será o estado final e eterno dos que se encontram no hades e dos perdidos que estiverem vivos na volta do Cordeiro. A palavra geena (gehenna), usada para denotar, metaforicamente, os tormentos eternos imitigáveis e inconsoláveis do ímpio ressurreto, depois do juízo final, vem de "gê hinnon", terra de Hinom, nome de um vale ao sul de Jerusalém, também denominado "Vale dos filhos de Hinnon" (II Cr 28.3; II Rs 23.10). Nesse vale ergueram-se, num local chamado Tofete, altares a Baal e a Moloque a quem se ofereciam crianças em sacrifício (II Rs 16.3; 21.6). Tais práticas idolátricas foram condenadas veementemente por Josias (II Rs 23.10); e Jeremias profetizou que o Vale se tornaria o local do juízo de Deus (Jr 7.32; 19.6).

O ESTADO INTERMEDIÁRIO NO VELHO TESTAMENTO

O conceito de separação de alma e corpo como causa imediata da morte desenvolveu-se progressivamente no Velho Testamento. No início, acreditava-se que todos os mortos iam para o Sheol, um local subterrâneo, escuro, onde Deus não é lembrado (Jó 10.21,22; 26.5; Sl 6.5; 30.9; Sl 85.5,11; 155.17; Pv 1.12; 27.20; Is 5.14). Tinha-se por certo que no sheol não se prestava culto a Javé (Sl 88.11; Is 38.18) por causa, certamente, da impureza cerimonial dos mortos. O isolamento do morto era um tipo de morte, caracterizada pelo afastamento de Deus, pela alienação da criatura em relação ao seu Criador.

ESTADO INTERMEDIÁRIO NO NOVO TESTAMENTO

O Velho Testamento já contém um embrião da escatologia neotestamentária, onde há, embora ainda muito vaga, uma esperança de sobrevivência no estado intermediário, o que provocou pronunciamentos esparsos sobre a ressurreição dos mortos (Jó 14.13-22; 19.25-27; Sl 49. 15; Dn 12.2). No Novo Testamento a morte deixa de ser, para os justos, um estado de abandono e esquecimento, pois o Senhor da vida lembra-se deles e há de fazê-los voltar à existência plena. A ressurreição de Cristo (Hb 2.14; 7.16) aprofundou e definiu a doutrina escatológica da sobrevivência no estado intermediário: "Foi precisamente para esse fim que Cristo morreu e ressurgiu; para ser Senhor tanto de mortos como de vivos"(Rm 14.9). O hades, tradução de sheol, perdeu completamente o poder sobre a Igreja (Mt 16.18,19; I Pe 3.18-20; 4.6; Ap 1.18). Os que morrem em Cristo passam, imediatamente, a viver com ele (Fp 1.23; II Co 5.2-8; Lc 23.43; 16.22-31), mesmo sem a idealidade final, quando suas almas reunirem-se aos seus corpos incorruptíveis. Quem passa à eternidade sem o Salvador vai, incontinentemente, para o hades. Ali, em padecimentos relativos, espera o juízo final, quando, reincorporado, será mandado, pelo Justo Juiz, para a geena, local do sofrimento máximo do físico e da alma.

ESTADO INTERMEDIÁRIO DESTINO DO CORPO

"Porque tu és pó, e ao pó tornarás" (Gn 3.19b cf Ec 12.7).

Deus criou o homem do pó da terra (Gn 2.7). A Bíblia não diz que Deus criou o corpo do homem, mas o homem; isto é, fê-lo para identificar-se e expressar-se por meio do corpo, e não fora dele. O pecado, porém, desmontou o que deveria ser, e para sempre, a imagem de Deus, incorporando-lhe um terrível e estranho elemento desintegrador, a morte. Um corpo morto entra no domínio da perecibilidade e, com rapidez, desintegra-se para reincorporar-se à matéria de sua procedência. A tentativa egípcia de conservar os corpos de pessoas famosas, impedindo-lhes a deterioração, o máximo que conseguiu foi transforma-los em tristes e petrificadas múmias. Também a cremação tem reduzido corpos a algumas gramas de restos crematórios, guardados como relíquias memoriais dos falecidos. A conservação tanto da múmia como das cinzas de um falecido servem apenas para mostrar que a decomposição do corpo humana é irreversível, e que os meios inaturais, mumificação e cremação, têm resultados finais degradantes. Nosso corpo veio do pó, retirado pelas mãos divinas, e deve voltar ao seio de onde saiu, conforme imperativo do Criador: "Tu és pó, e ao pó tornarás". Uma pessoa do povo, falecida há dois mil anos, dela, naturalmente, não se encontrará nenhum vestígio de restos mortais. Os seus elementos corporais, orgânicos e químicos, literalmente retornaram à matéria original, fundiram-se nela e nela se amalgamaram. Nenhuma identificação do que foi sepultado é possível. O mesmo processo de reintegração acontece com os mortos lançados ao mar ou nele desaparecem por afogamento. Apocalipse fala da ressurreição, no último dia, dos que foram tragados pelas águas: "Deu o mar os mortos que nele estavam" (Ap 20.13a).

Deus, certamente, ressuscitará os mortos incinerados por acidente, queimados nos campos de batalha ou cremados nos crematórios oficiais. Entendemos, porém, que a cremação como substituta do sepultamento, perfeitamente evitável, é uma forma de violência ao corpo humano que, mesmo depois de morto, cumpre-nos respeitá-lo como obra especialíssima do Criador. E a Bíblia, nossa única regra de fé e comportamento, não nos autoriza, nem de leve, a calcinação de nossos corpos. Devemos atender, em situações normais, a previsão do Criador: "Tu és pó, e ao pó tornarás" (Gn 3. 19). O que as Escrituras não recomendam com mandamentos claros, não devemos fazer. É o caso da cremação. Aliás, o povo de Deus, no Velho Testamento, sempre cuidou dos funerais de seus mortos. Vejam, por exemplo, as inumações de: Abraão (Gn 25.9), Isaque, bem como Rebeca e Lia (Gn 49.31), Jacó (Gn 50.13), Débora (Gn 35.8), Raquel (Gn 35.19,20), Gedeão (Jz 8.32), Sansão (Jz 16.31), Asael (II Sm 2.32), Aitofel (II Sm 17.23) e até Saul (II Sm 21.12-14). Jesus teve a honra de um túmulo novo, cedido por José de Arimatéia (Lc 23.52,53).

A ressurreição não trará de volta os mesmos componentes físicos, minerais e químicos, as mesmas células e os mesmos átomos sepultados. Paulo compara o corpo depositado na sepultura com a semente lançada na terra: "Quando semeias, não semeias o corpo que há de ser, mas o simples grão, como de trigo ou de qualquer outra semente" (I Co 15.37). "Assim também, conclui o apóstolo, é a ressurreição dos mortos. Semeia-se o corpo na corrupção, ressuscita na incorrupção. Semeia-se em desonra, ressuscita em honra. Semeia-se em fraqueza, ressuscita em poder. Semeia-se corpo natural, ressuscita corpo espiritual. Se há corpo natural, há também corpo espiritual" (I Co 15.42-44). Assim como recebemos um corpo adequado à vida física, receberemos outro apropriado à existência espiritual, sendo o primeiro a base do segundo. A ressurreição do justo, pois, segundo a teologia paulina, não é a recuperação do nosso velho corpo, mas sua restauração e transformação, pelo miraculoso poder de Deus, em um novo corpo incorruptível , de natureza espiritual e dotado de imortalidade. As Escrituras afirmam que os ímpios também ressuscitarão, recebendo seus corpos de volta, mas para o juízo final e a condenação eterna (Mt 25. 41,46). Concluindo: Deus nos dará, pelo milagre da ressurreição, um corpo perfeito, eterno, santo, identificador de nossa verdadeira personalidade restaurada em Cristo e colocada a serviço do Salvador. Não importam as condições do corpo entregue ao pó. Muitos são sepultados em estados deploráveis: Envelhecidos, depauperados, desfigurados, deformados, mutilados, necrosados; todos ressuscitarão imaculados, completos, perfeitíssimos, transformados à imagem do Criador.

ESTADO INTERMEDIÁRIO O DESTINO DA ALMA REDIMIDA

Na morte, o corpo do servo do Senhor volta ao pó e o seu espírito retorna ao Criador (Ec 12.7), onde, sob felicidade provisória e relativa, aguarda a ressurreição do corpo, recuperando o estado de idealidade com o qual entrará no gozo pleno da vida eterna em e com Cristo Jesus, o Redentor. A imortalidade, pois, do ser humano completo e ideal, corpo-alma, fica preservada por Deus no espírito, agraciado com o dom da imortalidade. A sobrevivência da alma no período compreendido entre a morte e

a ressurreição é fato claramente revelado nas Escrituras Sagradas. Jesus disse a um dos crucificados com ele: "Em verdade te digo que hoje estarás comigo no paraíso" (Lc 23.43). O ladrão arrependido confiou sua alma a Cristo e este, naquele mesmo dia, entregou o espírito ao Pai (Lc 23.46), levando consigo o novo regenerado. O malfeitor, numa revelação messiânica extraordinária, pediu ao Rei crucificado: "Lembra-te de mim, quando vieres no teu reino"(Lc 23.42). Jesus lhe deu a resposta acima referida que, interpretada, reduz-se a: 01- Fica atendido o seu pedido. Você, a partir deste momento, é súdito do meu reino. 02- O meu reino já veio e seu domínio abrange o céu e na terra (Cf Mt 28.18). É de natureza espiritual e eterna. Os que pertencem a ele viverão para sempre. 03- Hoje mesmo, não depois, estará comigo no Paraíso, isto é, no palácio real, gozando de todos os direitos e privilégios de um escolhido do Rei. O termo paraíso, além de jardim de descanso ou horto imperial, significa, por analogia, céu. Paulo, em visão, esteve lá: (II Co 12.3). Apocalipse registra: "Ao vencedor dar-lhe-ei que se alimente da árvore da vida que se encontra no paraíso de Deus" (Ap 2.7b). Portanto, a alma do ladrão convertido foi para o céu imediatamente após a morte, e com o seu Salvador se encontra, esperando a sua glorificação completa pela ressurreição do corpo. As palavras céu e paraíso dizem a mesma coisa, referem-se ao mesmo lugar, exatamente onde se encontram as almas de todos os redimidos na companhia de Jesus Cristo.

Outro sinônimo de céu é "seio de Abraão", o patriarca com o qual Deus firmou o pacto da graça, que teve como símbolo externo a circuncisão. Abraão, o pai da fé, é tão importante na economia da redenção que, para os judeus, figura o próprio Deus. Jesus diz que Lázaro morreu e foi levado pelos anjos para o seio de Abraão, isto é, para o céu (Lc 16.22), local em que banqueteiavam os patriarcas, segundo a imagem transmitida por Jesus: "Digo-vos que muitos virão do Oriente e do Ocidente e tomarão lugar à mesa com Abraão, Isaque e Jacó no reino dos céus (Mt 8.11). Os que morreram salvos estão com Deus, e neste rol encontram-se os patriarcas. Vejam o que declara nosso Senhor Jesus Cristo: "E quanto à ressurreição dos mortos, não tendes lido o que Deus vos declarou: Eu sou o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó? Ele não é Deus de mortos, e, sim, de vivos" (Mt 22.31,32). Os patriarcas, portanto, estão vivos na expectativa da ressurreição. Paulo não duvidava de que o crente, ao deixar esta vida por meio da morte, passaria à habitação com Cristo: "Entretanto, estamos em plena confiança, preferindo deixar o corpo e habitar com Cristo"(I Co 5.8 cf Fp 1.23). Habitar com Cristo é a mesma coisa que habitar no céu ou Jerusalém celeste, que o autor da Carta aos Hebreus enxerga como o cumprimento da promessa: "Mas tendes chegado ao monte Sião e à cidade do Deus vivo, a Jerusalém celestial, e a incontáveis hostes de anjos, e à universal assembléia e Igreja dos primogênitos arrolados nos céus, e a Deus, o Juiz de todos, e aos espíritos dos justos aperfeiçoados" (Hb 12.22,23). Os espíritos, ao se desincorporarem, deixam a Igreja da terra e passam, sem nenhum intervalo temporal, para a Igreja viva do céu, também denominada seio de Abraão, paraíso e habitação com Cristo. Não há, pois, base escriturística para sustentação da doutrina da extinção do homem total, corpo e alma, pela morte; nem fundamento para se afirmar, como fazem alguns, que a alma fica em estado letárgico, totalmente inconsciente, junto ao corpo até a ressurreição. O redimido está em Cristo aqui, e nele

permanece depois da morte. Cristo é o centro aglutinador de todos os eleitos, o Senhor de quem todos, pela sua graça, nos tornamos escravos.

ESTADO INTERMEDIÁRIO O DESTINO DOS ÍMPIOS

As Escrituras pouco falam do destino dos ímpios. No Velho Testamento a revelação se destinava a Israel, o povo escolhido de entre vários povos, e apenas acidental e circunstancialmente algumas informações referiam-se aos gentios, concerniam-se-lhes, ou a eles se endereçavam. No Novo Testamento, a revelação centraliza-se no Messias, fala de seu ministério, visa a Igreja, cuida da instrução espiritual de seus membros, preparando-os para o testemunho na terra, dando-lhes a certeza da possessão eterna, a esperança da ressurreição e a firme convicção de que todas as promessas relativas ao porvir estão garantidas em Cristo Jesus e fatalmente se cumprirão. Pelas poucas referências, no entanto, podemos concluir, na trilha de Ray Summers (*A Vida no Além*. JUERP, 1979, 2a. Edição), que os ímpios falecidos:

a- **Estão separados de Deus.** Na parábola do Rico (Divis) e Lázaro, Jesus disse que havia um grande abismo entre Deus e seus redimidos e os perdidos: "E, além de tudo, está posto um grande abismo entre nós e vós, de sorte que os que querem passar daqui para vós outros não podem, nem os de lá passar para cá" (Lc 16.26). Jesus deseja demonstrar que tanto os redimidos como os condenados, no estado intermediário, não podem modificar em absolutamente nada as suas condições. A idéia é de fixidez e irreversibilidade. O "grande abismo" impede o trânsito entre o céu e o hades. O rico viu Lázaro, mas não se registra que este o tenha visto. O atormentado pode falar com o Pai Abraão, mas não com Lázaro. A presença de Deus, como onipresente, mas sem as comunicações das virtudes divinas e o consolo do Espírito Santo, acentua e aprofunda ainda mais os sofrimentos dos habitantes do inferno, onde a solidão é absoluta; o amor e a paz, inexistentes; a esperança, impossível; o desespero, interminável.

b- **Estão sob horrível sofrimento:** "Morreu também o rico e foi sepultado. No inferno, estando em tormentos, levantou os olhos e viu ao longe a Abraão e Lázaro no seu seio. Então, clamando, disse: "Pai Abraão, tem misericórdia de mim! e manda a Lázaro que molhe em água a ponta do dedo e me refresque a língua, porque estou atormentado nesta chama"(Lc 16.22b-24). A intensidade do castigo evidencia-se nos apelos do rico para que Lázaro minorasse seus padecimentos com a ponta do dedo molhado em água fresca. Esta imagem dos tormentos a que ficam submetidas as almas ímpias no hades, embora esteja numa narrativa parabólica, recebe comprovação petrina: "O Senhor sabe livrar da provação os piedosos, e reservar, sob castigos, os injustos para o dia do juízo" (II Pe 2.9). Notem bem o que Pedro, sob inspiração reveladora do Espírito, declara: "**Reservar, sob castigos, os injustos para o dia do juízo.**" Ele fala, pois, da situação dos reprovados no estado intermediário, retidos em prisão na negritão das trevas (II Pe 2.4,17; Jd 13). Duro se lhes é agora o sofrimento no hades; piores, e muito, ser-lhes-ão os estertores da geena no estado ressurreto. Trataremos deste assunto mais tarde.

c- Estão conscientes e sensíveis. O rico mantinha total sensibilidade às dores morais, consciência plena de culpa (em nenhum momento alegou inocência) e sentimento de solidariedade fraterna compassiva pelos irmãos que, na terra, seguiam-lhe os passos corruptos. Contemplando, pelo menos concessivamente, a felicidade de Lázaro no seio de Abraão, isto é, com intimidade de filho na companhia do Pai, podia comparar a glória dos redimidos com a inconsolável tristeza dos perdidos. No hades, o rico falou, pensou, argumentou, ponderou. Querem provas de consciência mais contundentes? Jesus teria colocado essas informações apenas como elementos de retórica ou componentes inverossímeis de uma história parabólica? O bom senso e a credibilidade que nosso Senhor merece autorizam-nos a dizer um definitivo NÃO. Além do mais, Pedro nos diz que Jesus pregou aos espíritos rebeldes em prisão (I Pe 3.19,20), aos que foram desobedientes aos apelos de arrependimento feitos por Noé, durante todo o tempo de construção da arca. O dilúvio veio e a todos matou, exceto a família de Noé, oito pessoas, como penalidade imposta por Deus aos recalitrantes incrédulos. O texto não nos diz que na prisão (phylakê), termo correspondente a hades, a pregação de Cristo foi "boa nova", evangelho, para conversão, mas para que, certamente, a autoridade de Cristo, inclusive de juiz, se tornasse conhecida no hades como já era no céu e na terra. As almas dos réprobos, pelo que ficou dito, estão vivas, conscientes e padecentes no hades, esperando o juízo final, que lhes trará os horrores da geena.

OS JUSTOS NO ESTADO INTERMEDIÁRIO

Consciência e cognição.

O rico, no hades, embora de longe, identificou Deus e reconheceu Lázaro: "No inferno, estando em tormentos, levantou os olhos e viu ao longe Abraão e Lázaro no seu seio (Lc 16.23). Ora, se um perdido atormentado no tártaro gozava de lúcida percepção, de clara visão e de indiscutível capacidade de reconhecimento; melhores condições cognitivas e volitivas terá o justo regenerado no céu sob a constante bênção da consoladora presença do Pai celeste. Lembremo-nos de que Lázaro encontrava-se desincorporado no seio de Abraão, mas sua alma conservava as características fenotípicas, possibilitando ao rico reconhecê-lo. A alma, pela morte, separa-se do corpo, mas a identidade pessoal se conserva intacta no além. Moisés, que não foi trasladado à semelhança de Elias, apareceu no Monte da Transfiguração; foi visto e reconhecido pelos discípulos. A racionalidade, a inteligência, o senso de justiça, a capacidade memorativa e o dom de receber, cognificar e reprocessar imagens, identificá-las, pessoalizá-las e separá-las, são virtudes humanas que a alma preserva no estado intermediário, conservando-se, em decorrência, como imagem e semelhança do Criador. Reconhecer-nos-emos, mesmo desvestidos de nossos corpos, mas tal reconhecimento se reveste dos valores da nova vida no além, sem qualquer interferência dos padrões sensoriais, sentimentais e passionais da existência terrena; pois, como previu Jesus, deixamos nossa família social, nossos amigos e nosso patrimônio material para integrarmos um corpo familiar mais profundo e permanente, bem como entrarmos na possessão de bens espirituais incorruptíveis (Cf Mc 10.29,30). No céu não haverá

carências psicológicas semelhantes as da terra. Seremos como os anjos (Mt 22.30). O rico lembrou-se de seus irmãos carnisais, certamente com remorso, porque participava com eles dos mesmos pecados, da mesma incredulidade, da mesma desumanidade. O redimidos no céu lembrar-se-ão de seus irmãos em Cristo com alegria por comungar com eles a mesma fé, a mesma comunhão com Deus, a mesma fraternidade em Cristo.

Volição

O vidente de Patmos, quando da abertura do quinto selo, viu as almas dos mártires sob o altar, que suplicavam ao Supremo Juiz justiça imediata. Este lhes respondeu, recomendando que repousassem durante tempo necessário à complementação do número dos eleitos, mártires por Cristo (Ap 6.9-11). As almas no céu, enquanto aguardam a ressurreição, permanecem ativas, inclusive no cântico litúrgico de adoração e louvor. João registra, visionariamente, esse coral de inumerável multidão de redimidos sobre o "mar de vidro mesclado de fogo", cantando o cântico de Moisés e o do Cordeiro: "Grandes e admiráveis são as tuas obras, Senhor Deus, Todopoderoso! Justos e verdadeiros são os teus caminhos, ó Rei das nações! Quem não temerá e não glorificará o teu nome, ó Senhor? pois só tu és Santo; por isso todas as nações virão e adorarão diante de ti, porque os teus atos de justiça se fizeram manifestos" (Ap 15.2-4). Vejam o extraordinário canto coral das almas vivas de todos os que morreram em Cristo e estão com Deus, conforme Apocalipse 7.9-12 cf 19.6-8. Os que falecem em Cristo incorporam-se aos inumeráveis cantores que não cessam de adorar e louvar o Criador e Salvador, mesmo com a restrição de estarem sem os seus corpos aos quais almejam retomar pelo inexplicável milagre da ressurreição.

No céu a racionalidade e a inteligência humanas não se anulam. Deixam, porém, de existirem paixões terrestres e amor seletivo aos íntimos. Minha mãe e minhas irmãs, meu pai e meus irmãos são todos os da família do Cordeiro. O amor entre os irmãos, no lar eterno, é irrestrito e incondicional. Carências afetivas nem sequer se nomeiam entre os salvos com Jesus. A psicologia celeste não se paraleliza com a terrestre. A cognição da presente vida não se transfere para a existência porvir. O apego à família carnal substitui-se pelo apaixonado amor aos irmãos espirituais. Dos que aqui deixarmos não conservaremos saudades. Os que lá encontrarmos são infinitamente superiores e incomensuravelmente mais amáveis e mais amados. No Paraíso compreenderemos a cristocentricidade do amor e o perfeito significado da afirmação de Cristo: "Quem ama seu pai ou sua mãe mais do que a mim, não é digno de mim; quem ama seu filho ou sua filha mais do que a mim, não é digno de mim; e quem não toma a sua cruz, e vem após mim, não é digno de mim (Mt 10. 37,38).

Desconhecemos o mecanismo e o processo, mas os espíritos desincorporados no Estado intermediário possuem capacidade de reconhecimento, são reconhecíveis, cognitivos, volitivos e laboriosos.

RESSURREIÇÃO NO VELHO TESTAMENTO

A ressurreição geral de todos, e em particular a dos santos, já estava delineada no Velho Testamento como extensão da doutrina da sobrevivência do homem depois da morte. Deus, pela sua inquestionável soberania, traria os seus eleitos de volta à

existência. Eis alguns textos que sinalizam ou evidenciam a fé vetotestamentária na ressurreição: a- "Pois não deixarás a minha alma na morte, nem permitirás que o teu santo veja a corrupção. Tu me farás ver os caminhos da vida; na tua presença há plenitude de alegria, na tua destra delícias perpetuamente"(Sl 16.10,11). Embora se aplique a Jesus Cristo (At 13.35), este texto estabelece o princípio da ressurreição. b- "A sepultura é o lugar em que habitam, mas Deus remirá a minha alma do poder da morte, pois ele me tomará para si"(Sl 49.14b,15 cf 73.24). Aqui, se não se clareia a ressurreição, pelo menos deixa assentado que o poder do sheol não é permanente sobre os eleitos. c- "Vede agora que eu sou, eu somente, e mais nenhum deus além de mim; eu mato e eu faço viver, eu firo e eu saro; e não há quem possa livrar alguém da minha mão" (Dt 32.39). O mesmo se lê em I Samuel 2.6: "O Senhor é que tira a vida, e a dá; faz descer á sepultura (ao sheol), e faz subir". Deus é Senhor da saúde e da doença, da vida e da morte; ele faz descer ao sheol, mas pode retirar de lá os seus escolhidos. d- "Disse mais: Eu sou o Deus de teu pai, o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó. Moisés escondeu o rosto, porque temeu olhar para Deus" (Ex 3.6). Jesus, respondendo aos saduceus, negadores radicais da ressurreição, interpreta assim o presente versículo: "E quanto à ressurreição dos mortos o que Deus vos declarou: Eu sou o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó? Ele não é Deus de mortos, e, sim, de vivos" (Mt 22.31,32 cf Mc 12.26,27; Lc 20.37,38). Os patriarcas e todos os eleitos do velho pacto estão vivos e, segundo a promessa, hão de ressurgir. e- "Vinde, e tornemos para o Senhor, porque ele nos despedaçou e nos sarará; fez a ferida, e a ligará. Depois de dois dias nos revigorará; ao terceiro dia nos levantará, e viveremos diante dele" (Os 6.1,2). A expressão, "ao terceiro dia", significa: No tempo oportuno, preordenado. Segundo os planos de Deus, Israel seria reconduzido definitivamente à fé. Tal recondução é aplicada a Jesus Cristo que, por sua morte e ressurreição ao terceiro dia, tem reconciliado os homens com Deus. f- "Eu os remirei do poder do inferno, e os resgatarei da morte: Onde estão, ó morte, as tuas pragas? Onde está, ó inferno, a tua destruição?" (Os 13.14). Paulo cita livremente estas palavras, aplicando-as à vitória final de Cristo sobre a morte: " E quando este corpo corruptível se revestir de incorruptibilidade, e o que é mortal se revestir de imortalidade, então se cumprirá a palavra que está escrita: Tragada foi a morte pela vitória. Onde está, ó morte, a tua vitória? Onde está, ó morte o teu aguilhão?" (I Co 15.54,55). O versículo 54 é uma citação parafraseada de Isaias (Is 25.8). g- "Os vossos mortos e também o meu cadáver viverão e ressuscitarão; despertai e exultai, os que habitais no pó, porque o teu orvalho, ó Deus, será como orvalho de vida, e a terra dará à luz os seus mortos" (Is 26.19). A esperança na ressurreição aqui se configura tanto quanto na visão ezequielica dos ossos secos (Ez 37.4,7-14). h- "Muitos dos que dormem no pó da terra ressuscitarão, uns para a vida eterna, outros para vergonha e horror eterno" (Dn 12.2). Chegamos, finalmente, ao texto vetotestamentário mais incisivo e mais convincente sobre a ressurreição geral dos mortos, inclusive com a afirmação de que a ressurreição tem por finalidade dar destinação final aos justos, a vida eterna; e aos ímpios, o castigo eterno. E tal separação ou juízo acontecerá imediatamente após a ressurreição, sem previsão de qualquer intervalo. Antes, porém, do dia em que todos os mortos hão de ressurgir, haverá um tempo precedente de angústias terríveis, quando o Anjo Miguel aparecerá para guiar o povo de Deus. Aqueles cujos nomes estiverem registrados no rol de Deus

serão salvos (Dn 12.1). Daniel escreveu sob o pano de fundo do período macabaico, época em que renascia forte, entre os fariseus, a crença na ressurreição.

O Velho Testamento contém, sem sombra de dúvida, a doutrina da ressurreição geral e final de todos os mortos. Os justos levantar-se-ão para a glória eterna; os injustos, para sofrimentos intermináveis na geena.

RESSURREIÇÃO DE CRISTO

Ressurreição profetizada.

O Cristo ressurreto declarou, segundo Lucas, que sua ressurreição estava preconizada no Velho Testamento: "Assim está escrito que o Cristo havia de padecer, e ressuscitar dentre os mortos no terceiro dia"(Lc 24.46 cf Is 53.1-12; Os 6.2). Paulo confirma a declaração de Jesus num texto confessional da Igreja: "Antes de tudo vos entreguei o que também recebi; que Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras, e que foi sepultado, e ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras" (I Co 15.3,4 cf Is 53. 5-12; Sl 16. 8-10; Os 6.2). Certamente tais afirmações reportam, primariamente, a Isaias 53.10-12 e às profecias salteriais (Sl 2.1,2 cf At 4.25,26; Sl 16.8-11 cf At 2.25-28; Sl 110. 1 cf At 2.34-36; Sl 118.22 cf At 4.11). Quanto ao vaticínio sobre a ressurreição ao terceiro dia, supomos que o divino Mestre tenha se referido a Oséias 6.2, com possibilidade da inclusão de Ex 19.10,11, textos que falam de Israel, mas que se aplicam ao Messias, pois este sintetizou e corporificou o povo de Deus. Não se há de esquecer a tragédia do profeta Jonas no ventre do grande peixe durante três dias e três noites (Jn 1.17), tomada pelo próprio Jesus como profecia de sua morte e ressurreição ao terceiro dia: "Porque assim como estive Jonas três dias e três noites no ventre do grande peixe, assim o Filho do Homem estará três dias e três noites no coração da terra" (Mt 12.40).

Provas da ressurreição de Cristo.

Não houve testemunho humano visual da ressurreição de Cristo. A Igreja, porém, se apoia nas seguintes provas: a- Nas autoritativas predições de Cristo (Mt 12.39,40; Mc 8.31; 9. 9,31; 10.34; Mt 17.23; 20.19; 26.32; Jo 2.19; 16.16). b- Nos testemunhos das aparições do Ressurreto, incluindo a do caminho de Emaus e as mencionadas por Paulo (Jo 20.19-23; 20.26-29; Lc 24.36-53; Mc 16.14; Mt 28.16-20; Lc 24.13-35; I Co 15.3-8). c- No túmulo vazio, fato registrado por todos os evangelistas. d- No testemunho angélico (Mt 28.5-7). e- Nas surpresas das aparições do Cristo ressurreto, sempre em clima de dúvida e incredulidade (Mc 16.14 cf Lc 24.11; 24.37-43; Jo 20.25-29) por causa do inusitado fenômeno da ressurreição do Filho de Deus. f- No cumprimento das promessas do Cristo ressurreto pelo derramamento do Espírito Santo por ocasião do Pentecostes. g- Na reanimação, revigoração e revitalização do corpo apostólico até então estiolado pelo terrível impacto da morte do divino Mestre. h- No conseqüente e miraculoso nascimento da Igreja (Jo 16.7-10; 15.26,27; 14.16-18; Lc 24.49; At 1.8 cf At 2.1-4). i- Na crença inabalável dos apóstolos, manifestada no entusiasmo, na dedicação, na consagração, na renúncia, na intrepidez, na persuasão, no poder e no martírio. j- Na rapidíssima expansão

da Igreja que, a partir de seu local de nascimento, Jerusalém, segundo a promessa (At 1.8), atingiu os confins da terra, passando por Samaria.

O nascimento do Messias marca a presença do Rei entre nós. O Pentecostes assinala a origem e a inserção da Igreja na história da humanidade. (HB 13.14 cf 11.10.16). A ressurreição de Cristo introduz no mundo o "regnum Christi", de dupla dimensão, terrena e escatológica, ambas configuradas na Igreja peregrina, com militância na terra com destino ao reino escatológico (Hb 13.14 cf 11.10,11; Jo 17.14,15).

Ressurreição de Cristo, fundamento do Evangelho

O sacrifício vicário de Cristo, consagrador triunfo divino sobre o pecado. A ressurreição, vitória definitiva de Deus sobre a morte, magistralmente referida por Paulo: "Onde está, ó morte, a tua vitória? onde está, ó morte, o teu aguilhão". (I Co 15.55). O pecado vencido e a morte derrotada pela ressurreição do Cordeiro: Eis as causas criadoras e libertadoras da Igreja, as razões de seu extraordinário dinamismo missionário, os fundamentos de seu credo, as bases de sua existência, os primados de sua confissão (I Co 15.3,4). A autoridade da pregação da Igreja firma-se no incontestável acontecimento da ressurreição de Cristo: "Ora, se é corrente pregar-se que Cristo ressuscitou dentre os mortos, como, pois, afirmam alguns dentre vós que não há ressurreição de mortos? E, se não há ressurreição de mortos, então Cristo não ressuscitou. E, se Cristo não ressuscitou, é vã a nossa pregação e vã a vossa fé"(I Co 15.12-14).

Os fatos escatológicos antecedentes e geradores do reino porvir foram estabelecidos e se mantêm pela vida, paixão, morte e ressurreição de Jesus Cristo. O processamento do "já" em Cristo conduz a Igreja ao "ainda não" do futuro reino escatológico. O novo já nasceu, cresce, amadurece, conquista o velho mundo e há de dominar triunfal e completamente sobre ele.

RESSURREIÇÃO GERAL

O enfoque das Escrituras detem-se na ressurreição dos justos, mas alguma luz se lança também sobre a dos ímpios e seu estado ressureto, embora sem a clareza suficiente para melhor compreensão. O que se estabelece, entretanto, é a ressurreição de todos os mortos, salvos e perdidos. Jesus Cristo não nos deixa em dúvida quanto à ressurreição de eleitos e réprobos: "Não vos maravilheis disto, porque vem a hora em que todos os que se acham nos túmulos ouvirão a sua voz e sairão: Os que tiverem feito o bem, para a ressurreição da vida; os que tiverem praticado o mal, para a ressurreição do juízo" (Jo 5.28,29 cf Mt 7.21-23). Na Parábola do Joio Jesus ensina que injustos e justos ressuscitarão, aqueles para juízo de tormentos permanentes e estes para a glória eterna. Eis a explicação da parábola, feita por Jesus: : "O que semeia a boa semente é o Filho do Homem; o campo é o mundo; a boa semente são os filhos do reino; o joio são os filhos do maligno; o inimigo que o semeou é o diabo; a ceifa é a consumação do século, e os ceifeiros são os anjos. Pois, assim como o joio é colhido e lançado ao fogo, assim será na consumação do século. Mandará o Filho do Homem os seus anjos, que ajuntarão do seu reino todos os escândalos e os que praticam a iniquidade, e os lançarão na fomalha acesa; ali haverá choro e ranger de dentes. Então

os justos resplandecerão como o sol no reino de seu Pai. Quem tem ouvidos, ouça" (Mt 13.37-43). Segundo o ensino de Cristo na parábola citada, o juízo sobre os perversos, chamados de joios, antecederá à glorificação dos santos (Mt 13.40-42 cf 13.30). Paulo, intérprete de Cristo e autorizado mestre da Igreja, em sua defesa perante o governador Felix, e para conquistar a simpatia dos fariseus, adeptos da ressurreição, sentenciou: "Tendo esperança em Deus, como também estes a têm, de que haverá ressurreição, tanto de justos como de injustos" (At 24,15). Cristo, depois seguido por Paulo, confirmou, ampliou e definitivamente estabeleceu, a doutrina da ressurreição geral e concomitante de todos os mortos na consumação dos séculos, profetizada por Daniel: "Muitos dos que dormem no pó da terra ressuscitarão, uns para a vida eterna, e outros para vergonha eterna" (Dn 12.2).

"A Igreja Presbiteriana do Brasil é uma federação de igrejas locais, que adota como única regra de fé e prática as Escrituras Sagradas do Velho e Novo Testamentos e como sistema expositivo de doutrina e prática a sua Confissão de Fé e os Catecismos Maior e Breve" (Art.01 da C/IPB). Eis o que, sobre a ressurreição geral e única, nos ensinam tais documentos confessionais: "No último dia, os que estiverem vivos não morrerão, mas serão mudados; todos os mortos serão ressuscitados com os seus mesmos corpos e não outros, posto que com qualidades diferentes, e ficarão reunidos às suas almas para sempre. Ref. I Ts 4.17; I Co 15.51-52; 15.42-44." "Os corpos dos injustos serão pelo poder de Cristo ressuscitados para desonra; os corpos dos justos serão pelo seu Espírito ressuscitados para a honra e para serem semelhantes ao próprio corpo glorioso dele. Ref. At 24.15; Jo 5.28,29; Fp 3.21." (Confissão de Fé, cap. XXXII, itens 2 e 3). "Que devemos crer acerca da ressurreição? R. Devemos crer que no último dia haverá uma ressurreição geral dos mortos, dos justos e dos injustos; então os que se acharem vivos serão mudados em um momento, e os mesmos corpos dos mortos, que têm jazido na sepultura, estando então novamente unidos às suas almas para sempre, serão ressuscitados pelo poder de Cristo. Os corpos dos justos, pelo Espírito e em virtude da ressurreição de Cristo, como cabeça deles, serão ressuscitados em poder, espirituais e incorruptíveis, e feitos semelhantes ao corpo glorioso dele (de Cristo); e os corpos dos ímpios serão por ele ressuscitados para vergonha, como por um juiz ofendido. Ref. At 24.15; I Co 15.51-53; I Ts 4.15-17; I Co 15.21-23; 15.42-44; Fp 3.21; Jo 5.28,29; Dn 12.2" (Cat. Maior, pergunta 87 e resposta).

Creemos, pois, pelo que nos ensinam as Escrituras Sagradas e segundo a indubitável exposição de nossos textos confessionais, que haverá uma ressurreição geral de todos os mortos, justos e injustos, e isto num único tempo, por ocasião da volta de Cristo. Esse tempo recebe designações sinônimas de: Dia do Senhor, Último Dia, A Hora, A Consumação dos Séculos, Dia do Juízo, Juízo Final. Afirmamos, portanto, que a Bíblia fala claramente de uma ressurreição geral e concomitante de todos os mortos, eleitos e réprobos, e não de ressurreições separadas.

O RESSURRETO

Cristo, ao ressurgir, estabeleceu o reino escatológico, introduziu a ressurreição geral e se tornou primícias dos justos (I Co 15.20). Como Redentor, venceu a morte para os redimidos, garantindo-lhes a vida eterna. Como detentor da justiça divina, tem vitória garantida sobre o mal e sobre todos os poderes tartáricos. A sentença está

lavrada: A morte e o hades serão lançados no lago de fogo (Ap 20.14); e então haverá a morte da morte. A ressurreição do último dia será a sua definitiva liquidação: "Tragada foi a morte pela vitória. Onde está, ó morte, a tua vitória? onde está, ó morte, o teu aguilhão"(I Co 15.54b, 55)?

O injusto resurreto. Como será o injusto resurreto? Dele quase nada sabemos. Inferimos, por antítese com o justo, que retornará à existência física portando a corruptibilidade da vida anterior, agora fixada, visto ter morrido sem a bênção da regeneração. A consciência do pecado e da culpa atingirão o grau máximo em sua alma e, sem a consolação do Espírito, será eternamente atormentado, experimentando as agruras do viver sem Deus. O corpo, mal usado e profanado na peregrinação terrena, lhe será veículo de maiores e inevitáveis sofrimentos. Viver indefinidamente num corpo, síntese final, imutável, da malignidade e da corrupção, numa situação alienada de Deus, despida de virtudes e carregada de solitarismo inevitável é de uma terribilidade insuportável, com a agravante da insolubilidade. Que o injusto passa por algum tipo de transformação no momento da ressurreição parecer-nos concebível, pois todo o seus sistemas vitais (cerebral, respiratório, circulatório, gastro-estomacal e intestinal etc), indispensáveis à sobrevivência física, tornar-se-lhe-ão desnecessários. O corpo resurreto será de uma corporalidade distinta, absolutamente estável, sem evolução, decrepitude, morte e decomposição. No físico permanente e imortal os reprovados sofrerão as penas dos sofrimentos eternos. Exatamente como será, não sabemos agora.

O justo resurreto.

O cristão resurreto será semelhante ao seu Senhor (I Jo 3.2). O pecado estará absolutamente eliminado de seu novo ser, bem como quaisquer de suas consequências. O seu corpo, embora lhe mantenha a identidade e lhe preserve a personalidade, será de natureza espiritual, segundo o seu ancestral, Jesus Cristo, o novo Adão: "Como foi o primeiro homem, o terreno, tais são também os demais homens terrenos; e como é o homem celestial, tais também os celestiais. E, assim como trouxemos a imagem do que é terreno, devemos trazer também a imagem do celestial" (I Co 15.48,49). Temos, na presente existência, um corpo adaptado às suas funções naturais e sociais. Na vida ressureta seremos dotados de corpos perfeitamente adequados às atividades de natureza espiritual, pois a servitude continua. Seremos, com certeza, melhores e mais consagrados servos do Cordeiro (Ap 7.15; 22.3). O nosso atual corpo com a morte se desfaz. Seus elementos físicos e químicos retornam ao universo de procedência e virtualmente desaparecem. Deus, porém, trará de volta, não os mesmos componentes orgânicos, mas um novo corpo, embora idêntico ao primeiro na forma, será completamente diferente em sua natureza. O corpo resurreto, como ensina Paulo, é uma dádiva do Criador, uma recriação, mantendo os vínculos essenciais com a velha criação, menos a corruptibilidade, a carnalidade, a materialidade, a mortalidade e a atual adequação orgânica (I Co 15.50). O Cristo resurreto, primícias dos que dormem, revelou-se plena e perfeitamente identificável, interagível e comunicável, capaz de exercer atividades ministeriais, magisteriais e regenciais. O servo resurreto assemelhar-se-á ao seu Senhor, gozando, portanto, de perfeitas e amplas faculdades cognitivas e volitivas. A impassibilidade moral, comunicativa e espiritual, bem como a inércia, não existirão no novo céu e na nova terra. A ressurreição de Cristo não lhe anulou a história terrena. Assim como o corpo resurreto mantém um elo de continuidade e de identidade

com o não ressurreto, igualmente a vida terrena, cultural e espiritualmente falando, não será anulada, mas aprofundada e aperfeiçoada na existência ressurreta. Seremos reconhecidos e reconheceremos, mas sem as paixões, as emoções, o sentimentalismo, o domesticismo e as preferências seletivas da presente vida. A ressurreição retira o homem da vida natural e o coloca na espiritual, mantendo entre o estágio temporal e o estado eterno um vínculo essencial de continuidade, não de qualidade. Paulo mostra tal preservação continuativa pela figura da semente lançada à terra e a planta que dela surge. Sem a semente não há planta, mas um é o corpo da semente e outro é o da planta (I Co 15.35-38). Com tal figura em mente, Paulo conclui: "Semeia-se o corpo na corrupção, ressuscita na incorrupção. Semeia-se em desonra, ressuscita em honra. Semeia-se em fraqueza, ressuscita em poder. Semeia-se corpo natural, ressuscita corpo espiritual. Se há corpo natural, há também corpo espiritual" (I Co 15. 42b- 44). A ressurreição é para aperfeiçoar o redimido, não para desqualificá-lo ou destruí-lo.

O DESTINO DOS INJUSTOS

"Temei antes aquele que pode fazer perecer no inferno (Gehenna) tanto a alma como o corpo" (Mt 10.28b)

Inescapabilidade do juízo.

Todos estamos julgados em e por Jesus Cristo. Nenhum ser humano de qualquer tempo, lugar, raça ou cultura está fora da presença julgadora do Filho do Homem. A encarnação colocou-o no mundo como Rei e Juiz de todos os homens. Agora a humanidade inteira bipolariza-se em extremos opostos, crentes e descrentes, sem a mínima identificação de qualidade, de objetivos e de destino entre os pólos. Pela fé ou pela incredulidade já estamos e estaremos perante o supremo Senhor e Juiz: "Quem nele crê não é julgado; o que não crê já está julgado, porquanto não crê no nome do unigênito Filho de Deus" (Jo 3.18). Os que pela fé se tornaram de Cristo são por ele justificados e salvos. Esses o servem permanentemente com suas obras. Seus pecados são pecados de filhos da graça e, por isso mesmo, sempre confessados e perdoados. Porém, se necessário, o Pai corrige o filho faltoso para sua formação e santificação (Hb 12.5-13). O réprobo, que não é filho, pode escapar da disciplina temporal do Pai, mas não do seu juízo terno. O julgamento, de fato estabelecido na existência terrena pela inclusão em Cristo ou exclusão dele, será pronunciado solene e definitivamente no juízo final. No entanto, durante o estado intermediário, o redimido goza plena liberdade em Cristo Jesus, enquanto o perdido, em tormentosa prisão, aguarda o pronunciamento de sua sentença inapelável de condenação (ver Lc 16.19-31). Todos, portanto, estamos debaixo do juízo divino, os salvos justificados para glorificação em Cristo, os perdidos para as penalidades eternas.

Destino final do injusto

O destino dos ímpios é uma prisão horrível, um lugar de trevas e fogo inextinguível, onde o tormento é perpétuo e de intensidade permanente, de onde a presença consoladora de Deus se ausentou para sempre. A figura simbólica de semelhante lugar, segundo a profecia de Jeremias (Jr 7.31,32; 19.6), é o Vale de

Hinom, onde a barbaridade do sacrifício de crianças a Moloque se praticou (II Rs 16.3; 21.6 cf II Cr 28.3; 33.6). Esse execrável e execrado vale, denominado Geena, situado ao sudoeste de Jerusalém, tornou-se, posteriormente, um imenso depósito de lixo e entulhos, onde se lançavam também os cadáveres insepultos de mendigos e marginais bastardos. Ali, o material combustível alimentava um fogo permanente, noite e dia, e a matéria orgânica em decomposição servia de pasto aos vermes. Nenhuma metáfora seria mais adequada à descrição do lugar para o qual serão mandados, finalmente, os réprobos, conforme declarações de Jesus: "É melhor entrares no reino de Deus com um só dos teus olhos do que, tendo os dois, seres lançado no inferno (Gehenna), onde não lhe morre o verme, nem o fogo se apaga (Mc 9.47,48 cf 9.43-48). "Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno preparado para o Diabo e seus anjos" (Mt 25.41 Cf Mt 8.12; 13.42,50; 22.13; 24.51; 15.30; 7.23; Lc 13.28). Apocalipse mostra a mesma futura realidade (Ap 20.6,10,11,14,15: 21.8). A Geena é apresentada no Novo Testamento como um lugar de: a- Perdição e banimento absolutos; completo afastamento de Deus e dos redimidos: "Estes sofrerão penalidade de eterna destruição, banidos da face do Senhor e da glória do seu poder"(II Ts 1.9 cf Fp 3.19). Cristo, que aos justos dirá: "Vinde a mim", repelirá energicamente os injustos: "Apartai-vos de mim, malditos"(Mt 25.41 cf Mt 7.23). b- Castigo eterno (Hb 10.26-31: Mt 26.24 cf 14.21: 3.29). c- Trevas exteriores ou escuridão espessa, local de choro e ranger de dentes (Mt 25.30 cf Mt 22.13; 24.15; II Pe 2.17; Jd 13). c- Fogo consumidor, inextinguível, um lago de fogo (Mc 9.43-48 cf Mt 18.8,9; Jd 23; Hb 10.27; Ap 20.14,15; 21.8). Quando se fala de fogo consumidor, destruidor, devorador, imperativo se faz acrescentar também ao substantivo "fogo" o qualificativo "eterno", ficando claro tanto o aspecto da intensidade do sofrimento, descrita pela metáfora do fogo abrasador, como o da perene continuidade dos padecimentos na Geena. Não há base bíblica para a doutrina da eliminação fatal dos ímpios. Estes, segundo o Novo Testamento, chorarão e rangerão os dentes eternamente na Geena. O amor de Deus é imensurável, mas a sua justiça é também inexorável, implacável. Na verdade, o inferno é uma opção terrena do homem. Ao rejeitar, pela incredulidade, a graça trazida por Cristo, o pecador fica com o velho Adão no estado de queda e morte.

O DESTINO FINAL DOS JUSTOS

"Vinde, benditos de meu Pai! entrai na posse do reino que vos está preparado desde a fundação do mundo"(Mt 25.34b). A habitação dos servos de Jesus Cristo é com ele: "E quando eu for, e vos preparar lugar, voltarei e vos receberei para mim mesmo, para que onde eu estou estejais vós também"(Jo 14.2). O lar eterno dos redimidos, portanto, afirma Jesus Cristo, já está preparado. A esposa, que é a Igreja, habitará com seu Esposo, Jesus Cristo, na indissolúvel e santa união. No reino consumado a paternidade divina será objetiva, direta, efetiva, agraciadora, glorificadora e indestrutível sobre seus filhos eleitos e redimidos por Cristo Jesus. A Igreja peregrina e sofredora dirige sua oração ao Pai, dizendo: "Pai nosso que estás no céu". No lar eterno dos santos ressurretos a distância entre o céu e a terra desaparecerá, e no mesmo

lar de Cristo, falando figurativamente, estará a Igreja glorificada: "Para que onde eu estou estejais vós também".

Novo céu e nova terra

O vidente de Patmos mostra-nos a habitação final dos justos assim: "Vi novo céu e nova terra, pois o primeiro céu e a primeira terra passaram, e o mar já não existe. Vi também a cidade santa, a nova Jerusalém, que descia do céu, da parte de Deus, ataviada como noiva adornada para o seu esposo" (Ap 21.1,2). A estrutura do novo mundo, sem mar, sem noite, sem dia, sem necessidade da luz natural do sol, sem carência da luz artificial da candeia, sem qualquer contaminação moral e espiritual, com a presença visível de Deus, com uma liturgia perene e o reinado dos justos com Cristo (Ap 22.3-5 cf Ap 21.3,25-27), desconhecemo-la completamente. Contudo, podemos deduzir que, para um homem incorruptível necessário se faz uma habitação adequada ao seu novo estado, ao seu novo corpo, estabelecendo a sintonia entre o futuro universo escatológico e a criatura. Pedro descreve o fim da velha ordem e o surgimento da nova nos seguintes termos: "Esperando e apressando a vinda do dia de Deus, por causa do qual os céus incendiados serão desfeitos e os elementos abrasados se derreterão. Nós, porém, segundo a sua promessa, esperamos novos céus e nova terra, nos quais habita a justiça" (II Pe 3.12,13 cf II Pe 3.7; Is 65.17). A descrição, até onde podemos compreender, não favorece a idéia da permanência do atual sistema físico com um reinado político e histórico do Messias entronizado na Jerusalém terrestre, exercendo um imaginário reinado político milenário sobre as nações. Podemos afirmar que o presente mundo físico, social, moral e cultural chegará ao fim, cedendo lugar ao novo céu e à nova terra. Paulo fala que "carne e sangue não podem herdar o reino de Deus, nem a corrupção herdar a incorrupção" (I Co 15.50). E diz mais: "A própria criação será redimida do cativeiro da corrupção, para a liberdade dos filhos de Deus" (Rm 8.21 cf 8.20-25). Um corpo espiritual exige um novo ambiente vital, adequado às novas expressões de um ser restaurado. O natural, ensina Paulo, antecedente necessário, cederá lugar ao espiritual (I Co 15.44-49). Teremos, na consumação, uma recriação de todas as coisas: Eis que tudo se fará novo.

Eternamente com Cristo

Paulo aos tessalonicenses escreve: "Depois nós, os vivos, os que ficarmos, seremos arrebatados juntamente com eles, entre nuvens, para o encontro do Senhor nos ares, e assim estaremos para sempre com o Senhor" (I Ts 4.17). Os regenerados mortos, à voz imperativa do Senhor, ao comando do arcanjo e ao toque da trombeta de Deus (I Ts 4.16) ressuscitarão primeiro. Em seguida, os vivos em Cristo, depois de transformados, reunir-se-ão aos seus irmãos de todos os tempos e de todas as raças para, na confraria santa, viverem eternamente com o Senhor. Os injustos não são mencionados, pois o apóstolo consola, conforta e anima os crentes perseguidos, angustiados e padecentes. O apóstolo não nos esclarece onde viveremos com Cristo, mas deixa claro que a Igreja da dispersão e da divisão entre mortos e vivos substituir-se-á pela da eterna união em Cristo, estabelecendo, para todo o sempre, a família de Deus sob a bênção do Pai e companhia regencial e gloriosa de nosso Primogênito, o Filho do Homem, em cumprimento à sua promessa: "Voltarei e vos receberei para mim mesmo,

para que onde eu estou estejais vós também" (Jo 14.2). Estando em e com Cristo é o que importa, seja no novo céu ou na nova terra. O vidente de Apocalipse teve uma visão de conjunto, mostrando que céu e terra não mais se separam; ambos se colocam à disposição do Cordeiro e de seus redimidos. A cidade e a pátria celestes são figuras da bem-aventurança que nos aguarda (Hb 11.16; Fp 3.20; Cl 1.5; II Co 5.1; Ap 3.21). Felizes os que morrem em Cristo!

COMO JESUS VOLTARÁ?

O Senhor voltará, segundo as Escrituras, das seguintes maneiras:

01- **Imprevisivelmente:** "Mas a respeito daquele dia e hora ninguém sabe, nem os anjos dos céus, nem o Filho, senão somente o Pai" (Mt 24.36 cf Mc 13.32). "Então os que estavam reunidos lhe perguntaram: Senhor, será este o tempo em que restaures o reino a Israel? Respondeu-lhes: Não vos compete conhecer tempos ou épocas que o Pai reservou para a sua exclusiva autoridade" (At 1.6,7). A imprevisibilidade do retorno de Cristo deixa a Igreja em contínua expectativa e vigilância, inclusive por recomendação do próprio Senhor: "Portanto, vigiai, porque não sabeis em que dia vem o vosso Senhor" (Mt 24.42 Cf Lc 12.29; I Ts 5.2-5; Mt 24.45-51). Para reforço da vigilância, o Mestre preconizou sinais antecedentes como o do anticristo (II Ts 2) e dos falsos profetas (Mt 24.23-26).

02- **Repentinamente:** "Porque assim como o relâmpago sai do oriente e se mostra até no ocidente, assim há de ser a vinda do Filho do Homem" (Mt 24.27).

03- **Inesperadamente:** "Pois assim como foi nos dias de Noé, também será a vinda do Filho do Homem. Porquanto, assim como nos dias anteriores ao dilúvio, comiam e bebiam, casavam e davam-se em casamento, até ao dia em que Noé entrou na arca, e não perceberam, senão quando veio o dilúvio e os levou a todos, assim será também a vinda do Filho do Homem" (Mt 24. 37-39 cf 24.42-49; I Ts 5.3). A parábola das dez virgens (Mt 25.1-13) alerta-nos sobre a inesperabilidade da volta do Cordeiro. O mundo será pego de surpresa, mas a verdadeira Igreja, como atalaia, será encontrada no seu posto de guarda, vigilante.

04- **Visível e audivelmente:** Todos os olhos o verão e todos os ouvidos ouvirão o som da trombeta de Deus: "Então aparecerá no céu o sinal do Filho do Homem; todos os povos da terra se lamentarão e verão o Filho do Homem vindo sobre as nuvens do céu com poder e muita glória. E ele enviará os seus anjos, com grande clangor de trombeta, os quais reunirão os seus escolhidos, dos quatro ventos, de uma a outra extremidade dos céus" (Mt 24.30,31 cf Mc 13.24-26; Lc 21.11,25-28; I Ts 4.16; Hb 9.28; 12.26; At 1.11; Cl 3.4; Tt 2.13; Ap 1.7). "Eis que vem com as nuvens, e todo olho o verá, até quantos o transpassaram. E todas as tribos da terra se lamentarão sobre ele. Certamente. Amém." (Ap 1.7 cf Jo 19.37; Zc 12.10). Por uma exegese séria não se há de encontrar nas Escrituras a doutrina do "retorno secreto" de Jesus. Os premilenistas dispensacionalistas pregam que o Messias virá secretamente para a primeira ressurreição, a dos santos, e o arrebatamento da Igreja e, sete anos depois, retornará visivelmente, dando início ao milênio terrestre. Os adventistas do sétimo dia dizem que Cristo já voltou sigilosamente no dia 22 de outubro de 1884 para iniciar, no tabernáculo celeste, o juízo investigativo. O retorno pessoal, a

ressurreição dos salvos e o arrebatamento da Igreja terão lugar na abertura do milênio. Durante o tempo milenário a terra ficará desolada, servindo de prisão para Satanás. Finalmente, os iníquos serão levantados dos túmulos para a destruição eterna. Os testemunhas de Jeová ensinam que Cristo voltou invisivelmente em 1914, estabelecendo o fim da era gentílica e o início do tempo do destronamento de Satanás. Nessa data Cristo assumiu o reinado do novo mundo. Em 1918 houve a segunda volta, mas para o templo espiritual, então submetido à purificação. Os crentes falecidos ressuscitaram, mas em corpos espirituais e se reuniram a Cristo no templo celeste. Os cristãos vivos e ungidos por ocasião do retorno secreto do Messias seriam transformados ao morrerem e receberiam também corpos espirituais para se incorporarem aos seus irmãos. No russelismo, nesta fase, tudo foi secreto: A volta de Cristo, a ressurreição dos santos e a transformação dos vivos ungidos. A ressurreição física e o arrebatamento dos justos acontecerão, dizem os russelitas, no início do milênio; a dos ímpios no fim da era milenária para juízo e extermínio juntamente com o Diabo e seus anjos.

05- **Pessoal e fisicamente:** Com seu corpo real, mas livre das limitações do estado terreno, nosso Senhor voltará com as mesmas identificações físicas, morais e espirituais de seu corpo ressurreto, exatamente como se manifestou aos apóstolos e aos discípulos (Lc 24.36-43; Lc 20.26-28; At 1.11; 3.20,21; Hb 9.28; Ap 1.7).

06- **Gloriosa e triunfantemente:** Na primeira vinda aconteceu a humilhação do Verbo pela encarnação, quando a divindade se humanizou e o Filho de Deus assumiu a culpa humana, morreu, foi sepultado e ressurgiu ao terceiro dia. Na segunda vinda, manifestas ficarão a sua glória e a majestade de seu universal poder (Mt 24.30; 16.27; Cl 3.4; I Ts 3.13;4.16; II Ts 1.7,10; I Co 15.25; Tt 2.13; Hb 9.28; Ap 1.7,8; 1.12-18; 19.11-16). Assim, Jesus Cristo voltará, segundo as Escrituras.

CRISTO REINA

Cristo, segundo as Escrituras e as principais confissões reformadas, reina sobre a Igreja direta, mística, efetiva e espiritualmente. Como Rei encarnou-se, preparou o reino, nomeou seus ministros, morreu como Rei e, pela ressurreição, assumiu todo poder nos céus e na terra: "Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra" (Mt 28.18). O vidente de Patmos diz que o Messias "tem no seu manto e na sua coxa um nome escrito: REI dos reis e SENHOR dos senhores"(Ap 19.16). O Rei está presente: "E eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século"(Mt 28.20b). A presença do Rei estabelece e atualiza o Reino no mundo: "Nem dirão: Ei-lo aqui! ou: lá está! porque o Reino de Deus está dentro em vós"(Lc 17.21). Ele nasceu para reinar, estabeleceu as normas de ingresso no Reino (Jo 3.3,5) e como permanecer nele, sustentando sua condição real até perante o potentíssimo magistrado romano; o mesmo já havia feito diante das autoridades judaicas (Lc 22.67-70 cf Mt 26.63,64; Mc 61,62): "Então lhe disse Pilatos: Logo tu és rei? Respondeu Jesus: Tu dizes que sou rei. Eu para isso nasci e para isso vim ao mundo, a fim de dar testemunho da verdade. Todo aquele que é da verdade ouve a minha voz" (Jo 18.37). Cristo reina nos céus, onde está sua Igreja triunfante, e na terra, local em que peregrina o seu povo militante (Mt 28.18; Ap 19.16; I Co 15.25; Ef 1.10; Cl 1.13-19). O reino de Cristo se faz presente no mundo,

mas é de natureza celeste (Mt 16.28; Lc 22.30; 23.42; Jo 18.36). O Messias, pois, é, nos céus e na terra, Rei dos reis e Senhor dos senhores (Ap 17.14).

Regnum gratiae. O reinado espiritual de Cristo sobre todos os redimidos em todos os tempos e lugares a teologia chama de "regnum gratiae". Somente Cristo possui o "munus" da realeza sobre as almas, da mediação da graça e da redenção dos eleitos. A Igreja existe porque Jesus é Rei e reina aqui e no além: "Mas acerca do Filho: O teu trono, ó Deus, é para todo o sempre, e: Cetro de equidade é o cetro do seu reino" (Hb 1.8,9 cf Lc 1.33; 19.27,38; 22.29; Jo 18.36,37; At 2.30-36). O governo de Cristo sobre sua Igreja tem sido apresentado também, e apropriadamente, pela figura da íntima e interativa relação entre a cabeça e o corpo, mostrando que a sua realeza não aliena o Rei de seus súditos (I Co 11.3; Ef 1.22; 4.15; 5.23; Cl 1.18; 2.19).

Regnum potentiae. Cristo não somente rege a Igreja, pois a ele foi dado também o poder da realeza universal: "O reino do mundo se tornou de nosso Senhor e do seu Cristo, e ele reinará pelos séculos dos séculos. "Pelo que também Deus o exaltou sobremaneira e lhe deu o nome que está acima de todo nome, para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho nos céus, na terra e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é Senhor, para glória de Deus Pai"(Ap 11.15b e Fp 2.9-11 cf Mt 28.18; Ef 1.20-22; Ap 1.5; 17.14; 19.16). A expressão: "Rei dos reis e Senhor dos senhores" não se constitui apenas de titulativos honoríficos, pois retrata a claríssima realidade da soberania e da regência do Filho de Deus sobre todos os reis e magistrados do mundo. Como pessoa trinitária, Cristo participa plenamente da realeza divina sobre o cosmo e a humanidade. Pilatos entendia que a condenação de Cristo à morte ou a sua libertação eram atribuições de sua exclusiva competência. Jesus, no entanto, corrigiu-lhe o equivoco: "Nenhuma autoridade terias sobre mim, se de cima não te fosse dada" (Jo 19.11 cf I Pe 2.13,14). Paulo sustenta a mesma tese: "Não há autoridade que não proceda de Deus" (Rm 13.1). Ele ensina que Cristo é Senhor da Igreja e soberano do universo: "Ele é a imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criação; pois nele foram criadas todas as coisas, nos céus e sobre a terra, as visíveis e as invisíveis, sejam tronos, sejam soberanias, quer principados quer potestades. Tudo foi criado por meio dele e para ele. Ele é antes de todas as coisas. Nele tudo subsiste. Ele é a cabeça do corpo, da Igreja. Ele é o princípio, o primogênito de entre os mortos, para em todas as coisas ter a primazia"(Cl 1.15-18). Portanto, o "regnum gratiae" e o "regnum potentiae" sumariam-se no Rei do universo e Senhor da Igreja, Jesus Cristo.

O crescimento do regnum gratiae. A humanidade nasceu pequena e frágil em Adão e Eva, mas recebeu do Criador a ordem para crescer. Cresceu. O povo hebraico originou-se, pela misericórdia de Deus, de um casal de velhos sexualmente improditivos, Abraão e Sara (Gn 18.11), mas a promessa de uma grande nação se cumpriu (Gn 12.1,2). O reino messiânico surgiu da encarnação do Verbo rejeitado; começou com um menino pobre e perseguido; implantou-se por um homem identificado com publicanos e pecadores, crucificado, morto e sepultado; efetivou-se, porém, pela ressurreição e glorificação do crucificado pelos homens. A origem humilde do reino seguida de grandioso desenvolvimento retrata-se, por exemplo, nas parábolas da semente, especialmente a da mostarda (Mc 4.31,32 cf Mc 4.26-29) e na figura do fermento na massa (Mt 13.13).

A Igreja, "regnum gratiae" de Cristo é uma realidade incontestável e numericamente progressiva. E o Rei governa-a pela Palavra e pelo Espírito, ambos efetiva, dinâmica, instrutiva e diretamente presentes.

SINAIS DOS ÚLTIMOS TEMPOS

O1- PENTECOSTES, SINAL ESCATOLÓGICO:

Jesus Cristo, com a primeira vinda, inaugurou os tempos do fim e criou um povo escatológico, a Igreja, que vive a esperança do porvir e caminha seguindo a luz fanal do porto seguro de seu destino final, onde Cristo lhe preparou a morada eterna. Todos os sinais anunciadores do retorno do Messias enquadram-se, portanto, na era escatológica entre a primeira vinda e a segunda.

Muitos acontecimentos vetotestamentários ilustrativos do messianismo tiveram cumprimento e aplicação no Novo Testamento e se completarão no encerramento da atual era escatológica. Outros eventos e promessas realizam-se progressivamente no reinado presente do Messias e na existência de sua Igreja. O novo Israel ocupa o espaço ínterim entre a primeira vinda e a segunda.

Pedro, reportando-se ao profeta Joel (Jl 2.28-32 cf At 2.17-21), afirma categoricamente que o derramamento do Espírito sobre toda a carne, isto é, sobre a totalidade do corpo eclesial no Pentecostes é um acontecimento escatológico marcante e determinante dos tempos do fim e da natureza escatológica da Igreja de Cristo. Sua presença, habitação e manifestação tanto na corporalidade integral dos eleitos como em cada membro em particular nela integrado pela graça divina, segundo os pressupostos petrinus, são evidências inconfundíveis de que o além, o meta-histórico, se faz presente aqui na vida e na história da Igreja. Em outras palavras: Os últimos dias chegaram, e o sinal sensível e perceptível de tão extraordinária e vivencial realidade é a dádiva do Espírito Santo aos redimidos do Cordeiro, pessoas de ambos os sexos e de todas as idades. O evento pentecostal é a causa do nascimento, crescimento, santidade, unidade e perenidade da Igreja, o povo dos últimos tempos, uma comunidade sacerdotal equipada com os dons do Espírito Santo (At 2.17,18). Os sinais cósmicos, pré-inaugurados na ocasião da morte de Cristo (Lc 23.44-45), certamente acontecerão no encerramento da presente era, "o grande e terrível dia do Senhor"(Jl 2.30,31 cf At 2.19,20).

O pentecostes não somente foi um evento inaugurador do período escatológico, do efetivo e visível reino do Cordeiro, como também desencadeou os fatos sinalizadores de sua consumação. Por exemplo, Cristo havia afirmado que o fim não chegaria antes de o evangelho redentor ser pregado a todas as nações (Mt 24.14 cf 13.10). Esta profecia do Mestre sobre a internacionalização da mensagem evangelizadora como sinal dos tempos finais tem cumprimento preambular e simbólico no pentecostes: "Quando, pois, se fez ouvir aquela voz, afluiu a multidão, que se possuiu de perplexidade, porquanto cada um os ouvia falar na sua própria língua. Estavam, pois, atônitos, e admiraram-se, dizendo: Vede! Não são, porventura, galileus todos esses que aí estão falando? E como os ouvimos falar, cada um em nossa própria língua materna, partos, medos e elamitas, e os naturais da Mesopotâmia, Judéia, Capadócia, Ponto e Ásia; da Frígia e da Panfília, do Egito e das regiões da Líbia nas

imediações de Cirene, e romanos que aqui residem, tanto judeus como prosélitos, cretenses e arábios; como os ouvimos falar em nossas próprias línguas as grandezas de Deus?" (At 2.6-11). A poliglossia pentecostal, pois, além de evento escatológico dos últimos tempos, serviu de sinal alertador aos incrédulos (cf I Co 14.22), judeus palestinos ou naturais de outras nações, bem como aos gentios prosélitos, que não eram poucos. A todas as nações, embora representativamente, pregou-se o evangelho das boas novas trazidas por Jesus Cristo, não por meio de idiomas sacralizados, por si mesmos segregados e segregadores, mas por intermédio da língua ou dialeto de cada povo ou nação. Os quase três mil batizados eram (At 2. 37-41), na verdade, representativos dos "outros" (At 2.39), isto é, dos marginalizados da fé israelita dispersos no mundo inteiro. E Pedro vai além, sustentando a tese de que o senhorio de Cristo, pelo derramamento do Espírito Santo, definitivamente se manifesta diante da humanidade: "Exaltado, pois, à destra de Deus, tendo recebido do Pai a promessa do Espírito Santo, derramou isto que vedes e ouvis" (At 2.33). "Esteja absolutamente certa, pois, toda casa de Israel de que a este Jesus que vós crucificastes, Deus o fez Senhor e Cristo", "Kyrion kai Chiston" (At 2.36), isto é, Senhor e Rei. A Igreja, portando, é o corpo escatológico de Cristo na terra, a antecipação do reino eterno. Cada celebração eucarística reaviva-lhe na memória a condição de comunidade antecipadora do estado porvir nela processante: "Porque todas as vezes que comerdes este pão e beberdes o cálice, anunciais a morte do Senhor, até que ele venha" (I Co 11.26). Cristo, pois, não virá reinar; já veio; rege aqui o mesmo povo sobre o qual reinará eternamente no porvir, depois do juízo final.

02- A QUEDA DE JERUSALÉM.

"Em verdade vos digo que não ficará aqui pedra sobre pedra, que não seja derrubada" (Mt 24.2). "Quando, pois virdes a abominação da desolação de que falou o profeta Daniel, no lugar santo (quem lê, entenda), então, os que estiverem na Judéia fujam para os montes; quem estiver sobre o eirado não desça a tirar de casa alguma coisa; e quem estiver no campo não volte atrás para buscar a sua capa. Ai das que estiverem grávidas, das que amamentarem naqueles dias! Orai para que a vossa fuga não se dê no inverno, nem no sábado" (Mt 24.15-20).

A queda de Jerusalém, prevista por Jesus Cristo, repetiria o "abominável da desolação" de que falou Daniel (Dn 11.31; 12.11) e com mais gravidade: "Porque nesse tempo haverá grande tribulação, como desde o princípio do mundo até agora não tem havido, e nem haverá jamais" (Mt 24.21). Antíoco Apifânio, rei selêucida da Síria, assumiu o reinado em 175 a. C. com a pretensão de helenizar todas as culturas de seu domínio, inclusive pela introdução e vulgarização das divindades gregas. E Israel lhe era um estado submisso. Seu templo foi profanado. O cargo de sumo-sacerdote foi vendido a um profano, Menelau; afastado do ofício pelos judeus rebelados (168 a.C.). Antíoco, indignado, mandou invadir e saquear Jerusalém, matar seus habitantes e liquidar a religião judaica. A observância do sábado e a prática da circuncisão foram rigorosamente proibidas. A prostituição estabeleceu-se no templo. Em dezembro de 167, inaugurou-se um altar a Zeus Olímpicos no qual se lhe quimavam porcos em sadacrifício, e isto exatamente no local onde se realizavam os holocaustos judaicos a

Javé. Tal abuso provocou a ira dos fiéis adoradores do Deus de Israel. Matatias, já idoso, assumiu a liderança da resistência, e seus filhos, Judas (166-160 a.C.), Jônatas (160-142 a.C.) e Simão Macabeu (142-134), empreenderam sangrentas guerrilhas de reconquista do templo e da lei, e conseguiram. Segue-se um longo período de paz e prosperidade, de 134 a 63 a.C., quando Pompeu conquistou a Palestina, dando início ao domínio romano, que preservou a tradição religiosa de Israel até 70 d.C. Antíoco Epifânio profanou o templo, mas não o destruiu.

A queda de Jerusalém, incluída por Cristo nos acontecimentos dos últimos tempos, em que pese a mortandade ordenada por Antíoco IV e a carnificina das guerrilhas macabaicas, foi incomparavelmente pior, exatamente como previra Jesus Cristo. Quem faz a história é Deus. O homem é instrumento, não agente causador. Mesmo as tragédias são necessárias, segundo Cristo (Mt 24.6). Os judeus, pensando repetir o sucesso dos macabeus, empreendiam sucessivas guerrilhas contra a dominação romana, a ponto de o imperador perder a paciência, determinando, em setembro de 70 d.C., a completa destruição de Jerusalém, de seus habitantes e de sua base religiosa, o templo. Foi terrível. Os rumores da invasão levaram os beligerantes judeus a se concentrarem em Jerusalém para a sua defesa, fazendo exatamente o contrário da recomendação de Cristo. Aos habitantes somaram-se os guerreiros. A cidade ficou apinhada de gente. Tito determinou o seu cerco. E, depois de cortar-lhe o provimento de água e alimento, aguardou o devastador genocídio a ser realizado por seus principais e impiedosos assassinos: A fome e a sede. Decorrido longo tempo, um silêncio denunciador fez calar o burburinho da metrópole sagrada. Sua invasão foi determinada para conquista e saque. O quadro contemplado pelos soldados era tão dolorosamente terrível e o mau cheiro de milhares de mortos tão insuportável, que recuaram de mãos vazias. Cadáveres insepultos espalhavam-se nas casas, nas ruas, nas praças. Muitos morriam com os olhos fixos no templo. Uma mulher, alucinada, depois ter perdido completamente a racionalidade, matou seu filho de peito, assou-o e o comeu (Ref.: Guerras Judaicas, F. Josefo, 5.12.3 e 6.3.4). Os judeus que sobreviveram à fome foram crucificados. Os abutres e os chacais devoravam-lhes os corpos. Os cristãos, antes do cerco, seguindo as recomendações de Cristo, escaparam, fugindo para Pela. A estatística de Josefo é aterradora: 97.000 judeus escravizados; 1.100.000 mortos. O início do fim, pois, começou com a queda de Jerusalém, o hasteamento da bandeira romana, a destruição do templo e o triunfo do divinizado César. A abominação romano chegou ao clímax sob o imperador Adriano que, vencendo o guerrilheiro Simão Bar Kokhba (135 d.C.), transformou a Palestina numa colônia, "Élia Capitolina", consagrada ao deus pagão Júpiter Capitolino. Foi o "abominável da desolação!"

03- GUERRAS E RUMORES DE GUERRAS

"Certamente ouvireis falar de guerras e rumores de guerras; vede, não vos assusteis, porque é necessário assim acontecer, mas ainda não é o fim. Porquanto se levantará nação contra nação, reino contra reino, e haverá fomes e terremotos em vários lugares" (Mt 24.6,7 cf Mc 13.7,8; 21.9-11). Lucas adiciona algumas previsões: "Haverá grandes terremotos, epidemias e fome em vários lugares, coisas espantosas e também grandes sinais do céu" (Lc 21.11).

Todos os acontecimentos no interregno entre a primeira vinda e a segunda são "sinais do fim", pois o reinado de Cristo na terra, visível e objetivo em sua Igreja, é escatológico e milenário, isto é, o reino dos últimos tempos da nossa história terrena.

Guerras: O mundo nunca esteve sem guerras, rumores de guerras, guerrilhas, revoluções e atentados. Júlio Minham diz que de Constantino até o segundo conflito mundial houve 325 guerras, excluindo as revoluções, as intencionalidades, as perseguições aos judeus, os martírios dos primeiros cristãos, as execuções da "Santa Inquisição," o massacre da noite de São Bartolomeu (1572). Recordemos apenas os principais movimentos belicistas da era cristã:

01- De 0 a 115: Roma termina a conquista da Europa e domina a Ásia e a África, estabelecendo a "Pax romana" pelo controle militar. As revoluções generalizaram-se. O levante judaico de 66 culminou com a queda de Jerusalém em 70. A revolta liderada por Simão Bar-Kokhba terminou com o massacre dos judeus em 135.

02- Do século IV ao V as invasões bárbaras ensanguentaram a Europa. As antigas províncias romanas da Gália, da Espanha, da Inglaterra, da Itália e do Norte da África caíram nas mãos dos bárbaros. Roma chega ao fim no século quinto, depois de carnificinas terríveis.

03- Do século VII ao VIII aconteceram as guerras arábicas contra persas, bizantinos, visigodos e francos. O mundo caiu sob o poder dos árabes.

De 773 a 811 os francos, sob Carlos Magno, implantam um domínio mundial, mas inconsistente. As mortes contaram-se aos milhares.

05- 1096 a 1270 aconteceram as cruzadas com sacrifícios de inumeráveis cristãos e turcos. Em nome de Cristo e da fé pilhava-se e se matava impiedosamente.

06- No século XIII aconteceu o domínio mongol com Gengis Khan e Ogdaí Khan. As guerras mongóis atingiram a Ásia, o Oriente Médio e a Europa.

07- Do século XIII ao XVI houve o predomínio otomano pelos impiedosos sultões da Turquia.

08- De 1340 a 1453 houve a guerra dos cem anos entre a França e a Inglaterra com vitória parcial da França.

09- De 1618 a 1648 aconteceu a guerra dos trinta anos da Áustria, Espanha e Sacro Império Romano (herança de Carlos Magno) contra a França, a Suécia, a Holanda, a Dinamarca, e a Inglaterra.

10- De 1667 a 1713 Luís XIV guerreou, por ambição expansionista, contra o Sacro Império, a Inglaterra, a Holanda, a Suécia, Portugal, Savóia e principados alemães.

11- De 1756 a 1763 houve a guerra dos sete anos da França, Áustria, Rússia, Saxônia, Suécia e Espanha contra Grã-Bretanha, Prússia e Hanover. Saem vitoriosas: Grã-Bretanha e Prússia.

12- De 1792 a 1815 aconteceram as guerras napoleônicas, envolvendo direta ou indiretamente todas as nações. Terminou com a derrota de Napoleão em Waterloo.

13- De 1854 a 1856 estourou a Guerra da Crimeia, envolvendo o Reino Unido, a França, a Turquia e a Sardenha contra a Rússia.

14- De 1912 a 1913 houve as guerras balcânicas: Bulgária, Sérvia, Montenegro e Grécia contra a Sérvia, a Romênia e a Turquia.

15- De 1914 a 1918 a humanidade foi agredida pela Primeira Guerra Mundial, terminada a 11 de novembro de 1918, deixando um imenso rastro de destruição e sangue.

16- Em 1939 eclodiu a Segunda Guerra mundial. Desenvolveu-se uma tecnologia bélica avançada: Bombardeiros, bombas teledirigidas, V.1 e V.2, submarinos, porta-aviões, couraçados e a bomba atômica lançada sobre Hiroshima e Nagasaki (6 e 9 de agosto de 1945). Registrou-se o massacre dos judeus, mais de 6.000.000, especialmente nos campos de concentração e extermínio de Auschwitz, Belzec, Chelmno, Maidanek, Sobibor e Treblinka. A imagem é de arrepiar o mais empedernido carrasco. Mais de 50.000.000 de civis e militares pereceram por ação direta e por conseqüências.

Depois da segunda guerra mundial a humanidade presenciou as seguintes guerras: Estados Árabes x Israel (1948,1956,1967, 1973); Coreia do Sul e Estados Unidos x Coreia do Norte e China (1950-53); França x Argélia, Marrocos e Tunísia (1954-62); Guerras do Viet-Nam (1945-54 e 1961 a 73); a recente Guerra do Golfo entre Iraque e Kuwait, este socorrido por forças da ONU lideradas pelos Estados Unidos, Inglaterra e França; a fratricida guerra da Bósnia.

Não mencionamos guerras localizadas como, por exemplo: Da Independência do Estados Unidos (1775-1763); Estados Unidos x Reino Unido (1812); Espanha x Venezuela e Argentina (1810- 1824); anexação do México pelos Estados Unidos (1846-48); Prússia e Áustria x Dinamarca (1864); Guerra do Paraguai (1865-1870); guerra hispano-americana(1898); Rússia x Japão (1904-1905); Paraguai x Bolívia (1928-35); Itália x Etiópia (1898-1935) e outras.

Nas duas guerras mundiais literalmente levantaram-se nações contra nações e reinos contra reinos, deixando um saldo de milhões de óbitos e inumeráveis feridos e mutilados. As guerras continuam, e cada vez mais devastadoras. As tecnologias militares têm aumentado a precisão e a eficiência das artefatos bélicos, dos bombardeios e dos ataques. Vivemos sob espionagem de satélites e ameaças atômicas. Países pequenos, mas belicistas, já possuem bombas atômicas de vasto poder de destruição, competindo com as grandes potências.

04- FOME, TERREMOTOS, EPIDEMIAS.

"Haverá grandes terremotos, epidemias e fome em vários lugares"(Lc 21.11).

A fome. Ela foi a causa do extermínio de milhares de judeus aprisionados pelo exército romano em Jerusalém no ano 70 d.C., e tem sido assassina de milhões de seres humanos em todos os tempos. Já matou muito mais que todas as guerras. As doenças originárias da subnutrição respondem pelo elevadíssimo índice de mortalidade infantil e aparecimento de indivíduos de baixa estatura e pessoas frágeis fisiológica e mentalmente, incapazes de disputarem o mercado de profissões qualificadas. A ONU estima que a fome mata um terço das crianças até sete anos de idade nos países subdesenvolvidos e em desenvolvimento, elevando a média anual, universal, da mortalidade infantil para 23 milhões. E mais de 300 milhões de crianças e milhares de adultos em todo mundo sofrem de doenças carenciais por deficiências alimentares. O quadro internacional é preocupante: Os ricos limitam filhos; os pobres reproduzem ilimitadamente. A capacidade de produção de alimentos não cresce na mesma proporção da necessidade. A mendicância multiplica-se assustadoramente em todo mundo. O fastasma da fome está, pois, diante de nós.

Vulcões e Terremotos. Vulcões e terremotos, em muitas incidências, têm as mesmas origens; e uns e outros ocorrem freqüentemente. No ano 79 o vulcão Vesúvio soterrou completamente a então grande e próspera cidade romana de Pompéia. Piores que os vulcões, no entanto, são os terremotos. Regiões como São Francisco-USA, México, Nicarágua, Alasca, Japão, Filipinas e Indonésia têm sido vítimas de terremotos gigantescos e maremotos assustadores. O terremoto de 1923, em Tóquio, matou 140 mil. Recentemente os japoneses sofreram as consequências de um terremoto com centenas de vítimas. As estações sismológicas, instaladas em múltiplas regiões terrestres, registram, anualmente, 1 milhão de abalos sísmicos; destes, 5 mil perceptíveis, alguns atingindo elevado grau na escala Richter. Todos temos ouvido falar de terremotos; muitos sofrem ou sofreram suas danosas consequências.

Epidemias. As doenças epidêmicas, especialmente nos últimos tempos da era cristã, têm causado inumeráveis óbitos. A miséria e a promiscuidade facilitam as infestações. As navegações, as migrações e as guerras espalham-nas rapidamente. Eis algumas epidemias graves com local e tempo de ocorrência:

Capadócia, início do século I: Difteria. China, 42-44: varíola. No tempo de Trajano, 98-117: peste bubônica. Grécia e Roma, 252-254: febre não identificada fez milhares de vítimas. Roma, 302: provavelmente carbúnculo. Roma, 312: varíola. Inglaterra, 444: não identificada; enfraquecimento geral, culminando com a morte. Mediterrâneo, Gália e Germânia, 542; peste bubônica com infecção pulmonar; foi a mais grave peste dos tempos antigos, extremamente letal. Por onde passou, a mortandade ultrapassou a 80% da população. A cada espirro, sintoma da infecção letal, se dizia: "Deus o bençõe", "saúde". Itália, Espanha e Gália, 543-593: a peste negra. Inglaterra e Irlanda, 547: "Yellow Plague," amarelidão. As ilhas britânicas chegaram a perder 2/3 da população. Esta epidemia se repetiu em 570 e 664, atingindo, além da Inglaterra, a França e a Itália. França e Alemanha, 997-1118: "Mal des Ardents," ardência intestinal, geralmente incurável. Europa, 1338-1346: doenças, praga de gafanhotos, e inundações arruinaram populações inteiras. Ásia, China, Índia e Europa, 1347- 1353: peste negra, deixando um saldo de mais de 50 milhões de mortos. A peste negra continuou matando na Europa de 1348 a 1414. Séculos XV e XVI: no mundo inteiro, epidemia de sífilis infecto-contagiosa. México, 1500 e 1527: febre amarela, varíola e tifo. Inglaterra, 1528-1529: influenza mortífera. Europa, 1560, 1561: Dança de São Vito. Sintomas: Desordem mental e desequilíbrio motor. As pessoas perambulavam cambaleantes até à morte. Portugal, 1569: epidemia não identificada fez mais de 60 mil vítimas fatais. Itália, 1575-1578: peste não determinada matou milhares de pessoas. França, 1580 e 1585: coqueluche e lepra, com mais de 80 mil mortos. Europa e novo mundo, 1614-1618: varíola. Neste mesmo ano apareceram brilhantes em vários pontos do céu nove cometas, provocando pânico na população. Inglaterra e Itália, 1664-1666: peste bubônica, eliminando, aproximadamente, 770 mil pessoas. África do Norte, Polônia, Hungria, Áustria e Alemanha, 1675-1684: peste desconhecida fez mais de 100 mil vítimas fatais. Europa, a partir de 1767: surto incontrolável de tuberculose. Europa, 1826- 1862: incidência de tifo e cólera, fazendo milhares de vítimas. Somente na França morreram 140 mil. Panamá, 1880: a malária dizimou 76% dos trabalhadores do canal. A partir de um surto na Suécia, 1887, a poliomielite transformou milhões de crianças sadias em paraplégicas no mundo inteiro. De 1914-1918: a gripe espanhola percorreu o mundo ceifando vidas, fazendo, somente em 1918, 20 milhões de óbitos. E as doenças continuam: Câncer, AID, ebola, vírus das florestas, contaminações químicas, radioativas... A humanidade está cada vez mais enferma, física e psicologicamente. São os sinais dos tempos!

O5- PERSEGUIÇÕES E TRAIÇÕES

"Então sereis atribulados, e vos matarão. Sereis odiados de todas as nações por causa do meu nome. Nesse tempo, muitos hão de se escandalizar, trair e odiar uns aos outros" (Mt 24.9,10). "Um irmão entregará à morte outro irmão, e o pai ao filho; filhos haverá que se levantarão contra os progenitores, e os matarão. Sereis odiados de todos

por causa do meu nome; aquele, porém, que perseverar até o fim, esse será salvo" (Mc 13.12,13).

Os sinais escatológicos de perseguições, martírios e traições apareceram muito cedo. Os primeiros inimigos dos cristãos foram os judeus. Paulo, antes de experimentar a ira dos romanos, sofreu nas mãos de seus compatriotas. A primeira vítima foi o diácono Estêvão que, sob falso testemunho, foi levado perante o Sinédrio, condenado sumariamente e executado por apedrejamento (At 6.8 a 7.60). Mártires, e com requintes de impiedosa crueldade, foram todos os apóstolos e inumeráveis discípulos, servos e servas. O poder imperial de Roma, depois de reduzir o judaísmo a quase nada, tentou fazer o mesmo com o cristianismo. As hostilidades começaram no governo de Calígula (37-41 d.C.), que se declarou deus, determinando que todos os seus súditos lhe prestassem reverente adoração, e então estariam livres para adorarem seus deuses pessoais. Os cristãos, seguidos pelos judeus, não se prostraram aos pés de César, mesmo sabendo que prisão e morte lhes esperavam. Cláudio, sucessor de Calígula, continuou-lhe a política, e ainda teve o demérito de se casar com Agripina, sua sobrinha, que tinha um filho de casamento anterior, Domício, a quem adotou como filho com o nome de Nero. Nero se casou com Otávia, filha de Cláudio. Morto o pai adotivo, herdou o trono (54-68 d.C.). Agripina, acusada de ter mandado matar o marido para entregar a coroa real ao seu filho Nero, foi por este assassinada por se intrometer demasiadamente em seu governo. Em 64, um gigantesco incêndio destruiu grande parte da cidade de Roma. Os adversários e o povo atribuíram-no a Nero. Este, para se livrar das acusações, acusou os cristãos. E, sem demora, mandou prendê-los, torturá-los no jardim palaciano e matá-los. Em Roma, todos os que confessaram a fé em Cristo foram mortos sem qualquer comiseração. Paulo e Pedro foram martirizados nessa época. A partir de Nero, todos os imperadores, até Constantino, perseguiram o cristianismo. A cristocentricidade dos cristãos levava as autoridades romanas a considerá-los traidores do império e opositores de César. A confissão: "Creio em Cristo" era suficiente para a condenação à morte do confessante. As hostilidades, que já eram muitas, embora localizadas, tornaram-se gerais, tenazes e insuportáveis sob os governos de Marco Aurélio (161-180), Sétimo Severo (193-211), Décio (249-251), Valeriano (257-260), Diocleciano (285-305), Galério (305-311). Sob a cruel perseguição dos mencionados imperadores milhares de cristãos apostataram-se da fé, curvando-se diante de deuses pagãos oficiais e do ícone do imperador; traíram seus irmãos; preferiram o certificado de "patriota" (Libellus), comprovante de fiel adorador do ícone de César, à cruz de Cristo, enquanto contemplavam impassíveis a prisão, a humilhação, a tortura e o martírio de milhares de ex-conservos. Cumpriu-se, literalmente, a profecia do Mestre em Marcos 13.12,13. A partir de Constantino cessou a perseguição, mas a Igreja se tornou vítima do poder temporal, do materialismo e do mundanismo, e isto teve duração longa. Todas as tentativas de retorno às Escrituras e recristianização da fé foram reprimidas e seus líderes, hostilizadas pela própria igreja estabelecida com renegações, prisões, sevícias, torturas e execuções. Assim se procedeu com os cátaros ou albigenses, com os valdenses, com os lollardos (discípulos de Wycliffe), com João Huss e seus seguidores (Taboritas e Utraquistas), com o dominicano Savonarola, com João Knox, com muitos reformadores e reformados, especialmente na França e países baixos. Destaquemos aqui a chassina dos huguenotes na noite de São Bartolomeu, 24 de agosto de 1572. Catarina

de Médicis convenceu o pusilânime Carlos IX a autorizar o Duque de Quiza a eliminar os protestantes. O ataque foi de surpresa, com as vítimas em repouso. As residências foram invadidas e os verdugos não pouparam mulheres grávidas, crianças e idosos. Somente em Paris, os corpos, alguns mutilados, ultrapassaram a dois mil. Em toda a França fizeram-se milhares de vítimas. Muitos, para não perderem a vida, negaram a fé evangélica. Entre estes se contam Luiz de Condé e Henrique de Bourbon. O mundo se consternou, menos a jesuítica Espanha e o empedernido Vaticano. O Papa Gregório XIII determinou que se comemorasse sempre a data com um "Te Deum"; fez cunhar uma moeda comemorativa com os dizeres: *Ugonostorum Estrages, 1572, Gregorius XIII, Pont. Max. ano I*. Como se não bastasse, contratou o artista Vasari para pintar na parede do salão régio um quadro memorativo do horripilante morticínio. Não nos esqueçamos da Inquisição pela qual a Igreja de Roma articulou as mãos dos estados católicos contra judeus e protestantes com milhares de indefesas vítimas, cujos bens confiscados se dividiam igualmente entre o denunciante, a Igreja de Roma e o Estado. Os sinais dos últimos tempos estão presentes e continuarão até o fim.

06- EVANGELIZAÇÃO DO MUNDO

"E será pregado este evangelho do reino por todo o mundo, para testemunho a todas as nações. Então virá o fim" (Mt 24.14 cf Mc 13.10). O fim chegará, quando todas as nações, certamente como instituições, conhecerem o Evangelho, podendo moldar suas leis, sua ética administrativa e seus princípios por ele, pois "feliz é a nação cujo Deus é o Senhor" (Sl 33.12), ou rejeitá-lo, optando pelo paganismo ou pela idolatria com prejuízos incalculáveis para seus súditos. A salvação procede da graça e atinge os eleitos em Cristo, mas a moral bíblica beneficia o conjunto da sociedade. Pregação não significa aceitação. Cada nação e cada cidadão, recebendo a informação evangélica, ficam indesculpáveis perante o Redentor.

O imperativo de Deus. O Pai, para enviar seu Filho à terra, divulgou a revelação por meio da dispersão de seus eleitos; providenciou a tradução das Escrituras do hebraico para o grego, língua universal dos sábios; unificou o mundo pela dominação romana. Nas mãos do Redentor, Israel, povo exclusivista e sectário, tornou-se compulsoriamente missionário e proselitista (Mt 23.15 cf At 2.11; 5.5; 13.34). A plenitude dos tempos para o advento do Messias não foi realização humana, mas divina. Israel, povo da promessa, por ordenação e direção de Deus, escreveu com a própria existência e por meio de seus profetas a escatologia messiânica. O mesmo está acontecendo com a Igreja, comunidade escatológica por excelência: Deus a colocou na história da humanidade como peregrina em marcha para um fim preordenado, o reino eterno consumado. Deus opera tudo em todos. Ele organiza os eventos históricos de tal maneira que seus objetivos se cumprem. Olhemos retrovisivamente: A perseguição à Igreja, a miscigenação mundial com as invasões e domínios bárbaros, as cruzadas, as navegações, o renascimento, a reforma protestante, o anabatismo, o pietismo, as guerras, a globalização do mundo por meio dos rapidíssimos transportes e instantâneas comunicações. Por intermédio de todos esses meios Deus opera, independentemente da ação direta e consciente da Igreja, a disseminação do evangelho. O papel da Igreja Católica não pode ser desconsiderado como significativo ramo do cristianismo, mas seu

testemunho evangélico é fraco e comprometido com a idolatria. Mas Deus certamente usa todo o cristianismo para que, de qualquer maneira, o nome de Cristo seja colocado diante de todas as nações. E tem sido e está sendo.

Os que já ouviram. A Igreja, antes de terminar o século terceiro, já se fazia presente em todas as culturas representativas do contexto mundial: Ásia Menor, Mesopotâmia, Macedônia, Grécia, Síria, Egito, África, Itália, Gália, Espanha, Trácia, Harmênia, Britânia. A Igreja ultrapassara os limites da civilização greco-romana para se tornar verdadeiramente mundial. Os pés dos que anunciaram o Evangelho de Cristo pisaram em terras de todas as nações do Antigo Oriente, hoje dominadas por religiões orientais. Nenhum povo numeroso, como nação, pode dizer que nunca ouviu falar de Jesus Cristo e das Escrituras Sagradas. Pessoas há, e muitas, ainda não atingidas pela pregação do Evangelho, mas a nível de governos não se pode dizer o mesmo. Nações que foram cristãs, como as do império comunista e as do mundo muçulmano, tornaram-se pagãs e anticristãs, mas tiveram, durante séculos, a oportunidade de conhecerem a verdade escriturística e de se confrontarem com o Messias prometido. O Evangelho lhes foi pregado em cumprimento ao sinal escatológico dos últimos tempos.

O período entre a primeira vinda e a segunda é o tempo do governo milenário do Rei, da existência e ação de sua Igreja, da proclamação da mensagem redentora a todos os povos. Creio não haver nenhuma nação onde a voz do Evangelho não tenha penetrado por meio da televisão e do rádio, mesmo em países fechados ao cristianismo como Irã, Iraque, Albânia, Coreia do Norte, Iêmem do Sul, Zanzibar e outros. A oportunidade se lhes oferece para que, culpáveis, compareçam perante o tribunal de Deus no juízo final. Não se requer a conversão de todas as criaturas, mas a pregação das Escrituras a todas as nações para testemunho, e isto tem sido feito. Religiões anticristãs como hinduísmo, budismo e islamismo, certamente continuarão, pois a oposição ao Cordeiro não cessa e ainda se intensificará nos últimos dias. A graça, porém, floresce em áreas inóspitas, triunfa em campos minados e cresce em ambientes eivados de pecado, repletos de inimigos.

07- O RETORNO DOS JUDEUS

As profecias do Velho Testamento sobre o retorno de Israel limitam-se à antiga dispensação, não podendo ser aplicadas ao judaísmo contemporâneo pelas razões seguintes:

a- **Arrependimento.** Deus condicionou o retorno ao arrependimento (Dt 3.10; Jr 29.13,14; I Rs 8.45-49; Ez 36.33; Os 11.10 e outros). O restabelecimento do Estado de Israel em maio de 1948 e a volta de muitos judeus à pátria não são, certamente, respostas divinas ao arrependimento coletivo do ex-povo eleito; são fatos genuinamente políticos. O judaísmo, além de sectário e exclusivista, expressa um humanismo materialista e incrédulo; caracteriza-se pela negação e sistemática rejeição do Messias, nosso Senhor Jesus Cristo. Deus prometeu trazer de volta à Terra da Promissão um povo arrependido; não rebeldes e incrédulos como os judeus atuais. O partido judaico ultra-ortodoxo, "Neturei Karta," classificou o primeiro governo de Israel de "um regime de blasfemos".

b- **Profecias cumpridas.** Os profetas profetizaram a deportação do Reino do Norte para a Assíria e do Reino de Judá para a Babilônia, fatos ocorridos

respectivamente em 721 e 587 a.C., mas também predisseram a volta de ambos, o que aconteceu, a partir de 536, pelo decreto de Ciro. Todas as predições sobre a escravidão assíria e babilônica bem como aquelas previsivas da libertação, da volta à pátria de origem, da restauração do templo e da recuperação da unidade nacional aconteceram antes e durante o aludido cativeiro, jamais depois. Profetas que vaticinaram muito antes: Isaias, Miquéias, Sofonias, Jeremias, Habacuque, Obadias. Profetas que profetizaram durante o cativeiro, mas antes do retorno: Ezequiel e Daniel. Profetas que profetizaram durante a restauração: Ageu e Zacarias. Malaquias, sessenta anos depois do retorno, mas nada menciona sobre uma futura volta de Israel. Conclui-se que: O fim do cativeiro babilônico e a restauração de Israel são acontecimentos plenamente realizados depois da pregação de todos os profetas vetotestamentários, com a única exceção de Malaquias, mas este não falou de qualquer restauração posterior. Transferir profecias cumpridas para cumprimento a milhares de anos depois não é, certamente, exegese confiável.

c- **O absurdo da restauração.** Entendemos serem absurdas, por se tratar de retrocesso, as doutrinas da restauração nacional de Israel, da reconstrução do templo, do restabelecimento dos sacrifícios de animais e da antiga ordem sacerdotal com poderes mediatoriais entre Deus e os homens. Voltar ao velho e superado sistema soteriológico é retroceder do superior ao inferior, deixar de contemplar o retrato acabado para admirar o seu negativo. O que era apenas figura, símbolo ou imagem, realizou-se e se consumou, e definitivamente, em Jesus Cristo: "E que não passam de ordenanças da carne, baseadas somente em comidas e bebidas e diversas abluções, impostas até ao tempo oportuno de reforma. Quando, porém, veio Cristo como sumo sacerdote dos bens já realizados, mediante o maior e mais perfeito tabernáculo, não feito por mãos, quer dizer, não desta criação, não por meio de sangue de bodes e de bezerros, mas pelo seu próprio sangue, entrou no Santo dos Santos uma vez por todas, tendo obtido eterna redenção" (Hb 9.10-12). "Porque Cristo não entrou em santuário feito por mãos, figura do verdadeiro, porém no mesmo céu, para comparecer, agora, por nós, diante de Deus" (Hb 9.24). "Jesus, porém, tendo oferecido, para sempre, um único sacrifício pelos pecados, assentou-se à destra de Deus" (Hb 10.12). "Agora, com efeito, obteve Jesus ministério tanto mais excelente, quanto é ele também mediador de superior aliança instituída com base em superiores promessas, porque se aquela aliança tivesse sido sem defeito, de maneira alguma estaria sendo buscado lugar para a segunda" (Hb 8.6,7). "Ora, aquilo que se tornou antiquado e envelhecido, está prestes a desaparecer" (Hb 8.13b). Uma escatologia de restauração de coisas passadas, prefigurativas do que viria, não se harmoniza com a perfeita, eficaz e eterna obra redentora de Cristo Jesus, Senhor e Rei agora e eternamente. Primeiro o ovo, depois a ave, numa ordem necessária de sucessão e progresso. Assim também acontece com o velho e o novo povo de Deus; caminhamos do antecedente para o conseqüente, do anterior para o posterior, do inferior para o superior. O templo perfeito, eterno e universal é Jesus Cristo. O culto não é mais privilégio de qualquer povo, nem se localiza em qualquer região geográfica, pois está centralizado exclusivamente em Cristo, e por sua mediação é prestado a Deus em espírito e em verdade (ver Jo 2.19-22; Jo 4.23.24).

Conclusão importante: Nenhuma promessa de nova restauração de Israel existe, registrada na Bíblia, depois que os judeus voltaram do cativeiro babilônico e se

reestabeleceram na Palestina. A organização do Estado de Israel, pelo menos indiscutivelmente, não é sinal dos últimos tempos, segundo as Escrituras.

08- SALVAÇÃO DE ISRAEL

Um só povo de Deus. Deus nunca possuiu dois povos, mas sempre um, a Igreja, que se identificava anteriormente com Israel e agora existe em Jesus Cristo. Não há descontinuidade entre a velha e a nova dispensação; a primeira era a promessa, o protótipo; a segunda, a definição, a consumação, a realização final. O que Israel foi em figura, a Igreja é na realidade; mas de maneira conclusiva e permanente, pois nela a promessa de cumprir. O pacto mosaico firmado com os judeus aplica-se, sem restrições, aos cristãos. Vejam o paralelo: "Vós me sereis reino de sacerdotes e nação santa" (Ex 19.6). "Vós, porém, sois raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus, a fim de proclamardes as virtudes daquele que vos chamou das trevas para sua maravilhosa luz" (I Pe 2.9). Israel foi o instrumento particular pelo qual Deus estendeu sua graça a todos os povos por intermédio do único remanescente fiel, nosso Senhor Jesus Cristo. "Há somente um corpo e um espírito, como também fostes chamados numa só esperança da vossa vocação; há um só Senhor, uma só fé, um só batismo; um só Deus e Pai de todos, o qual é sobre todos, age por meio de todos e está em todos" (Ef 4.4-6). Cristo é a Videira Verdadeira; nós, os ramos; um só corpo do qual Cristo é a cabeça. Não há duas videiras. Não existem dois corpos, duas cabeças, dois meios de salvação, um pela lei, privilegiando uma raça, e outro pela graça, exclusiva para os gentios.

Salvação de Israel

Há um texto pelo qual se sustenta a doutrina da salvação de Israel: "E assim todo o Israel será salvo, como está escrito: Virá de Sião o Salvador, ele apartará de Jacó as iniquidades" (Rm 11.26). **Todo o Israel** tem as seguintes interpretações:

01- A nação israelita será salva na volta do Libertador, que removerá os pecados de Jacó segundo a promessa (Rm 11.27). Esta interpretação tropeça nas seguintes dificuldades: a- Os judeus, que morreram em pecado não podem estar incluídos, pois a oportunidade de salvação cessa com o fim da vida terrena pela morte física. b- A geração de judeus que presenciaram a segunda vinda de Cristo, mesmo admitindo que seja salva em sua totalidade, o que é inimaginável, representará mínima parcela dos judeus, que se perderam ao longo da história dos hebreus. c- Tal interpretação concebe duas coisas teologicamente inconcebíveis: Primeira: salvação coletiva sem a indispensável resposta individual da fé. Segunda: redenção por decreto eletivo e seletivo à margem da obra vicária e redentora de Cristo, que morreu por todos os seres humanos, judeus e gentios.

02- Salvação dos eleitos. "**Todo o Israel**", no entendimento de Paulo, é apenas o remanescente, o conjunto dos eleitos (Rm 11.5-10). Esta interpretação está mais correta, mas ainda discrimina entre judeus e gentios e estabelece um tipo de salvação separada e compulsória dos judeus eleitos, independentemente da obra redentora de Cristo.

03- "**Todo o Israel**" significa o corpo total e geral dos eleitos redimidos dentro do qual não pode haver distinções raciais: "Dessarte não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo

Jesus. E, se sois de Cristo, também sois filhos de Abraão, e herdeiros segundo a promessa" (Gl 3.28,29). "Pois não há distinção entre judeu e grego, uma vez que o mesmo é o Senhor de todos, rico para com todos os que o invocam"(Rm 10.12). Todos os salvos em Cristo, mediante a fé, são filhos de Abraão, nascidos segundo o Espírito e a vontade de Deus (Jo 1.12,13). Paulo nos ensina que no único tronco são enxertados judeus e gentios como participantes da raiz e da seiva da mesma videira sem qualquer vanglória de um lado ou de outro, mas com responsabilidade de submissão e reverência ao Senhor da vinha (Rm 11.17-24). A inserção dos ramos gentílicos na cepa universal onde se reenxertam os judeus é ato da absoluta soberania de Deus (Rm 11.23,24). O endurecimento dos judeus como raça possibilitou o ingresso dos gentios na Igreja, mas não impediu a salvação do remanescente eleito (Rm 11.11-16; Rm 9.6-8; Rm 11.5-8).

04- **Todo Israel** significa: A totalidade dos eleitos da velha dispensação, judeus e prosélitos, no curso da história da redenção até o advento do Messias, e o número final dos redimidos da nova dispensação, judeus e gentios, no período que vai do Messias até a consumação dos séculos. Assim, a plenitude da Igreja arrebatada será a soma de todos os salvos por Cristo Jesus sem qualquer discriminação ou separação de judeus e gentios. Como se nota, a plenitude de Israel não se restringe à última geração de israelitas, a que estiver viva por ocasião da volta do Cordeiro, mas aos salvos de todas as gerações. Também não será uma plenitude à parte, uma conservação racial, mas uma integração gloriosa e indissolúvel da Igreja universal, una e santa, em Jesus Cristo, o único Salvador.

09- O ANTICRISTO

"Filhinhos, já é a última hora; e, como ouvistes que vem o anticristo, também agora muitos anticristos têm surgido, pelo que conhecemos que é a última hora" (I Jo 2.18). "E todo espírito que não confessa a Jesus não procede de Deus; pelo contrário, este é o espírito do anticristo, a respeito do qual tendes ouvido que vem, e presentemente já está no mundo" (I Jo 4.3 cf I Jo 2.22; II Jo 7).

O que João chama de anticristo, Jesus denomina de "falso profeta" e "falso cristo" (Mt 24.5; 24.11; 24.23,24), Paulo designa de "homem da iniquidade" (II Ts 2.3-12), e o vidente de Patmos descreve como "besta" (Ap 11.7; 13.1-18). Todas as figurações do anticristo apontam para as mesmas conclusões: 01- Poderes em pessoas e organizações que já atuam agora e atuarão nos tempos do fim. 02- Tais poderes podem ser, e efetivamente são, duplos: Místico-religioso e político-secular. O místico-religioso apresenta-se de duas maneiras, distintas na forma e semelhantes na essência: a- Religiosidade idólatra e pagã com pretensões filosóficas, universalistas e taumatúrgicas. b- Cristianismo herético, consistindo de intensa e extensa vulgarizações de textos escriturísticos e utilização do nome de Cristo com finalidades miraculosas e mânticas, persuasão das massas, projeção de líderes, ampliação de domínios e aumento de bens materiais. Muitos se apresentam como verdadeiros deuses, detentores do poder de Cristo, manipuladores de bênçãos espirituais, veículos dos poderes celestes, profetas verdadeiros, ministros da graça. O poder anticristico político-secular pode encarnar-se em pessoas revestidas de autoridade ou em sistemas materialistas de governo anticristão como já aconteceu com Roma e muitos de seus crudelíssimos imperadores; com a Alemanha de Hitler e seus desumanos auxiliares; com a União Soviética e seus vários

ditadores, especialmente Stalin. Como se pode notar pela leitura dos textos bíblicos relativos às forças anticristicas, elas, não raro, nascem dentro da Igreja como tumores malignos, que lhe danificam o organismo e lhe comprometem a saúde moral e espiritual, e também pelo surgimento de falsos ministros e falsos profetas, sempre com base na técnica demoníaca de se vestir o lobo com a pele do cordeiro para ludibriar, persuadir e atrair os incautos. Surgem também do mundo pagão e se arremetem contra a Igreja para destruí-la. Então, a palavra "anticristo" pode significar "contra Cristo" ou "em lugar de Cristo". As duas potências do anticristismo algumas vezes agem separadamente, segundo a conveniência e a estratégia do dragão, Satanás; outras vezes unem-se contra os verdadeiros cristãos. A união da besta religiosa com a besta política já ocorreu por ocasião do julgamento e condenação do Cordeiro pela mancomunação de oponentes e inimigos irreconciliáveis como Anás e Caifás, sacerdotes do povo eleito, com os indesejáveis Pilatos e Herodes, representantes políticos e judiciários do estado romano. E esse inusitado consenso teve o apoio da massa iludida pelos falsos líderes espirituais.

O aparente poder do dragão: A morte do Cordeiro causou distúrbios cósmicos inacreditáveis: "Desde a hora sexta até à hora nona houve trevas sobre toda terra". "Eis que o véu do santuário se rasgou em duas partes, de alta a baixo, tremeu a terra, fenderam-se as rochas, abriram-se os sepulcros e muitos corpos de santos, que dormiam, ressuscitaram" (Mt 27.45 e 27.51,52). O poder do dragão, Satanás, manipulando as duas bestas, foi terrivelmente cruel. E a vitória lhe parecia certa e consumada, quando a derrota veio com a ressurreição do Divino Rei. O inimigo, porém, não desistiu. O poder político acasalou-se com o religioso por longo e destrutivo tempo: De Constantino, em 312, a Carlos Magno, em 800, período que marca a supremacia do Estado sobre a Igreja com imperadores legislando eclesiasticamente, convocando sínodos, penalizando desafetos ou supostos hereges e disciplinando comunidades eclesiásticas em nome de Deus. Depois de Carlos Magno, veio a era da supremacia da Igreja sobre o Estado. O Papa Nicolau I foi o primeiro a ostentar a coroa da realeza secular, e o papado assumiu a privilegiada autoridade de coroar os reis. Nos séculos XI, XII e XIII, principalmente, os papas exerciam juízos sobre os tronos, decidiam sobre validade de leis civis, tratados e alianças, competindo-lhes a delimitação de autoridades, poderes, fronteiras nacionais e reinos. Indiscutível é a declaração do Papa Gregório VII: "Papa princeps reges", o Papa governa os reis. Senhores do mundo, no tempo aludido, foram os papas Gregório VII, Alexandre III e Inocêncio III. Dizia-se que a relação funcional do papa com o rei assemelhava-se à da alma com o corpo ou à do sol com a lua. A união do poder político com o religioso esmagou consciências, suprimiu liberdades, obstaculou o progresso da verdadeira Igreja, ocultou a sã doutrina, reduziu judeus a "católicos novos", provocou abjurações e apostasias, exterminou protestantes e descendentes de Abraão nas desumaníssimas galeras, queimou-os nas fogueiras públicas do famigerado "Tribunal do Santo Ofício". E até hoje o poder político-religioso se faz presente no Estado do Vaticano, brilha na coroa papal e se esparrama pelo mundo por meio de nunciaturas apostólicas e de um clero organizado, universal e submisso à sé romana.

10- ANTICRISTISMO FINAL

O Diabo se julgava o rei de todos os reis e o beneficiário direto de suas glórias. Tal pretensão demonstrou, quando ofereceu a Jesus o seu suposto reinado em troca da

adoração, isto é, de sua divinização (Lc 4.6,7 cf Mt 4.8,9). A presença do Rei incomoda-o não só por limitar-lhe o poder mas por determinar-lhe o fim. Este mundo, agora posto no maligno, caminha irreversivelmente no e para o domínio do Messias. Então, Satanás, sabendo que o Cordeiro está vencendo e vencerá, arregimenta contra ele as forças do mal e as intensificará imensuravelmente nos tempos finais, desencadeando contra o povo de Cristo perseguições e sofrimentos inenarráveis por meio de poderosos e populares anticristos, causando corrupção, perversão, incredulidade e apostasia em proporções jamais presenciadas na humanidade (II Tm 3.1-9; II Ts 2.3; 4.1-4; Mt 24.5, 11,12,21-24). Um anticristo absolutamente iníquo, no encerramento da era cristã, aparecerá como líder das potências do mal contra Deus e seu povo eleito, anunciado pelas Escrituras como "homem da iniquidade", "filho do pecado" (II Ts 2.3,4) ou "besta" (Ap 17.3, 7-12; e cap. 13).

HOMEM DA INIQUIDADE

"Irmãos, no que diz respeito à vinda de nosso Senhor Jesus Cristo, à nossa reunião com ele, nós vos exortamos a que não vos demovais da vossa mente com facilidade nem vos perturbeis, quer por espírito, quer por palavra, quer por epístola, como se procedesse de vós, supondo tenha chegado o dia do Senhor. Ninguém de nenhum modo vos engane, porque isto não acontecerá sem que primeiro venha a apostasia, e seja revelado o homem da iniquidade, o filho da perdição, o qual se opõe e se levanta contra tudo que se chama Deus, ou objeto de culto, a ponto de assentar-se no santuário de Deus, ostentando-se como se fosse o próprio Deus" (II Ts 2.1-4). No desfecho do tempo que se chama "hoje", no bojo das tribulações finais, segundo Paulo, surgirá um anticristo cruel, um perseguidor implacável do povo de Deus, entronizando-se a si mesmo num altar, obrigando os servos do Senhor a lhe prestarem culto. O seu espírito já atua no mundo, corrompendo a mente de inúmeras pessoas, disseminando heresias, gerando apóstatas, dominando instituições, que se tornam materialistas, desumanas e anticristãs. Pessoalmente ainda não veio. Quando vier, será um executor perfeito dos planos de Satanás, ludibriando a humanidade com sinais e prodígios mistificadores, intencionalmente mentirosos, mas com aparência de verdadeiros (II Ts 2.9). A sua injustiça contra os eleitos de Deus receberá o apoio das massas iludidas, desprezadoras da verdade, amantes do falso e de suas falsificações (II Ts 2.10-12).

A força que o detém

Não se sabe, hoje, exatamente, o que o detém. Os tessalonicenses, afirma Paulo, sabiam (II Ts 2.6), mas não nos disseram. Algumas teorias:

01- Nero redivivo. Acreditava-se que o perverso e desumano ditador, verdadeiro anticristo, retornaria ao poder com monstruosidade redobrada. Crenças da época: a- Nero não morreu (68 d. C.); afastara-se temporariamente do trono para reassumi-lo posterior e definitivamente. O que então o detinha era Vespasiano com seu filho Tito. Estes, porém, não lhe impediriam definitivamente o regresso. b- Nero efetivamente morreu, mas reviverá, trazendo de volta do sheol uma carga imensa de crueldade e ódio contra os cristãos. A volta de Nero, na expectativa popular, parecia certa. Deveria ocorrer por ressurreição, acreditavam alguns, ou por reencarnação, opinavam outros. Em qualquer dos casos, porém, o fato aconteceria por vontade e ação do Diabo. E o poder que o detinha era a morte.

02- O homem da iniquidade é o bispo de Roma, pensavam muitos. O poder que o detinha era o império romana. Afastado este, o bispo transformou-se em Sumo Pontífice, virou Papa, assumiu a coroa do poder político, tornou-se infalível em sua cátedra pontifícia, equiparou a sua palavra e a do seu clero à palavra das Escrituras, tornou-se perseguidor dos verdadeiros crentes por atuação direta e indireta.

03- O homem da iniquidade já tem operado por líderes políticos ateus, corruptos e perseguidores como Hitler e Stalin, que pretendiam ser senhores do mundo, mas foram detidos pela consciência universal dos direitos humanos transformados em lei. Haverá, contudo, uma época, a do fim dos tempos, em que a força detentora contida na lei e no direito desaparecerá. Então o homem da iniquidade surgirá para governar sem os limites da justiça, da ética cristã e do amor; firmado apenas nas orientações satânicos e nos pressupostos do mal contra Deus, a fé, o bem e os eleitos.

A última hipótese, a nosso ver, é a mais lógica e mais consentânea com a realidade contextual do anticristo final preconizado por Paulo.

11- A BESTA ANTICRÍSTICA

A Besta das bestas. O vidente de Patmos fala de duas bestas, uma política e outra religiosa (Ap 13). A primeira besta, um governante poderoso, vaidoso e ditatorial, que pretende governar não somente a sociedade, mas também as pessoas, suas consciências e sua fé por meio de um sistema imperiolátrico e opressivo de governo. Esta besta-rei, sem dúvida, é o imperador Domiciano, um tipo de Nero redivivo, que a si mesmo se endeusou, transformando o trono em altar da divindade imperial, retirando todos os direitos de cidadania e de posse de quem não lhe prestasse veneração, não lhe osculasse a imagem, pelo menos uma vez por ano, pronunciando a idolátrica confissão pública: "César é nosso deus". Após tal humilhante ato de adoração, o adorador recebia um certificado, de valor anual, que lhe atestava a submissão ao imperador divinizado e a fidelidade ao Estado romano. O cristão verdadeiro resistia. E, mesmo perante os tribunais, não se curvava, não trocava o senhorio de Cristo pelo de César, preferindo a prisão, a tortura e a morte à negação de sua fé no seu único Senhor e Salvador, o Filho de Deus. A besta-líder é retratada por João como imagem e semelhança do dragão, Satanás, seu perfeito agente e instrumento de suas obras, um monstro procedente dos abismos marinhos: "Vi emergir do mar uma besta, que tinha dez chifres e sete cabeças e, sobre os chifres, dez diademas e, sobre as cabeças, nomes de blasfêmia. A besta que vi era semelhante a leopardo, com pés de urso e boca de leão. E deu-lhe o dragão o seu poder, o seu trono e grande autoridade" (Ap 13.1,2 cf Dn 7.3,7; Ap 17.3, 7-12). Dez chifres, significam: Autoridade e poder absolutos emanados do dragão, Satanás (Ap 13.2). Sete cabeças: Inteligência e sabedoria superiores postas a serviço do mal. A malignidade e a ferocidade da besta retratam-se pela síntese que dela se faz das mais terríveis feras: Leopardo, leão e urso; um anticristo temível. Semelhante descrição se aplica perfeitamente ao imperador Domiciano, mistura de despotismo, prepotência, intolerância, vaidade, crueldade e misticismo egolátrico.

A besta subalterna (Ap 13.11-17). A segunda besta, emergente da terra, surge para dar apoio religioso à primeira besta, divulgar-lhe a falsa divindade, promover-lhe o culto e delatar-lhe os insubmissos. A sua aparência é de cordeiro, isto é, de um santo

operador de pseudos-milagres com o objetivo de enganar e seduzir. Cabe-lhe identificar todos os que não se curvam, em adoração, aos pés da primeira besta e excluí-los dos direitos de cidadania, prendê-los, executá-los (Ap 13.13-17). Tais funções e características aplicam-se perfeitamente ao presidente da "Comuna" ou "Concília", órgão governamental, com representação em todas as províncias, destinado a fazer cumprir a ordem imperial de adoração ao Estado Romano na pessoa de seu imperador. Os falsos sinais objetivavam demonstrar a divindade do chefe de governo e o poder mântico e miraculoso de sua imagem, exposta oficialmente à veneração pública e obrigatória. À Concília competia organizar o sacerdócio do famigerado culto estatal e divulgar seus feitos milagreiros. A segunda besta, pois, encarnava a primeira e a fazia presente junto ao povo com mão de ferro e incrível impiedade. O casamento do estado com a religião gerou o monstro da intolerância, da perseguição e do extermínio de milhares de cristãos.

Os anticristos figurados e prefigurados nas duas bestas, Domiciano e Concília, podem aparecer em qualquer época, e certamente aparecerão no finalzinho dos últimos tempos, no curto período da grande tribulação.

A Marca da besta (Ap 13.16-18). A estigmatização era prática comum nos tempos antigos, usada para marcar escravos e prisioneiros de guerra. Era uma forma de se patentear e de se garantir o direito de posse sobre um ser humano escravizado. O sinal da besta (charagma tou theriou), pois, significava que o sinalizado era propriedade intransferível de um ídolo, a imagem de César, homem finito, falível e pecador como todos os demais. Esta marca denota a subserviência aos anticristos e aos seus poderes (Ap 13.17 cf 14.9,11; 16.2; 19.20; 20.4). Qualquer governo ou governante que se levante contra Cristo e seu povo, qualquer líder que se coloque no lugar do Cordeiro, usurpando-lhe as honras divinas, pode, legitimamente, ser chamado de anticristo ou besta apocalíptica, assinalado com o estigma da falibilidade, da perecibilidade, da imperfeição, número de homem, 666, não de Deus, o absolutamente perfeito, 777. Cremos, no entanto, que a obra final da besta, identificada com o homem da iniquidade e com o anticristo, está reservada para o apagar das luzes da presente era. Vigiemos!

12- IDENTIFICAÇÃO DAS BESTAS

Daniel e Apocalipse.

As duas bestas de Apocalipse (Ap 13), embora com objetivos finais diferentes, são projeções das quatro bestas de Daniel (Dn 7.1-7); o que se descobre pela tipificação de instituições, poderes e líderes contra Deus e seu povo e pelos seus propósitos comuns de indicação dos tempos escatológicos. Os inimigos de Deus, nas duas literaturas apocalípticas, retratam-se por meio de animais monstruosos, sínteses da ferocidade de várias e temíveis feras.

Feras do Mar e da Terra.

Primeira besta. A primeira besta emerge do mar, que pode significar: a- Abismo (Ap 11.7), uma força incontrolável e um mistério insondável. Os judeus temiam o mar. Entendiam que este representava ameaça constante à terra; só não a invadia porque Deus lhe impunha rígidos limites controladores (Jó 38.8-11,16). O fato de surgir do mar, proceder do abismo, já causava espanto e temeridade. b- Multidão em

ebulição, povo descontrolado, instável e indefinido, fornecendo os elementos propícios ao aparecimento de nações e governantes contra o Salvador e seus redimidos. Apocalipse 17.15 diz: "As águas que viste, onde a meretriz está assentada, são povos, multidões, nações e línguas". A besta do mar, pois, encarna o poder absoluto do mal, imagem e semelhança do dragão. Seu alvo é a liquidação do Cordeiro e de seu rebanho.

Segunda besta. A segunda besta surge da terra, onde o homem predomina e onde se instalam os altares de todas as falsas divindades, inclusive os da antropatria romana pelo culto prestado ao imperador e à sua imagem. A missão da segunda besta era sacerdotal. Tinha por objetivo mistificar o ícone de César diante do povo, para lhe dar a impressão de que o ídolo possuía vida e falava. E mais, assinalar os adoradores com a marca da primeira besta, um signo da fragilidade, da perecibilidade, da pecaminosidade e da corruptibilidade. Só podia ser, portanto, sinal de homem, representado por 666, número designativo da imperfeição absoluta.

O número da besta.

A aplicação imediata da primeira besta é, nos parece indubitável, a Domiciano, o César que se fez o deus da adoração oficial e obrigatória de todos os cidadãos romanos. Para os cristãos, não passava de um anticristo tanto por usurpar-lhe a divindade e a messianidade como por se levantar contra ele e seu povo.

A besta seria Nero?

Tomando os valores numéricos das letras hebraicas do nome de "Nero Caesar" (Nron Ksr), Davi Smith (Disciple's Commentary) chegou a 666 assim: N=50. R=200. O=6. N=50/ K=100. S=60. R=200. Total: 666. Desta maneira ele concluiu que Nero (o redivivo) era a besta. Além de ser uma transliteração forçada para o hebraico (de N r n para N r o n), João escreveu em grego. Nero, porém, foi realmente "um anticristo", mas não o "anticristo" final.

A besta seria o romanismo?

Dentro do contexto da continuidade histórica, teoria criada por Irineu, afirmou-se que a "besta" era o romanismo. E mais uma vez o método numérico funcionou para se concluir. O primeiro governador romano teria o nome de "Latinus". Em grego, "Lateinos". Atribuindo a cada letra o seu valor correspondente, temos: L=30. A=1. T=300. E=5. I=10. N=50. O=70. S=200. Total: 666. Então o romanismo seria a besta apocalíptica. Lembremos que, na época das visões apocalípticas (95 d.C.), a Igreja era perseguida pela besta encarnada em Domiciano, e desta Igreja martirizada é que nasceria, a partir de seu casamento com o Estado no tempo de Constantino (IV século), o romanismo. Esta conclusão, pretensamente firmada na teoria da continuidade histórica das profecias do Apocalipse, firma-se exatamente na sua descontinuidade, transferindo para o futuro o que já acontecia naqueles tempos de provação.

A besta seria o Papa?

Pelo mesmo processo da equivalência numérica das letras do título papal: VICARIUS FILLII DEI (no lugar do Filho de Deus), e atribuindo zero às letras latinas sem valor numérico, chegou-se ao número 666 da seguinte maneira: V=5. I=1. C=100. A=0. R=0. I=1. U=5. S=0./ F=0. I=1. L=50. I=1. I=1./ D= 500. E=0. I=1 > 666. Os reformadores entendiam que o Papa era o anticristo, e essa crença, correta ou não, está contida em nossa confissão de fé (Confissão de Fé de Westminster, cap. XXV. item 6).

O número da besta tem sido aplicado indiscriminadamente a pessoas e entidades, a inimigos verdadeiros do cristianismo e a supostos adversários. A Liga das Nações e a sua sucessora, Organização das Nações Unidas (ONU) foram acusadas de trazerem e aplicarem sobre os povos o sinal da besta.

Falsos cristos, falsos profetas, anticristos e bestas operam hoje, operaram no passado da Igreja e operarão com mais intensidade, mais severidade e mais dramaticidade no final dos tempos, provocando a grande apostasia, muita religiosidade falsa em nome de Cristo, e implacável perseguição ao pequeno rebanho do Cordeiro.

13- A GRANDE APOSTASIA

"E, por se multiplicar a iniquidade, o amor se esfriará de quase todos" (Mt 24.12). "Porque surgirão falsos cristos e falsos profetas, operando grandes sinais e prodígios para enganar, se possível, os próprios eleitos" (Mt 24.24). "Ninguém de nenhum modo vos engane, porque isto não acontecerá sem que primeiro venha a apostasia e seja revelado o homem da iniquidade, o filho da perdição" (II Ts 2.3).

Apostasia, Câncer da Igreja.

No velho povo: A história de Israel é mescla de bênçãos e heroísmos da fé com maldições, castigos e apostasias. Vejam a descrição de Paulo: "Todos eles comeram de um só manjar espiritual, e beberam da mesma fonte espiritual; porque bebiam da pedra espiritual que os seguia. E a pedra era Cristo. Entretanto, Deus não se agradou da maioria deles, razão por que ficaram prostrados no deserto. Ora, estas coisas se tornaram exemplos para nós, a fim de que não cobicemos as coisas más, como eles cobiçaram. Não vos façais, pois, idólatras, como alguns deles; porquanto está escrito: O povo assentou-se para comer e beber, e levantou-se para divertir-se. E não pratiquemos imoralidade, como alguns deles o fizeram, e caíram, num só dia, vinte e três mil. Não ponhamos o Senhor à prova, como alguns deles já fizeram, e pereceram pelas mordeduras das serpentes. Nem murmureis como alguns deles murmuraram, e foram destruídos pelo exterminador. Estas coisas lhes sobrevieram como exemplos, e foram escritas para advertência nossa, de nós outros sobre quem os fins dos séculos têm chegado" (I Co 10.3-11).

No novo povo: A Igreja, ainda nascente, experimentou o duro golpe da traição de Judas Iscariotes. Hebreus fala de apóstatas irrecuperáveis, verdadeiros recrucificadores de Cristo (Hb 6.4-6), destinados irremediavelmente ao juízo de Deus (Hb 10.29-31). Pedro, falando à Igreja sobre o perigo da apostasia introduzida por falsos e gananciosos mestres (II Pe 2.1-3), adverte: "Portanto, se, depois de terem escapado das contaminações do mundo mediante o conhecimento do Senhor e Salvador Jesus Cristo, se deixam enredar de novo e são vencidos, tornou-se o seu último estado pior que o primeiro. Pois melhor lhes fora nunca tivessem conhecido o caminho da justiça, do que, após conhecê-lo, volverem para trás, apartando-se do santo mandamento que lhes fora dado. Com eles aconteceu o que diz certo adágio verdadeiro: O cão voltou ao seu próprio vômito; e: A porca lavada voltou a revolver-se no lamaçal" (II Pe 2.20-22). João reclama dos que saíram da comunhão dos irmãos, por não serem verdadeiramente convertidos, e se tornaram anticristos: " Filhinhos, já é a última hora; e, como ouvistes

que vem o anticristo, também agora muitos anticristos têm surgido, pelo que conhecemos que é a última hora. Eles saíram de nosso meio, entretanto não eram dos nossos; porque, se tivessem sido dos nossos, teriam permanecido conosco; todavia, eles se foram para que ficasse manifesto que nenhum deles é dos nossos" (I Jo 2.18,19). O apóstolo constata duas verdades: Primeira: Eles chegaram a fazer parte da Igreja visível, mas não da invisível, pois não eram eleitos, isto é, não membros reais do corpo de Cristo. Segunda: O surgimento de anticristos é um sinal da última hora (v.18), dos tempos do fim, já em curso na vida e na história da Igreja.

Apostasia final: A Igreja, reino escatológico de Jesus Cristo, sofre oposição externa e defecção interna, concorrências do paganismo e de seitas cristãs heréticas exacerbadamente agressivas, sectaristas e proselitistas. Sempre foi assim, mas nos últimos dias da era cristã, segundo a profecia, o quadro se agravará terrivelmente, pois um líder monstrualizado, o homem da iniquidade, arregimentará, sob as ordens de Satanás, as potências do mal contra o Filho de Deus e seus eleitos, espalhando falsos profetas e falsos cristos pelo mundo inteiro com o ministério da enganação. Esta besta final com seu pseudo-profeta, a segunda besta, e com todos os seus admiradores e adoradores serão derrotados repentina e fragorosamente pelo Leão da Tribo de Judá (II Pe 2.1; II Ts 2.8; Ap 19.19-21; 21.1-8).

Temos observado que ao avanço da religiosidade e do misticismo cristão e não cristão corresponde um esfriamento da fé; paralela a uma ação missionária autêntica verifica-se falsa cristianização das massas por meio de milagrismo, de exorcismo, de pregação do "evangelho da prosperidade", de vulgarização do nome de Cristo e da Palavra de Deus com objetivos sectários utilitaristas. E mais, a corrupção, a degradação e a perversão dos seres humanos de que falou Paulo ao discípulo Timóteo já se observa, especialmente na cultura ocidental (II Tm 3.1-9). Fiquemos com a palavra alertadora de Paulo: "**Nos últimos dias sobrevirão tempos difíceis**" (II Tm 2.1).

A PRISÃO DE SATANÁS

"Então vi descer do céu um anjo; tinha na mão a chave do abismo e uma grande corrente. Ele segurou o dragão, a antiga serpente, que é o Diabo, Satanás, e o prendeu por mil anos; lançou-o no abismo, fechou-o, e pôs selo sobre ele, para que não mais enganasse as nações até se completarem os mil anos. Depois disto é necessário que ele seja solto pouco tempo" (Ap 20.1-3).

As Escrituras desconhecem os dualismos radicais do bem e do mal, da luz e das trevas, de Deus e do Diabo. Elas nos revelam uma divindade única, absoluta e soberana, criadora de todas as coisas e de todos os seres naturais e espirituais sobre os quais exerce um governo incontestável. Alguns anjos rebelaram-se contra o Criador, e foram expulsos do céu. A humanidade também se rebelou na pessoa de seu ancestral, e ficou impedida de viver com seu Pai celeste no Éden. Desta humanidade renegante e renegada Deus elegeu e elege muitos em Cristo Jesus, mas a maior parte continua recalcitrante e réproba, aliada do tentador, inimiga do Criador. Sem a permissão ou a ordenação de Deus o Diabo nada pode fazer. Como criatura, ele tem o limite da

subalternidade. Tanto a queda de uma parte dos anjos como a do homem aconteceram por soberana permissão divina.

A intocabilidade da Igreja. Jesus instituiu uma comunidade agregada indissoluvelmente a ele, de vida eterna intocável : "Também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela"(Mt 16.18). As portas do inferno, isto é, os poderes malignos nada podem contra os eleitos de Cristo, que são espiritualmente imbatíveis. O Diabo pode fazer com o crente o que fez com Jó: Tirar-lhe tudo: Os bens, a saúde, a felicidade conjugal, mas não lhe é permitido desagregá-lo de Cristo, subtrair-lhe a fé, tirar-lhe a vida eterna. Pedro experimentou a tentação demoníaca, mas conheceu, por outro lado, a proteção de Cristo, seu Senhor, Salvador e Mestre (Mt 22.31,32 cf 22.54-62; Jo 21.15-17). Em relação à Igreja, comunidade dos protegidos de Cristo, Satanás está limitado, não só quanto à integridade espiritual da verdadeira família da fé, mas também no tocante à sua missão de pregar o Evangelho da redenção e testemunhar de Jesus Cristo; e isto por um tempo predeterminado por Deus, o período do reinado de Cristo sobre a terra, expresso pelo simbolismo de "mil anos". Durante esse tempo, a Igreja estará vencendo o maligno pela pregação e pelo acolhimento dos regenerados. Cristo, o Messias, reina, domina Satanás, controla suas ações, e somente lhe permite tentar um servo seu até o limite de sua resistência (I Co 10.13). O Diabo, portanto, não tem poder sobre a Igreja de Cristo, um corpo do qual Ele é a cabeça. O maligno está solto para os que fazem a sua vontade, são seus filhos (Jo 8.44), mas "amarrado" (Mt 12.29) para não destruir o reino do Messias ou obstacular-lhe o progresso. O poder de resistir, vencer e expulsar o Demônio foi conferido também à Igreja (Lc 10.17,18). Cristo efetivamente destronou Satanás (Jo 12.20-32). Ele teve a petulância de dizer a Cristo, referindo-se aos impérios mundiais: "Tudo isto te darei se, prostrado, me adorares" (Mt 4.9). De fato, quando o Messias chegou não havia nenhum justo na terra (Rm 3.9-18). Além de Cristo, não há nenhum ser humano justo por e em si mesmo. Todos os salvos são pecadores justificados por Cristo mediante sua morte vicária. Os redimidos evidenciam a vitória do "Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo", já contados por milhares de milhares e milhões de milhões de todas as tribos, povos, raças, línguas e nações. A Serpente, por meio do engano, conseguiu derrubar a humanidade inteira. Agora, porém, vê aquele que nasceu para esmagar-lhe a cabeça reconquistar e manter em seu reino inumeráveis regenerados. O Diabo, dia a dia, está sendo derrotado. E tudo começou na cruz (Cl 2.15), fonte e origem do processo contínuo e implacável de aniquilamento do atrevido e inescrupuloso inimigo de Cristo e de sua Igreja (Hb 2.14). A vitória de Cristo no Calvário foi sobre todas as potestades malélicas, destruidoras da obra de Deus e pervertedoras da humanidade: O mundo, a carne, o pecado, a morte e o Demônio. O Redentor preconizou, por seu sacrifício, a derrota de Satanás (Jo 12.31; 16.11), pois um dos fundamentais objetivos da encarnação era exatamente desfazer as obras do Diabo (I Jo 3.8), o assassino da humanidade (Hb 2.14). Cristo, pela ação missionária da Igreja, viu Satanás cair do céu como um relâmpago (Lc 10.18). E Pedro nos ensina que Deus lançou os anjos desobedientes no inferno e os prendeu na escuridão (II Pe 2.4). Portanto, o Diabo está contido, sendo derrotado, reservado para o juízo eterno.

O objetivo da prisão de Satanás é para que não mais engane as nações (Ap 20.3). No Velho Testamento Deus permitiu que as nações andassem em seus próprios

caminhos (At 14.16), impedindo a expansão da fé judaica e a internacionalização da lei. Isto ele não pode fazer na nova dispensação. Sua influência continua, mas seus dias estão contados. E para ele não há comiseração. O Diabo nos molesta com suas tentações, mas não nos domina, não nos destrói, pois Cristo está conosco e em nós habita.

A BATALHA FINAL

O Pouco tempo de Satanás

"Depois disto é necessário que ele (o Diabo) seja solto por pouco tempo". "Quando, porém, se completarem os mil anos, Satanás será solto da sua prisão, e sairá a seduzir as nações que há nos quatro cantos da terra, Gogue e Magogue, a fim de reuni-los para a peleja. O número desses é como a areia do mar. E marcharam então pela superfície da terra e sitiaram o acampamento dos santos e a cidade querida; desceu, porém, fogo do céu e os consumiu. O Diabo, o sedutor deles, foi lançado para dentro do lago do fogo e enxofre, onde também se encontram não só a besta como o falso profeta; e serão atormentados de dia e de noite pelos séculos dos séculos" (Ap 20. 3b, 7-10).

Cristo, ao assentar-se à destra do Pai, assumiu o reinado do universo (Mt 28.18-20) e, com sua autoridade de Rei, comissionou a Igreja como catequista em todas as nações, incluindo os convertidos no seu corpo pelo sinal externo do batismo. A estas determinações reais o Diabo não se opõe por lhe faltar autoridade. O tempo de sua livre ação de enganador das nações terminou com o advento do Messias, Senhor e Rei sobre todos os poderes, Cabeça da Igreja, Salvador dos eleitos (Cl 1.13-23; Ef 1.9-14; Ap 17.14; 19.16). E o Messias vencedor, que mantém Satanás no seu devido lugar, o abismo sem fundo (Ap 20.3), sob absoluto controle, soltá-lo-a por pouco tempo no apagar das luzes da era milenária, isto é, o período determinado para a vida e ministério da Igreja. A liberdade concedida ao tentador será breve, mas suficiente para arregimentação de todos os réprobos da humanidade contra o Cordeiro e seus santos reunidos na cidade de Deus, a Igreja. Os redimidos sitiados, impotentes, incapazes de qualquer reação, verão todas as potestades malélicas serem definitivamente derrotadas, e Satanás, a besta, o falso profeta (segunda besta) e todos os seus adoradores serem lançados no "lago de fogo", a segunda morte (Ap 20.9,10 cf 20.14,1). Notem bem: O vencedor é Jesus Cristo, não o acampamento dos santos; e a batalha é espiritual, não física. A arma da vitória é a Palavra de Deus encarnada em Cristo Jesus que, por ser a expressão viva, perfeita e final da revelação, chama-se "Verbo de Deus" (Ap 19.13). O poder triunfador e transformador da palavra messiânica descreve-se por uma imagem simbólica e pictórica: "Sai da sua boca uma espada afiada" (Ap 19.15 cf 19.21; 1.16). Paulo, na mesma linha de pensamento, registra que Cristo matará o iníquo com o "sopro de sua boca" (II Ts 2.8), isto é, com a irresistível força da mensagem redentora. Quando os primeiros evangelistas, comissionados diretamente por Cristo, retornaram, relatando os efeitos da ação missionária sobre o maligno, Cristo, exultante, disse: "Eu via a Satanás caindo do céu como um relâmpago" (Lc 10.18). Cada pecador que se converte pelo ministério da pregação evangélica é uma derrota para Satanás. A verdade, embora lentamente, está triunfando sobre a mentira.

A vitória final do Cordeiro sobre as potências do mal (o Dragão, a besta, o falso profeta a serviço da besta e seus seguidores) será de proporções descomuns, descrita com imagens bélicas contundentes, catastróficas, apavorantes (Ap 19.16-21).

Símbolos da batalha final:

a- Megido (Armagedon): Local de boas e más recordações para os judeus. Lá, Gedeão e seus trezentos venceram os midianitas; Saul perdeu para os filisteus; Baraque e Débora abateram as tropas de Jabim; Jeú matou Acazias; o faraó Neco derrotou o extraordinário rei Josias num dos mais duros golpes contra os hebreus. Haverá um novo Megido, um campo imaginário de batalha decisiva, onde um Rei maior e mais justo que Josias, nosso Senhor Jesus Cristo, destruirá todos os inimigos de Deus, angélicos e humanos, arregimentados e liderados pelo dragão, Satanás, a antiga serpente, enganador dos povos (Ap 16.16).

b- Gogue e Magogue (Ap 20.8): **Gogue**: Figura escatológica identificadora de um líder universal anticristo, servo de Satanás. Ray Summers o define como Antíoco Epifânio, o déspota responsável pela abominação do santuário de Deus. Ezequiel 38.2 diz que **Gogue** é príncipe de Ros (cabeça), Mezeque e Tubal (Moscoi e Tibarenoi = Tabal e Musku), geralmente identificado com Giges, rei da Líbia. **Magogue** é o povo de Gogue ou sua pátria de origem. Do ponto de vista escatológico, representa todas as pessoas que se levantam contra o Pai e seu Filho, perseguem a Igreja, torcem a palavra de Deus, obedecem ao Diabo pelo comando de seus prepostos na terra: As bestas, os anticristos, o iníquo. Gogue, encarnação do anticristismo, e magogue, seu exército de réprobos, sofrerão a derrota final e serão destruídos para sempre. Não imaginemos uma guerra literal, física, sangrenta, entre os justos comandados por Cristo e os injustos liderados por Satanás, mas uma vitória cabal, arrasadora, de Cristo, o Guerreiro vencedor, no campo espiritual, sobre as potestades do mal no último dia.

O CRISTO VITORIOSO

"Vi , então, e eis um cavalo branco e o seu cavaleiro com um arco; e foi-lhe dada uma coroa; e ele saiu vencendo e para vencer" (Ap 6.2).

Apocalipse descreve as sucessivas e progressivas vitórias do Cordeiro sobre todas as potências do mal até o desfecho final: A liquidação de Satanás e da morte (Ap 20.10, 14). William Hendriksen, em sua obra "Mais que Vencedores", CEP/IPB, estuda o livro de Apocalipse, dividindo-o em sete seções paralelamente progressivas, todas, com exceção da primeira, visão do Cristo glorificado e reinante (Ap 1 a 3), são concluídas com a revelação do triunfante retorno do Cordeiro, trazendo justiça e juízo sobre os inimigos e os perversos. E sua pesquisa, a nós nos parece, é correta e incontestável. Eis as conclusões de cada seção:

a- Da segunda (Ap 4 a 7), **sobre a derrota dos injustos**: "Vi quando o Cordeiro abriu o sexto selo, e sobreveio grande terremoto. O sol se tornou negro como saco de crina, a lua toda como sangue, as estrelas do céu caíram na terra, como figueira, quando abalada por vento forte, deixa cair os seus figos verdes; e o céu recolheu-se como um pergaminho quando se enrola. Então todos os montes e ilhas foram movidos

dos seus lugares. Os reis da terra, os grandes, os comandantes, os ricos, os poderosos, e todo escravo, e todo livre se esconderam nas cavernas e nos penhascos dos montes, e disseram aos montes e aos rochedos: Caí sobre nós, escondi-nos da face daquele que se assenta no trono e da ira do Cordeiro, porque chegou o grande dia da ira deles; e quem é que pode suste-se?" (Ap 6.12-17). **Sobre a vitória dos justos:** "São estes os que vêm da grande tribulação, lavaram suas vestiduras e as alvejaram no sangue do Cordeiro, razão por que se acham diante do trono de Deus e o servem de dia e de noite no seu santuário; e aquele que se assenta no trono estenderá sobre eles o seu tabernáculo. Jamais terão fome, nunca mais terão sede, não cairá sobre eles o sol, nem ardor algum, pois o Cordeiro que se encontra no meio do trono os apascentará e os guiará para as fontes da água da vida. E Deus lhes enxugará dos olhos toda lágrima"(Ap 7.14b-17).

b- **Da terceira** (Ap 8 a 11), **sobre a derrota dos ímpios e a vitória dos justos:** "Na verdade, as nações se enfureceram; chegou, porém, a tua ira e o tempo determinado para serem julgados os mortos, para se dar o galardão aos teus servos, os profetas, aos santos e aos que temem o teu nome, assim aos pequenos como aos grandes, e para destruíres os que destroem a terra. Abriu-se então o santuário de Deus, que se acha no céu, e foi vista a arca da aliança no seu santuário, e sobrevieram relâmpagos, vozes, trovões, terremoto e grande saraivada" (Ap 11.18,19).

c- **Da quarta** (Ap 12 a 14), **sobre a grande ceifa:** "Olhei, e eis uma nuvem branca, e sentado sobre a nuvem um semelhante a filho de homem, tendo na cabeça uma coroa de ouro, e na mão uma foice afiada. Outro anjo saiu do santuário, gritando em grande voz para aquele que se achava sentado sobre a nuvem: Toma a tua foice e ceifa, pois chegou a hora de ceifar, visto que a seara da terra já secou. E aquele que estava sentado sobre a nuvem passou a sua foice sobre a terra, e a terra foi ceifada" (Ap 14.14-16).

d- **Da quinta** (Ap 15 e 16), **sobre a tribulação final e fim das civilizações:** "E a grande cidade se dividiu em três partes, e caíram as cidades das nações. E lembrou-se Deus da grande Babilônia para dar-lhe o cálice do vinho do furor da sua ira. Toda ilha fugiu, e os montes não foram achados; também desabou do céu sobre os homens grande saraivada, com pedras que pesavam cerca de um talento; e, por causa do flagelo da chuva de pedras, os homens blasfemaram de Deus, porquanto o seu flagelo era sobremodo grande"(Ap 16.19-21 cf 16.17-21; 16.14-16).

e- **Da sexta** (Ap 17 a 19), **vitória definitiva sobre as forças do mal:** "E vi a besta e os reis da terra com os seus exércitos congregados para pelejarem contra aquele que estava montado no cavalo e contra o seu exército. Mas a besta foi aprisionada e com ela o falso profeta que, com os sinais feitos diante dela, seduziu aqueles que receberam a marca da besta, e eram adoradores da sua imagem. Os dois foram lançados vivos dentro do lago do fogo que arde com enxofre. Os restantes foram mortos com a espada que saía da sua boca. E todas as aves se fartaram das suas carnes" (Ap 19. 19-21).

f- **Da sétima** (Ap 20 a 22), **retorno de Cristo, liquidação de Satanás, glorificação dos salvos:** "Vi um grande trono branco e aquele que nele se assenta, de cuja presença fugiram a terra e o céu, e não se achou lugar para eles. Vi também os mortos, os grandes e os pequenos, postos em pé diante do trono. Então se abriu livros. Ainda outro livro, o livro da vida, foi aberto. E os mortos foram julgados, segundo as suas obras, conforme o que se achava escrito nos livros". "Então a morte e o inferno

foram lançados para dentro do lago do fogo. Esta é a segunda morte, o lago do fogo. E, se alguém não foi achado inscrito no livro da vida, esse foi lançado para dentro do lago do fogo" (Ap 20.11,12,14,15). Esta narrativa final da segunda vinda de Cristo completa as anteriores e nos mostra: a- Cristo está vencendo e vencerá. b- Satanás, já sob limitação, será condenado e liquidado para sempre. c- Haverá somente uma volta de Cristo, uma ressurreição geral de justos e injustos, um juízo final de todos. d- Os ímpios serão condenados e lançados no inferno. e- Os justos, ressurretos, viverão eternamente com o Salvador.

O MILÊNIO

O único texto das Escrituras que fala explicitamente de um período escatológico de mil anos é apocalipse 20.1-7; mas, conforme as seções anteriores já mencionadas, refere-se ao reinado de Cristo nos céus e na terra, a partir de sua ressurreição, exaltação e entronização à destra do Pai. Tal era milenária, portanto, iniciou-se com a primeira vinda do Filho de Deus e se encerrará com a segunda, ocasião em que seu ministério redentor, exercido na terra por sua Igreja, dinamizada e habilitada pelo Espírito Santo, terminará.

Acontecimentos milenaristas no Apocalipse: A visão conclusiva dos eventos finais, reservados para os tempos escatológicos, segundo o vidente de Patmos, inclui as seguintes informações:

a- **Detenção de Satanás** por mil anos: "Então vi descer do céu um anjo; tinha na mão a chave do abismo e uma grande corrente. Ele segurou o dragão, a antiga serpente, que é o diabo, Satanás, e o prendeu por mil anos; lançou-o no abismo, fechou-o, pôs selo sobre ele, para que não mais enganasse as nações até se completarem os mil anos" (Ap 20.1-3a). Satanás, na vigência da Igreja, reino de Cristo, está contido, sendo vencido, mas não destruído. Ele não tem poder de impedir a ação missionária do povo de Deus, como fazia antes. A rejeição da Palavra de Deus, quando acontece, não ocorre por intervenção direta do Diabo, mas em decorrência do pecado dominante da natureza humana que, além de inabilitá-la à fé em Deus ainda lhe move à rebeldia contra o seu Criador. Deus limita os poderes do tentador, mas a tentação continua. O Diabo semeou o joio no campo alheio, e ele cresce por si mesmo.

b- **Breve liberação de Satanás:** "Depois disto é necessário que ele seja solto pouco tempo" (Ap 20.3b). "Quando, porém, se completarem os mil anos, Satanás será solto da sua prisão, e sairá a seduzir as nações que há nos quatro cantos da terra, Gogue e Magogue, a fim de reuni-los para a peleja. O número desses é como a areia do mar" (Ap 20.7,8). Retenhamos bem isto: Satanás não se soltará, "será solto" por um ato, embora inexplicável para nós, da soberana decisão de Deus. Essa liberação, segundo o texto, tem dois objetivos: Primeiro, permitir que se agreguem em torno do arquiinimigo de Deus todos os seus servos, adoradores da besta, grandes e pequenos, arregimentados para a batalha final contra o Cordeiro e sua Igreja. Segundo, a cabal derrota de semelhante exército unificado de todas as milícias do maligno, que teve a petulância de estabelecer o cerco da cidade de Deus, o acampamento dos santos: "Marcharam então pela superfície da terra e sitiaram o acampamento dos santos e a cidade querida; desceu,

porém, fogo do céu e os consumiu" (Ap 20.9).Observemos duas coisas nesta visão escatológica: a- A enorme diferença numérica entre a multidão dos réprobos a serviço de Satanás e a "cidade de Deus" ou "acampamento dos santos". b- A tentativa do anticristo de organizar um mundial corpo satânico com a finalidade de combater o Salvador e seus protegidos eleitos. O céu, porém, a favor da Igreja, consumirá integralmente, pelo fogo, o maléfico exército. A liberação do príncipe dos demônios, no apagar das luzes da atual dispensação, possibilitar-lhe-a: Promover a maior apostasia da história; levantar uma religiosidade geral idolátrica e antropocêntrica; falsificar e deteriorar o cristianismo com falsos profetas, falsos cristos e falsas doutrinas; pressionar a Igreja para lhe impedir o crescimento; perseguir implacavelmente os santos, causando-lhes dolorosíssimos sofrimentos. A misericórdia de Deus, no entanto, não permitirá o prolongamento de tal período; a destruição do corpo de Cristo; o enfraquecimento ou perdição dos fiéis. Deus, certamente, usará esse curto tempo de Satanás para purificar a sua Igreja, pois dentro dela, comunidade de santos sofredores, não ficarão os bodes e o joio, que, assumindo suas condições reais, alistar-se-ão nas hostes do Diabo.

c- **Condenação de Satanás e seus líderes:** "O Diabo, o sedutor deles, foi lançado para dentro do lado do fogo e enxofre, onde também se encontram não só a besta como o falso profeta; e serão atormentados de dia e de noite pelos séculos dos séculos" (Ap 20.10). Liquidados Satanás, a besta e o falso profeta, submetidos pela justiça divina ao tormento eterno simbolizado no lago de fogo e enxofre, encerrar-se-a, e para sempre, o ministério satânico atuante desde a criação, intensificado com o advento de Cristo e o surgimento da Igreja, exacerbado no finalzinho do milênio por ordenação de Deus. O pouco tempo de Satanás será uma preparação, uma estratégia divina, para a derrota definitiva, total e completa do Demônio e seus aliados, os assinalados e reprovados adoradores da besta. Excluído o dragão, a antiga serpente, do cenário universal, restava agora o julgamento da humanidade pelo justo critério da rejeição ou aceitação de Cristo, da incredulidade ou da fé. E isto Deus revelou a João. Todos os mortos ressurretos (Ap 20.13) comparecerão perante o trono branco, onde o supremo Juiz se encontra assentado, para serem julgados e seus estados definidos e fixados (Ap 20.12-15): Vida eterna para os justificados em Cristo; perdição eterna para os ímpios.

QUILIASMO NO APOCALIPSE

Simbolismo e alegoria: Apocalipse foi escrito numa linguagem simbólica marcadamente alegórica. Literalizar qualquer parte retirada de seu contexto significa prejudicar-lhe a compreensão global. Um milênio literal inferido de trecho urdido por meio de símbolos e imagens alegóricas não pode ter a consistência exegética que se lhe atribui. Exemplos de algumas visões que não podem ser entendidas literalmente por absoluta impossibilidade: Uma mulher assentada sobre sete montes (Ap 17.9). Mulher vestida de sol sobre a lua com uma coroa de doze estrelas (Ap 12.1). Cento e quarenta e quatro mil castos (ou eunucos) acompanhantes do Cordeiro, os únicos que aprenderam o cântico celeste (Ap 14.3-5). Gafanhotos semelhantes a cavalos militares, coroados, rostos de homem, cabelos de mulher, dentes de leão, caudas de escorpião (Ap 9.7-10). Espíritos imundos semelhantes a rãs sendo vomitados pelo dragão, pela besta e pelo

falso profeta (Ap 16.13). Terra e céu fugindo da presença de Deus, quando assentado no trono branco (Ap 20.11).

O capítulo 20 não é diferente: Nele o espiritual e o material misturam-se e se confundem na urdidura do quadro escatológico dos acontecimentos finais do universo. Exemplos: a- Chave, corrente, fechadura, selo- objetos materiais- para prender Satanás -ser espiritual. b- Lago de fogo e enxofre - coisas do mundo físico - para castigo eterno do Diabo- ser espiritual. c- Morte e inferno- realidades imateriais- sendo lançadas no lago de fogo, acidente geográfico de natureza concreta. Difuso no alegórico painel joanino, fazendo parte de seu conjunto, está o número mil (chílias - chilioi), que aparece muitas vezes no livro da revelação, mas sempre simbolicamente (vejam: Ap 5.11; Ap 7.4-8; Ap 11.3,13; Ap 12.6; Ap 14.1,3,20; Ap 21.16 cf SI 90.4; II Pe 3.8). O número mil, na simbologia judaica-cristã, associa-se aos demais números da perfeição de um ser ou realização completa de uma coisa, fato ou evento: 3, 7, 10, 12 e seus múltiplos, 300, 3.000; 70, 70 x 7, 7.000; 1.000, 12.000, 12.000 x 12, figuração do número completo dos eleitos. Assim, não há como retirar do capítulo 20 de Apocalipse um período literal, com duração de mil anos, no qual o Messias, exatamente o que os judeus esperam, virá, como herdeiro material e sucessorial de Davi, governar o mundo, que se submeterá ao judaísmo tanto política como religiosamente, pois não somente o trono davídico será restabelecido, mas o velho sacerdócio, o templo, o altar, e os sacrifícios igualmente voltarão. Os que ensinam tal reinado milenário de um Messias judaico, a nosso ver, cometem dois erros: Primeiro, pretendem extrair do capítulo 20 de Apolipse o que ele não contém. Segundo, estão judaizando a Igreja e sua pregação, inclusive negando a consumação da obra de Cristo por sua morte e ressurreição, e relegando a Igreja a plano secundário no reino escatológico e na consumação final do projeto redentor do Cordeiro.

A primeira ressurreição: Na pintura joanina, uma mistura de cenas naturais e espirituais, pode-se encontrar, sem incongluências, a ressurreição (ezesan) das almas dos mártires reinantes com o Cristo entronizado: "Vi ainda as almas dos decaptados por causa do testemunho de Jesus, bem como por causa da palavra de Deus, tantos quantos não adoraram a besta, nem tão pouco a sua imagem, e não receberam a marca na frente e na mão; e viveram (ezesan) e reinaram com Cristo durante mil anos". "Bem-aventurado e santo é aquele que tem parte na primeira ressurreição" (Ap 20. 4b, 6a). A primeira ressurreição, portanto, não é física. Trata-se, na verdade, da existência ativa, abençoada e regencial, no estado intermediário, dos que morreram martirizados por causa de Cristo e de todos os que não adoraram outros deuses e não se curvaram servilmente diante da besta e do falso profeta (Ap 20 4 cf 6.9-11). O privilégio da alma desencorporada de ter vencido a morte por meio do Cordeiro e estar viva no céu João denomina "primeira ressurreição". Agostinho diz que essa "primeira ressurreição" é a regeneração (Cf Cl 3.1; Ef 2.6; Rm 6.5-8). Pode ser, pois nenhuma alma de irregenerado vai para o céu; ao contrário, destina-se à morte tartárica da absoluta alienação de Deus. A morte não tem poder de separar o salvo de seu Salvador. Ela, castigo e destruição dos réprobos, tornou-se, pelas misericórdias de Deus, bênção para os justos (Ap 14.13). Esta vitória do espírito sobre a morte pela própria morte o vidente de Patmos denomina "primeira ressurreição". Um dia, porém, o corpo do redimido também será vitorioso, levantar-se-a do túmulo reunificado com sua alma, incorruptível

e revestido de eternidade. Essa ressurreição do corpo é, para o crente em Cristo, a segunda. E só participa da segunda o que teve a bem-aventurança da primeira. Para o crente, pois, há duas abençoadas ressurreições. Para o ímpio, duas terríveis mortes, uma que o coloca no inferno durante o estado intermediário e outra que o manda definitivamente para a geena, o lago do fogo, lugar de tormentos eternos.

RESSURREIÇÃO E JUÍZO

Mortos-mortos; mortos-vivos: "Os restantes dos mortos não viveram até que se completassem os mil anos" (Ap 20.5), isto é, os que morreram sem Cristo estão passando, no estado intermediário, o período milenário no inferno, experimentando já os horrores da morte. Concomitantemente, os eleitos redimidos pelo Cordeiro encontram-se, gozosos, no seio de Abraão (Lc 16.19-31) sob as bênçãos do tempo milenário por terem sido agraciados com a primeira ressurreição, o privilégio da habitação com Deus. Estes aguardam, esperançosos, o final do milênio, quando os inimigos dos santos, vivos e mortos, serão vencidos e vingados. Eis o pronunciamento das almas ressurretas dos mártires, vivas, conscientes e participantes, sob a proteção do altar celeste: "Quando se abriu o quinto selo, vi debaixo do altar as almas daqueles que tinham sido mortos por causa da palavra de Deus e por causa do testemunho que sustentavam. Clamaram em grande voz dizendo: Até quando, ó soberano Senhor, santo e verdadeiro, não julgas nem vingas o nosso sangue dos que habitam sobre a terra. Então, a cada um deles foi dada uma vestidura branca, e lhes disseram que repousassem ainda por pouco tempo, até que também se completasse o número dos seus conservos e seus irmãos que iam ser mortos como igualmente eles foram"(Ap 6.9-11). Eis a situação atual dos mortos:- a- Vivos, e com Deus estão, todos os regenerados que morreram em Cristo Jesus. Eles, na verdade, estavam mortos como as demais pessoas, mas, pela infinita misericórdia do Salvador, reviveram, à semelhança do filho mais novo da parábola (Lc 15.24). Este reviver em Cristo é de fato uma ressurreição, a primeira da qual o réprobo não participa. Todos os que receberam a dádiva da vida eterna na terra e morreram fisicamente, continuam vivos no céu, pois são de Deus, e Deus não é de mortos, mas de vivos (Lc 20.38) b- Os ímpios, por não terem Cristo e não serem dele, estão mortos, porque fora do Filho de Deus não há vida eterna (Mt 8.22; Lc 9.60). Os vivos-mortos, os desligados da fonte da vida, Jesus Cristo, continuam mortos-vivos no hades, e a ressurreição lhes será para juízo e aumento de sofrimentos.

Única ressurreição; um só Juízo. No final da era milenária os santos cujas almas estiverem com o Redentor nos céus, gozando as bênçãos antecipadas da comunhão com Deus e do convívio de seus irmãos, ouvida a trombeta ordenatória, retomarão os seus corpos ressurretos. Os salvos militantes na terra verão seus corpos transformados e se ajuntarão aos seus irmãos ressurretos, e todos se postarão diante do trono branco (Ap 20.11-14) do Supremo Juiz como pecadores a serem julgados, mas justificados, não segundo as suas obras, mas segundo a morte vicária e os méritos de Cristo e, por isso mesmo, constantes do livro da vida. Por outro lado, os injustos, também ressurretos, chamados à vida pela mesma trombeta do poder de Deus, julgados conforme as suas obras, mas sem justificação, receberão a sentença da morte e dos

tormentos eternos, pois qualquer ressurreto não encontrado no livro da vida será lançado no lago de fogo, onde já se encontram Satanás, a besta e o falso profeta (Ap 20.15). Não há, portanto, lugar no capítulo vinte do livro da revelação para as conclusões que dele se tiram: a- Ressurreição dos justos separada da dos ímpios por espaço literal de mil anos. b- Dois ou mais juízos. c- Duas ou mais ressurreições. d- Um trono terrestre de julgamento final. e- Um reinado terrestre, político e judaico do Messias. f- O fracasso do reinado do Messias, quando, no final do milênio, Satanás arregimentará a maioria de seus governados para guerrearem contra ele e seus poucos fiéis. Cristo, segundo esta doutrina, será incapaz de manter a conquista da paz mundial pelo amor e pela persuasão; então lançará mão da força para triunfar por meio da mais sangrenta batalha que se possa imaginar. g- Dois povos de Deus: 1- A Igreja, nascida em consequência da fraqueza de Cristo, que se deixou vencer pelos judeus, interrompendo o processo de restauração de Israel. - A nação judaica, objeto das profecias messiânicas, povo predestinado a reinar com Cristo no tempo milenário e destinado a submeter ao cetro de Jerusalém sob a regência do herdeiro de Davi, o Messias, todos os povos do mundo. h- Restauração do templo judaico com seus sacerdotes, altares e sacrifícios. Só com fertilíssima imaginação e pouco espírito exegético se pode extrair do Apocalipse tal conjunto de doutrinas escatológicas. O que no capítulo vinte se encontra é direto e simples: a- Limitação de Satanás por mil anos (20.1-3). b- As almas dos mártires, agraciados com a vida eterna, a primeira ressurreição, reinando com Cristo (20.4, 6). c- Bem-aventurança dos que morrerem martirizados por causa de Cristo e do testemunho cristão (20.6). d- O pouco tempo de Satanás e sua derrota repentina e final no encerramento da era milenária, o tempo da Igreja (20.7-10). e- Ressurreição geral de todos os mortos, grandes e pequenos, justos e injustos, e julgamento definitivo de todos; dos santos para o gozo celestial permanente; dos réprobos para a condenação eterna (Ap 20. 11-15 cf Jo 5.24-29; Mt 13.39-43; Dn 12.1-4).

O JULGAMENTO

Quem é o juiz?

O Juiz que se assentará no trono branco, isto é, uma tribuna perfeita, sem injustiça, julgará com absoluta isenção, correção e equidade, pois suas qualificações são inigualáveis e suas virtudes, máximas em perfeição. Ele é o Santo dos santos, o Senhor dos senhores, o Juiz dos juízes, o Rei dos reis, onisciente, onipotente, onipresente. Ele, portanto, não necessita de provas materiais e testemunhais; não se há de valer de processos legais como fontes e fundamentos de prolação de sentença; pois ele, Deus trino, supremo Juiz, nas pessoas do Pai, do Filho e do Espírito Santo, presencia diuturnamente a vida de cada ser humano. Todos os delitos humanos ocorrem diante de sua face. Ninguém se oculta de Deus. Ninguém esconde dele nenhum de seus atos ou qualquer de seus pensamentos (Sl 139. 1-12). Embora as obras do Pai, do Filho e do Espírito Santo sejam consensuais e indissociáveis, e o juízo eterno pertença prioritariamente ao Pai (Mt 18.35; Rm 14.10; I Pe 1.17), ele concede ao Filho a prerrogativa de julgar, no último dia, todos os seres humanos, vivos e mortos, eleitos e

réprobos, justos e ímpios (Mt 3.11-13; 7.22,23; 13.41-43; 16.27; 25.31-46; 26.64; 28.18; Jo 5.22,27; Rm 2.16; Fp 2.9,10).

A CORTE DO REI-JUIZ:

Os Anjos (Mc 8. 38; II Ts 1.7, 8): Estarão auxiliando o Árbitro eterno os anjos, servos leais e operantes de Deus. Eles colocarão os perversos diante do tribunal, para serem julgados e condenados, e depois os lançarão na geena, a terrível prisão perpétua (Mt 13.41,42). Compete-lhes também congregar a totalidade dos justos ressurretos aos pés do Redentor para ouvirem a esperada palavra final de absolvição eterna (Mt 24.31 cf 25.31; II Ts 1.7,8; 14.17-20).

Os Redimidos: "Ou não sabeis que os santos hão de julgar o mundo? Ora, se o mundo deverá ser julgado por vós, sois acaso indignos de julgar as coisas mínimas? Não sabeis que havemos de julgar os próprios anjos; quanto mais as coisas desta vida?" (I Co 6.2,3). Desconhecemos o exato papel judiciário dos santos no juízo final, mas temos a revelação de que participarão ativa e executivamente do processo condenatório dos anjos caídos, do mundo e dos irregenerados.

Os apóstolos: "E vos assentareis em tronos para julgar as doze tribos de Israel" (Lc 22.30). Jesus não somente chama os apóstolos para comporem o tribunal que se instalará no último dia, mas também os coloca, e por meio deles a Igreja apostólica, acima do velho Israel, mostrando a superioridade do cristianismo sobre o judaísmo. Sem Cristo nenhum judeu se salva. E os apóstolos são as testemunhas e os mensageiros de Cristo em todo o período milenário, que vai da primeira à segunda vinda do Cordeiro, tempo em que judeus e gentios igualam-se diante da única mensagem salvadora, a apostólica, e do único Redentor, Jesus Cristo. As doze colunas apostólicas julgarão as doze tribos de Israel, mostrando que o juízo sobre o velho povo de Deus será feito pelos representantes do novo, a Igreja do Cordeiro. Israel foi importante. Nas mãos de Deus, para o nascimento, crescimento, permanência e destino final do Reino de Cristo.

OS JULGADOS

Os anjos caídos: Todos os anjos caídos sabem que serão julgados. Os demônios do possesso de Gedara disseram a Jesus: Vieste aqui atormentar-nos antes do tempo (Mt 8.29)? Eles têm consciência do pecado que cometeram e também da impossibilidade de restauração, pois foram entregues ao abismo de trevas onde estão reservados para o juízo final: "Ora, Deus não poupou a anjos quando pecaram, antes, precipitando-os no inferno, os entregou a abismos de trevas, reservando-os para o juízo (I Pe 2.4). "E a anjos, os que não guardaram o seu estado original, mas abandonaram o seu próprio domicílio, ele os tem guardado sob trevas, em algemas eternas, para o juízo do grande dia" (Jd 6). Os demônios são prisioneiros de Deus e, nesta condição, aguardam a sentença condenatória no dia do julgamento final, quando, com o seu príncipe, serão atirados na geena (Ap 20.10).

Os seres humanos: A humanidade inteira comparecerá perante o augusto e justo Juiz: "Vi também os mortos, os grandes e os pequenos, postos em pé diante do trono" (Ap 20.12). "Todos compareceremos perante o tribunal de Deus" (Rm 14.10; cf

14.10-12). "Porque importa que todos nós compareçamos perante o tribunal de Cristo para que cada um receba segundo o bem ou o mal que tiver feito por meio do corpo" (II Co 5.10). "Todas as nações serão reunidas em sua presença, e ele separará uns dos outros como o pastor separa dos cabritos as ovelhas"(Mt 25.32).

Destino dos justos: O reino eterno do Cordeiro: "Vinde, benditos de meu Pai! entrai na posse do reino que vos está preparado desde a fundação do mundo"(Mt 25. 34). Será uma existência de perfeita qualidade, completa felicidade e santíssima serviçalidade na eterna companhia de Jesus, o Cristo.

Destino dos ímpios: Geena, lugar de tormentos eternos: Eles terão, além de infinitos padecimentos, existências desqualificadas pela absoluta ausência de Deus e desagradabilíssima companhia permanente de Satanás e seus demônios (Mt 25.41). O suporte do consolo nas aflições eles não o terão, que o Espírito Santo, que haabita os regenerados.

O ESTADO FINAL

Dos ímpios:

A situação final dos ímpios agrava-se na vida ressurreta. Neles o processo corruptor do físico, da moral, da psique e do espírito atinge o clímax, o grau maior e mais completo da corrupção. Podemos dizer que o réprobo ressurreto torna-se "o homem de belial", despido de todas as virtudes e de toda a benignidade. Desfaz-se-lhe completamente o resquício da imagem do Deus, que nunca foi seu Senhor. Instaure-se-lhe no ser, e definitivamente, a semelhança de seu pai tartárico, o Demônio. Torna-se eternamente um infernense, isto é, um habitante do inferno. A certeza da impossibilidade de reversão do estado depravado em que se encontra e a consciência do permanente afastamento de Deus eliminar-lhe-ão, e totalmente, a esperança e o consolo. E mais, os sofrimentos que eram somente morais, psicológicos e espirituais no estado desencorporado, atingirão também, e dramaticamente o físico ressurreto. A retomada do corpo na ressurreição agravará, sobremaneira, a sua existência, que já era péssima na vida anterior. Ressurreto, viverá no sofrimento eterno com o Diabo e seus anjos (Mt 25.41 cf Mt 3.12; 18.8; Mc 9.43; Lc 3.17; Jd 6,7; Ap 14.9-11; 20.10), uma união sem amor, sem fraternidade, sem solidariedade, sem mitigação. Castigo eterno contrasta-se com vida eterna (Mt 25.46).

Dos justos:

Os justos ressurretos e revestidos de incorruptibilidade atingirão o máximo de perfeição a que um ser humano pode atingir, segundo os beneplácitos do Salvador, para viverem na gloriosa comunhão com Pai em Cristo Jesus e na harmoniosa confraria eterna de seus irmãos. Para eles as coisas velhas passaram. Tudo se fez novo tanto no sistema cósmico (novo céu e nova terra) como no âmbito individual. Uma nova vida num ambiente totalmente renovado, sem pecado, sem morte, sem tentador, sem tentação, se estabelece. Da misericórdia de Deus o justo recebe a fixação da quintessência do bem, do amor, da misericórdia, da bondade, da fraternidade, da graça,

da santidade, da felicidade, do gozo, da alegria, do prazer, da adoração e da comunhão com Deus.

Novas criaturas: Os justos ressurretos nada levam da atual natureza, pois "carne e sangue não podem herdar o reino de Deus, nem a corrupção herdar a incorrupção" (I Co 15.50). Seremos como os anjos (Mc 12.25), despidos da sexualidade e de suas consequências: Amor conjugal, domesticidade, maternidade, paternidade, filiação. Receberemos um físico que expressará a nossa identidade, mas sem as consequências do pecado como defeitos, fraquezas, velhice, deformações e morte. Também deixaremos sepultadas com a velha criatura todas as paixões e emoções da atual existência. O amor passional, seletivo e discriminador não o levaremos para a existência dos ressurretos: Minha mãe, meu pai, minhas irmãs, meus irmãos, meus filhos (minha família) serão todos os redimidos em Cristo da irmandade celestial. Os sentimentos do ressurreto, agora inteiramente de outra ordem, manifestos em seu corpo espiritual (I Co 15.44), não carnal, centralizar-se-ão nos parentes reais, os regenerados, que a ele se ligam pelos vínculos do sangue do Cordeiro e pela habitação perene do Espírito no organismo da imensa família de Cristo na qual realmente haverá um só coração, e uma só alma. As carências afetivas dos íntimos deste mundo não nos farão falta no mundo vindoura, pois o redimido trocou, pela misericórdia de Jesus Cristo, o natural pelo espiritual, o transitório pelo permanente, o imperfeito e incompleto pelo perfeito e completo, o profano pelo sagrado. Ninguém no novo céu e na nova terra, sentirá saudades do papai ou da mamãe que, rejeitando o Salvador, foram destinados à perdição eterna. Eles não fazem parte da vida celeste; estão, portanto, excluídos do nosso ser, das nossas emoções, das nossas paixões, agora completamente diversas e diferentes das que deixamos na terra. A ressurreição não será melhoria do que somos, mas recriação do ser que Deus quer que eternamente sejamos. Quem estiver no rol dos ressurretos é porque ama Jesus com exclusividade, não dividindo seu amor com quaisquer parentes. Eis o que diz o próprio Jesus: "Quem ama seu pai ou sua mãe mais do que a mim, não é digno de mim; quem ama seu filho ou sua filha mais do que a mim, não é digno de mim" (Mt 10.37). Nada, pois, do mundo sensório levaremos para o universo espiritual da nova família em Cristo Jesus, nossas primícias, nosso protótipo. Como ele nos reapareceu reconhecível e em pleno domínio de suas faculdades volitivas e cognitivas, assim seremos. Reconhecer-nos-emos. Tal reconhecimento, porém, não provocará associações passionais com pessoas, acontecimentos ou épocas da vida anterior. Tudo se fez novo, inclusive a familiaridade e as intimidades pessoais, na vida eterna do ressurreto, então habitante de um novo céu e de uma nova terra interligados, unificados. O ciclo vital biológico não mais existirá. Nosso corpo não carecerá de alimentos, não dependerá da velha natureza. As metamorfoses naturais desaparecerão. O número dos eleitos se completou. Portanto, inexistirão nascimentos e falecimentos. Com as ausências do pecado e da morte o novo universo se estabiliza, harmoniza-se, equilibra-se. Como exatamente será, não sabemos, mas temos certeza que há de ser completamente diferente de tudo que conhecemos: Maravilhoso, reconfortante, prazeroso, sem empirismos, tédios, nostalgias e saudades.

NOVO CÉU, NOVA TERRA, NOVO HOMEM

"Vi novo céu e nova terra, pois o primeiro céu e a primeira terra passaram, e o mar já não existe" (21.1). A terra maldita (Gn 3.17) por causa do pecado, não será apenas bendita, mas recriada. A profecia de uma nova ordem cósmica encontramos-la em Isaias 65.17: "Pois eis que eu crio (o mesmo verbo de Gn 1.1, "barah") novos céus e nova terra; e não haverá lembrança das coisas passadas, jamais haverá memória delas"(Cf Is 65.17-25; 66.22,23; II Pe 3.13). A expressão, "novo céu e nova terra" significa: Novo cosmo. Não se trata, pois, de mudança restrita da terra, ou de uma simples restauração do universo, um tipo de remendo novo em pano velho. Pedro diz que "os céus incendiados serão desfeitos e os elementos abrasados se derreterão" (II Pe 3.12 cf 3. 7,10,11; Mt 24.29). Trata-se de uma nova criação, adequada habitação do novo homem ressurreto, incorruptível, espiritual em sua unidade pneumossomática (I Co 15.45-49), imortal. O profeta vidente não nos deixa em dúvida sobre a recriação do universo e criação da morada definitiva do regenerado, o reino escatológico (Ap 21.1-2), com uma Jerusalém descendo do céu (Ap 21.2), significando a Igreja, não uma cidade simplesmente material. O cosmo escatológico será novo, "kainos", em natureza e qualidade, e não "neos", novo em tempo e origem. Portanto, a expressão "novo céu e nova terra" (ouranon kainon kai gen kainen) descreve uma nova criação para o novo homem com fundamento na velha. Haverá uma certa descontinuidade moral e estética, pois a espiritualidade, a moralidade e a beleza física da pessoa ressurreta não se compararão com as que deixará no presente mundo. Porém, uma continuidade essencial identificadora há de existir no cosmo como existirá no homem ressurreto. Do mesmo barro o oleiro faz um vaso novo; assim Deus, certamente, fará da velha criação outra inteiramente nova, sem pecado, sem necessidades biológicas, sem lutas de sobrevivência, sem distúrbios geológicos e cósmicos, sem conflitos raciais, sociais e étnicos, sem mortalidade, sem a presença do tentador.

Cristo, as primícias: O único nexos entre o velho homem e a substância de que fora criado, o pó da terra, é de natureza estritamente material, uma descontinuidade quase absoluta. Ninguém pode identificar um ser humano pela observação da matéria de onde Deus retirou, por ato criador, o seu corpo. A descontinuidade será infinitamente maior entre o novo homem e o seu universo físico anterior. O Cristo ressurreto, as primícias dos que dormem (I Co 15.20,23), possui um corpo que o concretismo material, a impenetrabilidade dos corpos físicos, não podem limitar (Jo 20.19,26). Seu corpo podia levitar (Lc 24.51 cf At 1.9,10), aparecer ou ocultar-se (At 1.3; Jo 21.1ss; 24.31). Apesar da nova dimensão corporal, a materialidade e a identidade preservaram-se intactas, mas com nova natureza: "Vede as minhas mãos e os meus pés, que sou eu mesmo; apalpai-me e verificai, porque um espírito não tem carne e ossos, como vedes que eu tenho" (Lc 24.39 cf Jo 20.27). Como ele é, seremos. Possuiremos corpos preservadores de nossa personalidade e identificadores de nosso ser, mas sem as limitações que a fisiológica materialidade nos impõe.

O novo homem: Observemos como Paulo descreve a nova natureza do homem ressurreto, mostrando o pouquíssimo que continua e o muitíssimo que se recria: "Mas alguém dirá: Como ressuscitam os mortos? Em que corpo vêm? Insensatos! o que semente não nasce, se primeiro não morrer. E quando semente, não semente o corpo que

há de ser, mas o simples grão, como de trigo, ou de qualquer outra semente. Mas Deus lhe dá corpo como lhe aprouve dar, e a cada uma das sementes o seu corpo apropriado. Nem toda carne é a mesma; porém, uma é a carne dos homens, outra a dos animais, outra a das aves e outra a dos peixes. Também há corpos celestiais e corpos terrestres; e, sem dúvida, uma é a glória dos celestiais e outra a dos terrestres. Uma é a glória do sol, outra a glória da lua, e outra a das estrelas; porque até entre estrela e estrela há diferenças de esplendor. Pois assim também é a ressurreição dos mortos. Semeia-se o corpo na corrupção, ressuscita na incorrupção. Semeia-se em desonra, ressuscita em glória. Semeia-se em fraqueza, ressuscita em poder. Semeia-se corpo natural, ressuscita corpo espiritual. Se há corpo natural, há também corpo espiritual. Pois assim está escrito: O primeiro homem, Adão, foi feito alma vivente. O último Adão, porém, é espírito vivificante. Mas não é primeiro o espiritual, e, sim, o natural; depois o espiritual. O primeiro homem, formado da terra, é terreno; o segundo homem é do céu. Como foi o primeiro homem, o terreno, tais são também os demais homens terrenos; e como é o Homem celestial, tais também os celestiais. E, assim como trouxemos a imagem do que é terreno, devemos trazer também a imagem do celestial" (I Co 15.35-49).

O novo homem habitará, na companhia de Cristo, a nova terra e o novo céu eternamente, e não apenas por mil anos no mundo intransformado com sangrentas batalhas no princípio, mortes no interregno, e indescritíveis guerras no fim. Exatamente como será o novo universo não sabemos. Há de ser, porém, infinitamente melhor do que o atual.

ESCATOLOGIA CONFSSIONAL

A escatologia reformada remonta, historicamente, ao pensamento de Calvino (Institutas: Livro III, xxv, 17-22; Livro II, xvi, 13,17,18), e se fundamenta em seus parâmetros confessionais produzidos pela Assembléia de Westminster: Confissão de Fé e Catecismo Maior, documentos aceitos como sistema expositivo de doutrina e prática (C/IPB, cap. I, art. 01; Princípios de Liturgia, cap. XII, art. 28; M. do Culto, Forma para Ordenação de Ministros, resposta 03).

Eis o que nos ensinam a Confissão de Fé e o Catecismo Maior:

Confissão de Fé:

Capítulo XXXII: Do estado do homem depois da morte e da ressurreição:

Item 01- "Os corpos dos homens, depois da morte, voltam ao pó e vêm a corrupção (Gn 3.19; At 13.36); mas as suas almas (que nem morrem nem dormem), voltam imediatamente para Deus que as deu (Lc 23.43; Fp 1.23; II Co 5.6-8). As almas dos justos, sendo então aperfeiçoadas em santidade, são recebidas no mais alto dos céus onde contemplam a face de Deus em luz e glória, esperando a plena redenção de seus corpos (Lc 16.23; Rm 8.23); e as almas dos ímpios são lançadas no inferno, onde permanecerão em tormentos e em trevas espessas, reservadas para juízo do grande dia (Lc 16.23,24; II Pe 2.9). Além destes dois lugares destinados às almas separadas de seus respectivos corpos, as Escrituras não reconhecem nenhum outro lugar".

Item 02- "No último dia, os que estiverem vivos não morrerão, mas serão mudados (I Ts 4.17; I Co 15.51,52); todos os mortos serão ressuscitados com os seus mesmos corpos, e não outros, embora com qualidades diferentes, e se unirão novamente às suas almas, para sempre" (I Co 15.42-44).

Item 03- "Os corpos dos injustos serão, pelo poder de Cristo, ressuscitados para desonra; os corpos dos justos serão, pelo seu Espírito, ressuscitados para honra e para serem semelhantes ao próprio corpo glorioso de Cristo"(At 24.15; Jo 5.28,29; Fp 3.21).

Do Juízo Final. Cap. XXXIII.

Item 01- "Deus já determinou um dia no qual, com justiça, há de julgar o mundo por meio de Jesus Cristo (At 17.31; Mt 25.31-34), a quem, pelo Pai, foram dados o poder e o juízo (Jo 5.22,27). Nesse dia não somente serão julgados os anjos apóstatas, mas igualmente todas as pessoas que tiverem vivido sobre a terra comparecerão ante o tribunal de Cristo, a fim de darem conta de seus pensamentos, palavras e feitos, e receberem o galardão segundo o que tiverem feito, o bem ou o mal, por meio do corpo" (Jd 6; II Pe 2.4; II Co 5.10; Ec 12.14; Rm 2.16; 14.10,12; Mt 12.36,37; I Co 3.13-15).

Item 02- "O fim que Deus tem em vista, determinando esse dia, é manifestar a sua glória- a glória de sua misericórdia na eterna salvação dos eleitos (Rm 9.23; Ef 2.4-7), e a glória da sua justiça na condenação dos réprobos, que são perversos e desobedientes (Rm 2.5,6; II Ts 1.7,8). Os justos irão, então, para a vida eterna, e receberão aquela plenitude de alegria e refrigério procedentes da presença do Senhor (Mt 25.31-34; At 3.19; Sl 16.11); mas os ímpios, que não conhecem a Deus nem obedecem ao Evangelho de Jesus Cristo, serão lançados nos eternos tormentos e punidos com a destruição eterna, proveniente da presença do Senhor e da glória de seu poder" (Mt 24.41,46; II Ts 1.9; Mc 9.47,48).

Item 03- "Assim como Cristo, para afastar os homens do pecado e para maior consolação dos justos nas suas adversidades (II Pe 3.11,14; II Co 5.11; II Ts 1.5-7; Lc 21.27,28; Mt 24.36, 42-44), quer que estejamos firmemente convencidos de que haverá um dia de juízo, assim também quer que esse dia não seja conhecido dos homens, a fim de que eles se despojem de toda confiança carnal, sejam sempre vigilantes, não sabendo a que hora virá o Senhor, e estejam prontos a dizer: "Vem logo, Senhor Jesus" (Mt 13.35-37; Lc 12.35,36; Ap 22.20). Amém".

Catecismo Maior:

Resposta à pergunta 87: "Devemos crer que no último dia haverá uma ressurreição geral dos mortos, dos justos e dos injustos (At 24.15); então os que se acharem vivos serão mudados num momento; e os mesmos corpos dos mortos, que têm permanecido na sepultura, sendo, pois, novamente unidos às suas almas para sempre, serão ressuscitados pelo poder de Cristo (I Co 15.51-53; I Ts 4.15-17). Os corpos dos justos, pelo Espírito de Cristo, e em virtude de sua ressurreição como cabeça deles, serão ressuscitados em poder, espirituais e incorruptíveis, e feitos semelhantes ao corpo glorioso de Cristo (I Co 15.21-23,42-44; Fp 3.21); e os corpos dos ímpios serão por ele ressuscitados para desonra, como por um juiz ofendido" (Jo 5.28,29; Dn 12.2; Mt 25.33).

A totalidade do ensino escatológico do Catecismo Maior verificar-se-á pelo estudo das respostas às perguntas: 56 e 82 a 90.

Ensino confessional: Uma só volta de Cristo; num dia predeterminado por Deus; um só juízo para justos e injustos; os justos justificados por Cristo e agraciados com a existência eterna em gozo e glória; os injustos condenados e destinados à geena para os tormentos eternos.

COMO CRISTO VOLTARÁ

Segundo as Escrituras, corretamente interpretadas pelas confissões reformadas, especialmente as de Heidelberg e Westminster, Cristo assim voltará:

01- **Como foi, retornará:** "Esse Jesus que dentre vós foi assunto ao céu, assim virá do modo como o vistes subir" (At 1.11b). Pelo Hino 292 do Novo Cântico esta doutrina é cantada corretamente: "Como foi para o céu/ Jesus Cristo há de vir,/ Quando o som da trombeta ecoar!/ Quando a voz do arcanjo/ Celeste se ouvir,/ Eu irei com Jesus me encontrar". Como Cristo foi visto ressurreto por alguns olhos (Lc 24.36-43; 20.26-28), exatamente assim todos os olhos o verão em seu retorno triunfante.

02- **Gloriosamente:** "E verão o Filho do Homem vindo sobre as nuvens do céu com poder e muita glória" (Mt 24.30b cf 16.27; Cl 3.4; Tt 2.13; Ap 1.7,8, 12-18; 19.11-16). A primeira vinda consequenciou a humilhação da Segunda Pessoa trinitária; o seu retorno revelará ao mundo a sua plena exaltação, seu poder universal e sua excelsa glória.

03- **Imprevisivelmente:** Qualquer previsão do retorno de Cristo contradiz a categórica afirmação bíblica sobre a sua imprevisibilidade: "Mas a respeito daquele dia e hora ninguém sabe, nem os anjos dos céus, nem o Filho, senão somente o Pai" (Mt 24.36 cf Mc 13.32; At 1.6,7). A inesperabilidade tem por objetivo deixar a Igreja em prontidão, em vigilante expectativa: "Portanto, vigiai, porque não sabeis em que dia vem o vosso Senhor. Mas considerai isto: Se o pai de família soubesse a que hora viria o ladrão, vigiaria e não deixaria que fosse arrombada a sua casa. Por isso ficai também vós apercebidos; porque, à hora em que não cuidais, o Filho do Homem virá" (Mt 24.42-44 cf Mt 24.45-51; Lc 12.29; I Ts 5.2-5;). Sinais precedentes, porém, aparecerão. Por exemplos: Falsos profetas (Mt 24.23-26) e o anticristo (II Ts 2), causando religiosidade por um lado e incredulidade por outro.

04- **Repentinamente:** "Pois assim como foi nos dias de Noé, também será a vinda do Filho do Homem. Porquanto, assim como nos dias anteriores ao dilúvio comiam e bebiam casavam e davam-se em casamento, até ao dia em que Noé entrou na arca, e não o perceberam, senão quando veio o dilúvio e os levou a todos. Assim será também a vinda do Filho do Homem" (Mt 24.37-39). "Porque assim como o relâmpago sai do oriente e se mostra até no ocidente, assim há de ser a vinda do Filho do Homem" (Mt 24.27 cf Mt 24.42-44). Jesus nos alerta sobre o possível descuido, ou cochilo, dos atalaias no posto de vigilância, contando-nos parábola das dez virgens (Mt 25.1-13).

05- **Visivelmente:** "Eis que vem com as nuvens, e todo olho o verá, até quantos o transpassaram. E todas as tribos da terra se lamentarão sobre ele. Certamente. Amém" (Ap 1.7 cf Mt 24.30; Mc 13.26; Lc 21.27). Todos os seres humanos, de todos os lugares, de todas as raças e de todos os tempos, eleitos e réprobos, verão o Filho do Homem voltando, cercado de nuvens, poderoso, majestoso e glorioso.

06- **Audívelmente:** "E ele enviará os seus anjos, com grande clangor de trombeta, os quais reunirão os seus escolhidos dos quatro ventos, de uma a outra extremidade dos céus"(Mt 24.31). "Porquanto o Senhor mesmo, dada a sua palavra de ordem, ouvida a voz do arcanjo, e ressoada a trombeta de Deus, descera dos céus" (I Ts 4.16). Todos os ouvidos ouvirão o som da trombeta, anunciando a chegada do Messias. Certamente o arcanjo será ouvido, pois a ele foi dada a ordem de anunciação do regresso Reis dos reis.

Visível e audível será a volta de Jesus Cristo. Nada de arrebatamento secreto se registra nos escritos sagrados.

07- **Voltará como Juiz:** A primeira vinda foi para abrir aos homens o caminho da redenção mediante a expiação de pecados por sua morte na cruz. A segunda vinda será para juízo, quando então recolherá o trigo de sua grande seara e atirárá a semente do maligno, o joio, na fornalha ardente, onde haverá choro e ranger de dentes. As ovelhas, a partir de sua volta, estarão eternamente separadas dos cabritos, pois se tornarão eternamente benditas do Pai na presença do qual resplandecerão como o sol (Mt 13. 41-43; Mt 24. 31-34, 41). Todos, justos e injustos comparecerão, ao mesmo tempo, diante do tribunal de Cristo, outrora Salvador, para o julgamento e destinação finais.

08- **Quando voltará:** Cristo voltará em data preordenada pelo Pai, num único dia, chamado de: Dia do Senhor, Dia do Juízo, Dia da Ira, Aquele Dia (Jo 5.28,29; At 17.3; II Pe 3.7; Rm 2.5; Mt 7.22; II Tm 4.8). A Igreja o aguarda ansiosa!

PÓS-MILENISMO

O milênio pós-milenista:

O pós-milenista acredita num reino milenário de Cristo na terra, mas não física e politicamente. Ele reinará sobre nos regenerados, estabelecendo uma sociedade universal de cristãos transformados na qual os imperativos éticos e doutrinários das Escrituras serão princípios e normas das pessoas e das instituições. A mudança será na qualidade, dizem, não necessariamente nas estruturas. No governo messiânico milenário a paz se instalará, a harmonia se verificará entre os indivíduos e entre as nações. Os conflitos da ordem natural desaparecerão (Is 11.6). O pós-milenismo não defende um milênio literal, pois entende tratar-se de um período simbólico cuja duração somente Deus estabelecerá, segundo seus planos eternos e imutáveis. O reinado do Messias não há de ser teocrático, um Cristo monarca entronizado em Jerusalém de onde regerá os povos. O Rei reinará sobre todas as nações por intermédio de seus respectivos governantes convertidos, transformados em servos do Senhor. Terminado o período milenário, haverá um breve tempo de tribulação pela emergência do anticristo e pela apostasia de muitos. Logo, porém, o Messias retornará, dia em que todos os mortos, justos e injustos, ressuscitarão, os primeiros para a bênção da vida eterna e os segundos para desonra eterna.

Implantação do milênio:

A implantação do milênio, segundo os pós-milenistas, será gradual e progressiva. Efetivar-se-á por meio de três causas ordenadas e dirigidas por Deus:

a- **Evolução natural da sociedade.** A humanidade está sendo tirada pelas mãos divinas do primarismo tribal e conduzida a uma era de ouro tanto no campo social e espiritual como no tecnológico e científico. Deus conduz a história, preparando a "plenitude dos tempos" para dois fins colimados, preestabelecidos pelo Criador, em etapas sucessivas: O pleno domínio terrestre de Cristo sobre todas as almas na era milenária e o seu triunfante retorno como Juiz de todos e Salvador dos eleitos para implantação do estado final: Justos no céu com Cristo; ímpios no inferno com Satanás e seus anjos.

b- **Ministério do Espírito Santo.** O Espírito foi dado à Igreja no seu nascimento por ocasião do evento pentecostal. Desde então ele vem promovendo: Crescimento, unidade, santificação, edificação e habilitação do corpo eclesial. O Espírito está conduzindo a Igreja à paz, à harmonia interna e ao domínio das forças do mal.

c- **Ação missionária da Igreja.** A Igreja, em cumprimento à profecia de Mateus 24.14, levará a mensagem evangélica a todos os povos, promovendo a conversão em massa, santificando as vidas, moralizando os costumes, submetendo a sociedade à regência de Jesus Cristo. Pelas causas referidas, e gradualmente, Cristo assumirá o governo do mundo; o Espírito estará sobre a humanidade; a paz e a justiça coroarão todas as nações; a Igreja será universalmente triunfante, poderosa, santa e una.

Fragilidade do pós-milenismo.

A escatologia neotestamentária nega completamente o milênio pós-milenista pelas razões seguintes:

a- Haverá decrescente e não crescente cristianização do mundo. Leiam II Ts 2.3-12 e II Tm 3.-6, textos que falam da emergência do "homem da iniquidade" com seu "ministério defasto, já operante, e do sucessivo declínio moral da sociedade. "E, por se multiplicar a iniquidade, o amor se esfriará de quase todos"(Mt 24.12).

b- A ciência, evolução natural, aumentará, mas a verdadeira fé esfriará, a ponto de Jesus dizer: "Quando o Filho do Homem vier, achará porventura fé na terra?"(Lc 18.8).

c- Em lugar da paz preconizada pelo pós-milenismo, a Igreja enfrentará inomináveis tribulações, razão pela qual o Pai abreviará a volta do Filho por amor dos escolhidos (Mc 13.19,20).

d- A aproximação da "porousia" recrudescerá o cristianismo falso, que já existe. Somente a misericórdia de Deus impedirá que os escolhidos sejam enganados (Mc 13.22 cf Mt 24.22).

e- Perseguições e martírios ocorrerão; jamais a justiça e a paz imaginadas pelos pós-milenistas (Mt 24.6-14,21,22,; Lc 18,8; 21.25-28; Ap 13).

f- Não teremos a velha terra purificada, como pensam, mas um novo céu e uma nova terra (Ap 21.1).

Como se vê, a base bíblica do pós-milenismo é muito frágil, embora seja uma escatologia de fácil assimilação.

PRÉ-MILENISMO

Pré-milenismo tradicional:

O pré-milenismo tradicional, primitivo, defendido por Justino Mártir e Papias, pregava a instalação de um futuro reino milenário de Cristo na terra com trono real em Jerusalém, de onde física, política e espiritualmente comandaria o mundo. A inauguração de tal reinado aconteceria, diziam, por ocasião do retorno do Messias, época em que se concretizariam as seguintes preconizações proféticas: Ressurreição dos santos; transformação dos cristãos que estiverem vivos; arrebatamento da Igreja; prisão de Satanás por mil anos; período milenário de total e incondicional submissão a Cristo, sendo a paz, a justiça e a prosperidade bênçãos universais; fim da era milenária pela: Soltura de Satanás por pouco tempo; emergência do anticristo; grande apostasia; rebelião contra o Rei, Jesus Cristo; fogo do céu consumindo completamente o exército anticristão; ressurreição dos ímpios; juízo do trono branco; condenação dos injustos; lançamento de Satanás, da besta, do anticristo e dos réprobos na geena; criação de um novo céu e de uma nova terra; eternidade inalterável. Há pequenas variações no esquema acima de um autor para o outro, mas sem comprometimento do essencial, mesmo levando em conta as incongruências de Justino e as fantasias de Papias. Eis como este último imaginava o milênio terrestre: Cada parreira com dez mil galhos. Cada galho com dez mil ramos. Cada ramo com dez mil rebentos. Cada rebento com dez mil cachos. Cada cacho com dez mil uvas. Cada uva renderá mil e vinte e dois litros de vinho (225 galões ingleses). Quando um santo tocar um cacho, outro objetará: "Sou melhor, pegue-me". Toda a vegetação será produtiva e solícita, conclui Papias, como a parreira, produzindo dez mil por um. A fanática e herética seita montanista, no fim do segundo século a.C., foi ardorosamente pré-milenista. Anunciava a descida da Nova Jerusalém sobre Pepuza, uma província da Frígia. O ingênuo pré-milenismo primitivo preconizava a restauração, nos tempos milenários, do paraíso adâmico. Agostinho (354-430 d.C.) combateu vigorosamente o milenismo, silenciando-o por séculos.

Pré-milenismo adventista.

O pré-milenismo adventista é muito diferente de todos os outros por negar o milenismo terrestre sob o governo de Cristo. Podemos sintetizá-lo assim: Volta de Cristo; ressurreição dos justos e transformação dos crentes vivos; subida de todos para o céu, onde viverão o milênio com o Salvador; os ímpios vivos serão destruídos; os que morreram na incredulidade permanecerão sob o domínio da morte por mil anos; a terra ficará completamente desolada; nessa terra desolada, arrasada e infértil, Satanás ficará preso durante os tempos milenários; volta de Jesus com seus santos, no fim do milênio; ressurreição dos réprobos; destruição final dos injustos ressurretos com Satanás e seus anjos; fim do hades; criação de um novo céu e de uma nova terra; reino eterno de Deus com os escolhidos que guardaram a lei e creram em Jesus Cristo.

Vejam como a senhora Ellen White descreve a situação escatológica milenária da terra e de Satanás:

a- **Sobre a Terra:** "Por ocasião da vinda de Cristo os ímpios são eliminados da face de toda terra". "Cristo leva o seu povo para a cidade de Deus, e a terra é esvaziada de seus moradores". "A terra inteira se parece com um deserto desolado. As ruínas das cidades e vilas destruídas pelo terremoto, árvores desarraigadas, pedras escabrosas, arrojadas pelo

mar ou arrancadas da própria terra, espalham-se pela sua superfície, enquanto vastas cavernas assinalam o lugar em que as montanhas foram separadas da sua base". "Observei e vi que homem nenhum havia e que todas as aves do céu tinham fugido. Vi também que a terra fértil era um deserto, e que todas as suas cidades estavam derrubadas" (citação de Je. 4.23-26).

b- **Sobre Satanás:** "Serão então postos sobre Satanás os pecados do povo de Deus; declarar-se-á ser ele o culpado de todo o mal que os fez cometer. E assim como o bode emissário era enviado para uma terra não habitada, Satanás será banido para a terra desolada, que se encontrará como um deserto despovoado e horrendo". "Aqui deverá ser a morada de Satanás com seus anjos durante mil anos. Restrito à terra, não terá acesso a outros mundos, para tentar e molestar os que jamais caíram. É nesse sentido que ele está amarrado". "Durante mil anos Satanás vagueará de um lugar para o outro na terra desolada para contemplar os resultados de sua rebelião contra a lei de Deus"(Conflitos dos Séculos - The Great Controversy Between Christ and Satan), 10ª Ed., C.P.B., 1972, págs. 654,655,656, 657).

O milênio adventista será: Com os justos no céu, os injustos nos túmulos, Satanás na terra inabitada e desolada.

PRÉ-MILENISMO DISPENSACIONAL

A escatologia dispensacional, nos termos em que se encontra hoje, surgiu no século XIX, Inglaterra, com John Nelson Darby (1800-1882), líder dos irmãos separatistas de Plymouth, posteriormente cognominados darbistas, aos quais se reuniu em 1828, abandonando o anglicanismo, que considerava moralmente lássido e espiritualmente frio. O divulgador do pré-milenismo, no entanto, foi o norte-americano Cyrus Ingerson Scofield (1843-1921). Convertido em 1879, recebeu as doutrinas escatológicas pré-milenistas de James Brookes, um ministro presbiteriano, mas seguidor da escatologia darbista. Tornou-se um seguidor e divulgador fanático do darbismo. A internacionalização do dispensacionalismo deve muito à "A Bíblia de Referências de Scofield" (Scofield Reference Bible) ou "A Bíblia Anotada de Scofield", em português, foi, originalmente, uma reprodução da "King James Version", mas com referências e anotações de rodapé. Revisada em 1967 e renomeada para "A Nova Bíblia de Referências de Scofield", continua sendo um tipo de manual do dispensacionalismo. No Brasil, além da Igreja-mãe do dispensacionalismo, a Cristã Evangélica, que se reúne em "Casa de Oração", pois rejeita a palavra "templo". Também professam e divulgam o pré-milenismo dispensacional: A Igreja Batista Regular, a Assembléia de Deus, as várias seitas carismáticas e alguns ministros das igrejas históricas. Obras pré-milenistas populares entre nós: "Daniel Fala Hoje" e "A visão de Patmos", de Orlando Boyer; "Alinhamento dos Planetas", de Nels Lawrence Olson; "A Doutrina das Últimas Coisas", de Harold B. Allison; "A Agonia do Grande Planeta Terra", de Hal Lindsey e C.C. Carlson, e muitas outras. Entre as instituições interdenominacionais pré-milenistas destaca-se "A Palavra da Vida" com sede em Atibaia, São Paulo. Pelo seu instituto bíblico e por meio de planejados acampamentos cristãos, dissemina a escatologia dispensacional.

Darby, alterando o conceito judaico e bíblico da história da revelação, mostrada como sucessão de eventos dentro de uma linha contínua e progressiva em direção a um alvo escatológico, criou uma história descontínua, formada de períodos desconexos entre si, chamados "dispensações" ou provas da fidelidade do homem. Cada dispensação representa um novo pacto ou tentativa divina de redenção não concluída, pois fracassa em decorrência da infidelidade do pecador, trazendo sobre si o juízo de Deus. O mais inconseqüente fracasso, agora do próprio Cristo, por não exercício de sua esperada soberania, aconteceu na dispensação da graça, quando os judeus rejeitaram o reino messiânico e crucificaram o Messias. Deus então suspende o processo redentor, isto é, a instalação do governo milenário e judaico do Messias; permite a solução provisória, transitória e intermissiva da Igreja, para a aposterior retomada da promessa (interlúdio já milenar) e estabelecimento da sétima dispensação, o milenário império messiânico. O início do referido império dar-se-á com a emergência do anticristo, que reunirá e comandará a rebelião dos réprobos contra o Filho de Deus. O choque entre os dois poderes provocará a sangrentíssima batalha do armagedom na qual o anticristo e seus comandados sofrerão fragorosa derrota. O milênio, dispensação do reino, também se encerrará com um tremendo fracasso de Cristo que, desgastado em seu governo, não mais sustentará a harmonia internacional e nem a paz e a fé no coração dos súditos milenaristas, pois o Diabo, solto, arregimentará um exército poderosíssimo, de inumeráveis militantes, contra o divino Rei e seu pequeno povo. Travar-se-á a sanguinolenta e escabrosa batalha de Gogue e Magoge. Somente o fogo do céu salvará a situação do Messias fragilizado e encurralado em Jerusalém.

O fracasso da primeira vinda levou o Pai a rever o "plano eterno", a criar a não prevista e não profetizada Igreja, a determinar dois retornos de Cristo: O primeiro para, eliminando as consequências do inesperado interregno, arrebatando a Igreja de cristãos vivos e mortos e de judeus salvos falecidos, pertencentes à nação rejeitante. O segundo, para implantar o reino messiânico e dar cumprimento final ao "plano de Deus através dos séculos", estabelecendo a sétima e final dispensação.

Pelo que se viu, não é despropositado qualificar o dispensacionalismo de "escatologia dos fracassos". As sete dispensações, segundo o esquema de Scofield, são: Inocência, consciência, governo humano, promessa, lei, graça e reino. Na verdade, são sete provas divinas, conforme o entendimento dispensacional, da obediência humana. Como o homem não foi capaz de obedecer, os testes do soberano Deus falharam. E, para cada falha, uma nova tentativa. É um sistema, pois, que se baseia nos sucessivos fracassos de Deus em salvar o homem por meio da obediência. Além do mais, as Escrituras ficam divididas em sete mensagens dispensacionais, cada uma delas falando especificamente para a respectiva dispensação. Argumentam que a história dispensacional da redenção não é uma linha contínua, mas uma escada ascendente em direção ao alvo redentor. Só que eles se esquecem de dizer que cada degrau da escada se quebra com o peso da desobediência humana; e de desobediência em desobediência não se chega a lugar nenhum.

PRÉ-MILENISMO DISPENSACIONAL ESQUEMA DOUTRINÁRIO

Preliminarmente, podemos esquematizar o pré-milenismo dispensacionalista da seguinte maneira:

01- **O povo de Deus:** O legítimo povo de Deus foi, é, continua sendo e será a raça judaica, Israel exclusivo de Javé, nação real e sacerdotal pela qual o mundo receberá o Messias, sendo por ele pessoalmente regido. A internacional dominação judaica, por e com o seu Ungido, é apenas uma questão de tempo. Os dispensacionalistas gostam muito da sentimental frase: "Israel é a menina dos olhos de Deus!"

02- **A Igreja:** A Igreja, dispensação da graça, não consta do plano redentor de Deus. Resultou de um fracasso do Messias, que não foi capaz de convencer o seu povo de sua verdadeira natureza, seus propósitos, missão e realeza. Sua rejeição, por parte dos judeus, e conseqüente morte, obrigaram o Pai, decepcionado, a preencher o vazio com um povo não previsto, a Igreja, da qual Cristo é a cabeça, mas não o Rei. Por não estar nos eternos planos de redenção, a Igreja não é mencionada, nem de leve, nos escritos proféticos do Velho Testamento, onde abundantemente se fala de Israel e nada se diz sobre ela.

03- **Esperança messiânica:** O pré-milenismo coloca a Igreja entre parênteses na história da redenção, isto é, os planos de Deus, apesar da Igreja, cumprir-se-ão literalmente. O Messias, como o esperavam e ainda o esperam os judeus, voltará, assumirá o judaico trono davídico para governar o mundo num reinado físico e político, que durará mil anos. A escatologia pré-milenista dispensacional é a mesma judaica, retirada a incômoda presença interferencial da Igreja. Os judeus esperam o Messias, um monarca israelita para todos os povos; os pré-milenistas também esperam um rei judeu para as nações gentílicas. A escatologia é, pois, a mesma, tendo os mesmos objetivos e os mesmos fins.

04- **Os dois povos:** Os pré-milenistas dividem os eleitos em dois povos de Deus: **Israel**, povo básico, verdadeiro e original da promessa, e a **Igreja**, povo de Cristo, ocupante de um intervalo não preconizado e nem profetizado entre a sexagésima nona semana de Daniel e a septuagésima, a ser cumprida na instalação e efetivação do reino milenário do Messias. A Igreja, solução provisória, não interrompe o plano redentor, pois este se cumprirá inalterável e inapelavelmente. O que o Cristo rejeitado e vencido não pode realizar, o Messias guerreiro e vencedor realizará na "revelação". Estes dois povos, Israel e Igreja, são distintos agora e continuarão distintos no período milenário e no reino eterno. Os cento e quarenta e quatro mil de santos qualificados e privilegiados são israelitas, não cristãos, dizem.

05- **Os dois livros:** "O livro do reino", constituído do Velho Testamento e de partes do Novo, como Mateus e Apocalipse, e "o livro da Igreja", formado com as partes restantes, também chamado de "evangelho da graça". Este evangelho, o da graça, por mais que seja pregado, não atingirá todos os corações porque, segundo os pré-milenistas, não é a solução final. Esta somente virá com a retirada da Igreja do cenário histórico pelo arrebatamento; então, a septuagésima semana de anos de Daniel terá início, época em que os judeus convertidos ao Messias pregarão o "evangelho do reino" e as conversões acontecerão em massa, universalmente.

06- **O Novo templo dos velhos sacrifícios:** Cristo voltará não somente para exercer governo direto e internacional sobre os homens, mas também, e principalmente, para restaurar o templo, o sacerdócio e os sacrifícios. A expiação vicária, que na dispensação da graça se faz pela sacrifício redentor de Cristo, voltará a ser feita, embora alguns pré-milenistas neguem isso, por holocaustos de animais substitutos, exatamente como se fazia antes, ocupando Cristo o papel de Sumo Sacerdote. O que era sombra da realidade porvir, conforme Hebreus, deixará de ser sombra, segundo os dispensacionalistas, para se tornar, sem qualquer mudança de conteúdo e de forma, em eventos redentores concretos e eficazes no milênio. O protótipo se transformará em tipo.

07- **Conteúdo escatológico do retorno:** Sobre tal conteúdo falaremos mais detalhadamente. Damos aqui, no entanto, as doutrinas centrais: a- **Duas voltas de Cristo:** Uma "para os santos", a parúsia, também chamada de "rpto"; outra, sete anos depois, denominada de "revelação", "com os santos", para implantação do reinado messiânico. b- **Quatro ressurreições, três de justos e uma dos ímpios:** Uma na "parúsia"; outra, no final da septuagésima semana, de crentes que perecerem na batalha do Armagedom; outra no final do milênio, para os justos mortos no referido período; a ressurreição geral e única dos ímpios no encerramento do reinado milenário de Cristo. c- **Vários juízos:** São sete, sintetizados assim: O dos crentes na cruz; o juízo de si mesmo pelo tribunal da consciência cristã; o juízo das obras na volta de Cristo; o juízo das nações no retorno de Cristo; o juízo de Israel na volta do Messias; o juízo dos anjos caídos depois do milênio; e o juízo dos ímpios no final do milênio.

QUATRO EVANGELHOS

Para os pré-milenistas dispensacionalistas o Novo Testamento não é uma unidade, mas uma disparidade, e isto em consequência da criação e continuação da Igreja, um acontecimento inusitado, não planejado por Deus, nada tendo com o reino messiânico e com sua proclamação. O remanescente do reino, resto dos verdadeiros israelitas, ficou preservado para manter a continuidade da promessa e do ensino profético de restauração do trono de Davi para todos os povos. A Igreja, à parte, paralela e independentemente, apenas enquanto durar o interregno entre a sexagésima e a septuagésima semana de anos de Daniel, continuará pregando a mensagem da graça, mas com as limitações próprias de quem ocupa espaço transitório e emergencial. A derrota de Cristo, causada pela rejeição de Israel, conturbou e complicou a ordem revelacional, segundo o pensamento dispensacional. Hoje, portanto, dizem, há quatro evangelhos bem caracterizados e até distintos em conteúdo e propósitos. Ei-los:

01- **Evangelho do Reino:** O evangelho do reino tem três estágios muito claros, ensinam os pré-milenistas: a- **O profético:** o que prevê e prediz a vinda do Messias para o estabelecimento do reino milenário. Esta mensagem previsiva está contida nas Escrituras do Velho Testamento, nas parábolas do reino no Novo Testamento e na própria existência consciente de Israel. b- **O anunciativo-indicativo:** Começou com João Batista e se encerrou com a rejeição do Cristo, o prometido Rei. c- **O concreto ou objetivo:** É o evangelho milenário: veemente evangelização pelos judeus convertidos, incluindo os do tempo da grande tribulação, já com a ausência da Igreja e

do Espírito Santo; convencimento pessoal do próprio Messias; pregação de seus comissionados em toda extensão do reino milenário. Este é o autêntico evangelho, preconizado e a ser realizado na septuagésima semana e na dispensação do reino, o milênio.

02 **Evangelho da graça:** É a proclamação de que Cristo, o recusado por Israel, morreu na cruz para expiar nossos pecados, ressuscitou ao terceiro dia para voltar à destra do Pai como justificador de todos os que nele crêem. Este é o evangelho da Igreja, iniciado depois da rejeição do herdeiro ao trono de Davi, e permanecerá enquanto durar a interrupção de cumprimento da septuagésima semana. É, pois, o evangelho do ínterim entre o reino anunciado e sua realização milenária.

03- **Evangelho eterno:** É o evangelho pregado pelos judeus convertidos a todos os habitantes da terra durante a grande tribulação, na primeira metade da septuagésima semana de anos, antes do julgamento das nações. É a mais gloriosa "boa-nova" para Israel. Citam como textos probatórios: Mt 25.31; Ap 7.9-14; Lc 21.28; Sl 96.11-13; Is 35.4-10. Este evangelho conclamará todos as nações a se submeterem ao Rei, herdeiro do trono de Davi, prestes a ser entronizado em Jerusalém. A aceitação do "evangelho eterno" será generalizada, algo inimaginável.

04- **Evangelho de Paulo:** O que Paulo chama de "meu evangelho" é o ensino da salvação pela graça mediante a fé elevado ao grau máximo, deixando em segunda plana a expiação vicária. Paulo, segundo os dispensacionalistas, não visualizou o "evangelho do reino"; limitou-se, e apaixonadamente, à Igreja e à convocação dos gentios para se incorporarem a ela. Tal paixão retirou-lhe a correta visão global da revelação, que preconizava e garantia a infalível consumação do império messiânico no mundo como cumprimento da sétima dispensação. Paulo, pensam, crê muito na Igreja, mas descrê do reino davídico implantando-se no presente e a ser implantado no milênio. Ele, na verdade, ponderam, não percebeu em Cristo a mudança de mensagem e de propósitos do ministério do reino para o da Igreja em decorrência da rejeição dos judeus, dando origem ao "evangelho da graça", ocupante do espaço interposto, que vai do fim da sexagésima nona à septuagésima semana de anos profetizada por Daniel. O adiamento da dispensação da graça não podia deixar um vazio, sem a ação diretiva e salvadora de Deus. Então, criou-se a Igreja, deu-se-lhe o ministério da graça, que Paulo levou ao extremo com o "seu evangelho", priorizando a salvação pela graça e a justificação pela fé, bases do credo da Igreja, mas não do reino messiânico em potência, prestes a vir à existência.

Os reformados rejeitam o messianismo dispensaciona, ficando com a doutrina paulina de um só evangelho, um só povo de Deus, uma só fé, um só batismo, um só plano redentor, e este realizado por e em Cristo Jesus (Cf Gl 3.28,29; Ef 2.1-22; 4.4-6; Rm 1.16,17; I Co 12.13). Leia com atenção os textos indicados.

PRÉ-MILENISMO E MENSAGEM DO REINO

A mensagem do reino, na concepção pré-milenista, pode ser enquadrada em cinco estágios. Ei-los: **Estágio preditivo:** Abrange o tempo dos profetas, do templo e de Davi. Os profetas preconizaram o reino messiânico; os sacrifícios o tipificaram; o trono

de Davi o simbolizou. Duração: Até João Batista. **Estágio anunciativo:** O do precursor de Jesus, João Batista, o primeiro a anunciar a chegada do "reino dos céus", isto é, do reinado milenário de Cristo. **Estágio da pretensão:** Este vai do início do ministério messiânico de Jesus (Mt 4.17) até a sua rejeição. Neste estágio o Messias pregou o "evangelho do reino", isto é, a implantação de seu reinado milenário. As parábolas do reino, pois, não se destinam à Igreja e a ela não se aplicam, com exceção das parábolas: "Fermento", "Trigo e "Joio", e "Rede", parcialmente aplicáveis à Igreja. Fermento, para os pré-milenistas, significa contágio moral e espiritual corruptor. E joio e peixes ruins não existirão no reino milenário do Messias, mas existem na Igreja. Grande parte da pregação e do ensino de Cristo nos sinóticos, especialmente Mateus, refere-se ao "reino dos céus" (reino milenário) e não ao "reino de Deus", a Igreja. Muitos pré-milenistas, dentre os quais se conta Lewis Sperry Chafer, sustentam que somente o Evangelho de João, o livro de Atos e as epístolas aplicam-se especificamente à Igreja. O livro de Apocalipse, dizem os dispensacionalistas, do capítulo 4 ao 21, nada tem a ver com a Igreja. O sermão do Monte, entende Scofield, não visa a Igreja, mas o reino dos céus no milênio. Pena que semelhante reino teve sua aurora eclipsada por tão longa postergação. Na reafirmação da lei, o Rei, certo de seu reinado, firme, estabeleceu os primados legais, morais e espirituais, a partir da tradição judaica do mosaísmo, para o reino em processo de implantação. O previsível não aconteceu. O Messias não previu a rejeição de seu povo. E a onisciência divina como fica? Diante de tal quadro dispensacionista, como se explica, convincentemente, a absoluta soberania de Deus? O Corpo de Cristo, pois, é uma enorme interrogação na mente dos teólogos dispensacionais. **Estágio suspensivo:** É o que está em curso. Começou com a rejeição de Cristo e terminará com seu retorno. Inviabilizado o plano de implantação do reino pela rejeição da parte dos judeus, o povo real, predestinado à realeza universal, o Pai sustou a realização do projeto dispensacional, constante dos decretos eternos; decretou a volta do Rei num tempo futuro, em condições favoráveis, segundo os objetivos divinos, e sem dependência da fidelidade de Israel, para viabilização da dispensação do reino e execução do império universal sob o reinado do Messias. A interinidade causada pela postergação Deus a preencheu com a Igreja que, não sendo a idealidade, é uma necessidade para o mundo, especialmente para os gentios. **Estágio intermediário:** Na primeira metade da septuagésima semana de anos, na ausência da Igreja e sem a presença do Espírito Santo, e antes da parúsia e do julgamento das nações, os judeus convertidos pregarão o "evangelho eterno" (Ap 14.6), que não se há de confundir com os outros evangelhos (Evangelhos do reino, da graça e de Paulo), pois é produzido por judeus crentes no Messias arrebatador da Igreja, prestes a retornar como Rei físico, político, social e espiritual do mundo. O alvo da pregação messiânica são os israelitas que, atingidos, converter-se-ão em massa, formando o núcleo judaico preparatório para a recepção dos Rei cujos preparativos de entronização encontram-se em curso. Nunca a mensagem do reino eterno foi tão contundente, eficaz, intensiva, extensiva e produtiva como será neste estágio. Deus, nessa época, voltará a ser maravilhosamente propício aos descendentes de Abraão, crêem os pré-milenistas. Há de se lembrar que os judeus recém-convertidos imediatamente serão submetidos aos horrores da grande tribulação na batalha do Armagedom, na segunda metade da septuagésima semana, três anos e meio. **Estágio milenário:** A pregação e o ensino, durante o milênio, ficarão a cargo dos profetas

templários, dos sacerdotes levitas e das figurações sacrificiais no altar de Jerusalém. O mundo ficará convencido, afirmam, da divindade e da messianidade do Rei, executor incontestável da promessa. Essa maravilha do "Deus conosco" no pacífico, redentor e santificador "paraíso" milenário, porém, terminará em tragédia. Os submissos, dóceis e convertidos súditos do Rei passarão, inexplicavelmente e em quantidade numerosíssima, para as fileiras do príncipe do mal, no encerramento do milênio, provocando uma guerra terrível dos filhos das trevas contra os da luz nas horrorosíssimas batalhas de Gogue e Magogue. Tudo é muito confuso, muito imaginativo, mas com fragilíssima sustentação bíblica, especialmente quando se divide a Bíblia em dois livros distintos, e até conflitantes, e se tricotomiza o Novo Testamento em "evangelho do reino", "evangelho da graça" e "evangelho do Paulo".

MATEUS, EVANGELHO DO REINO?

Os dispensacionalistas fazem separação radical entre "Reino de Deus" e "Reino dos Céus". Scofield qualifica-nos em: a- Reino de Deus, de caráter geral, abrangente, universal, incluindo todos os seres morais inteligentes voluntariamente sujeitos à vontade de Deus: Anjos, cristãos, santos das dispensações anteriores e futuras. b- Reino dos Céus, messiânico, davídico, mediatório. Objetivo: Estabelecimento do reino de Deus sobre a terra, isto é, o império milenário sob a regência pessoal, direta, política e judaica do Messias. O "reino dos céus" será preparatório, no período intermediário do milênio, do "reino eterno" que se instaurará de maneira definitiva, a partir do encerramento dos tempos milenários.

Os pré-milenistas dizem que Mateus, um apóstolo judeu de grande sensibilidade e percepção, foi o mensageiro sinótico do "evangelho do reino dos céus" em processo de instauração; quer dizer, o milênio que Cristo estava inaugurando e efetivando por meio de ensino, doutrina e procedimentos preparatórios para o regime teocrático que se anunciava. O reino preordenado não se implantou, mas a mensagem ficou registrada e se aplicará no tempo oportuno, na vigência do estado messiânico por vir. Mateus, concluem os dispensacionalistas, não fala do "evangelho de Deus", mas do "evangelho dos céus", coisas distintas entre si, separadas segundo os propósitos dispensacionais.

Afirmamos, com absoluta segurança: As diferenças são apenas de ordem gráfica e preconceituais, não de significado lógico, de conteúdo teológico ou escatológico. A preferência de Mateus por "reino dos céus" em substituição a "reino de Deus", de uso freqüente nos demais evangelistas, deve-se, sem dúvida, à sua reverência, como bom judeu, ao nome de Deus. Como se sabe, os judeus evitavam pronunciar o nome da divindade, muitos por mera tradição, outros por sincero respeito e temor, movidos pelo receio de se tomar o bendito nome em vão. Uma das palavras substitutas, ideologicamente transformada em sinônima da Deus, era "céu". Jesus coloca nos lábios do Filho Pródigo (Lc 15.21), a confissão: "Pai, pequei contra o céu e diante de ti". O Mestre perguntou aos sacerdotes e aos anciãos do povo judeu: "Donde era o batismo de João? do céu ou dos homens" (Mt 21.25)? Em ambos os casos a palavra "céu" se coloca para evitar o termo "Deus". Mateus, escrevendo para os seus conterrâneos,

respeitou-lhes a tendência do não pronunciamento, sempre que possível, do nome de Javé. Marcos, Lucas e João preferiram a expressão: "Reino de Deus", mais inteligível aos gentios aos quais prioritariamente se dirigiram. Apesar do apego do pré-milenista ao evangelho de Mateus, rejeita-lhe as parábolas do capítulo treze, afirmando pertencerem à Igreja, instituição fermentada pelo mundo, mesclada de joio e de peixes imprestáveis. Nada disso acontecerá com o "reino dos céus". Vejamos agora alguns textos paralelos comprovantes indiscutíveis, a nosso ver, de que "reino dos céus" e "reino de Deus" são construções sinônimas:

01- Mateus: "Arrependei-vos, porque está próximo o reino dos céus" (Mt 4.17). Paralelo em Marcos: "O tempo está cumprido e o reino de Deus está próximo" (Mc 1.15).

02- Mateus: "Bem-aventurados os humildes de espírito, porque deles é o reino dos céus" (Mt 5.3). Paralelo em Lucas: "Bem-aventurados vós os pobres, porque vosso é o reino de Deus" (Lc 6.20).

03- Mateus: "O menor no reino dos céus é maior do que ele"(Mt 11.11). Paralelo em Lucas: "O menor no reino de Deus é maior do que ele" (Lc 7.28)

04- Mateus: "Porque vos é dado conhecer os mistérios do reino dos céus" (Mt 13.11). Correspondente em Marcos: "A vós outros vos é dado o mistério do reino de Deus" (Mc 4.11 cf Lc 8.10).

05- Mateus: "O reino dos céus é semelhante a um grão de mostarda"(Mt 13.31). Correspondente em Marcos: "A que se assemelha o reino de Deus?" "É como um grão de mostarda" (Mc 4.30,31).

06- Mateus: "O reino dos céus é semelhante ao fermento" (Mt 13.33). Paralelo de Lucas: "A que compararei o reino de Deus? É semelhante ao fermento..."(Lc 13.20,21).

"Reino de Deus" e "reino dos céus" são expressões rigorosamente sinônimas. E Jesus as intercambiou com a naturalidade de quem utiliza frases permutáveis sem alteração de sentido (Cf Mt 19. 23,24). Por outro lado, "grão de mostarda" e "fermento," que os pré-milenistas dizem referirem-se à Igreja, reino de Deus, são aplicáveis igualmente ao "Reino dos Céus em Mateus. O escrúpulo judaico de Mateus é que o levou a preferir reino dos céus a reino de Deus, pois temia, certamente, estar tomando o nome de Deus em vão.

JUÍZOS PRÉ-MILENISTAS

Os pré-milenistas dispensacionalistas, em grande maioria, descobrem uma série consequential e encadeada de sete juízos, como já vimos. Examinemo-los:

1- Juízo dos pecados do crente na cruz (Jo 12.31). O texto citado nos fala de julgamento do mundo e derrota de Satanás. Portanto, na cruz a humanidade foi julgada e o Demônio vencido (cf Jo 16 11). Na verdade, os pré-milenistas confundem, no caso, morte vicária de Cristo (expiação e redenção) com juízo. O juízo está na aceitação ou na rejeição do Filho de Deus (Jo 3.18). A humanidade inteira foi condenada. Os crentes em Cristo, porém, estão justificados.

2- Auto juízo pela consciência cristã (I Co 11.30,32). O contexto é eucarístico, não escatológico. Os versículos 30 e 32 devem ser entendidos à luz dos versículos 27 a 29. Estes falam do discernimento do corpo de Cristo na participação da Santa Ceia,

conclamando o comungante a examinar-se a si mesmo para verificar se realmente é membro do corpo ou apenas membro da Igreja. Se a sua vida não se compõe com as outras na unidade eclesial, o "comer com os irmãos" representa uma falsidade e um ato de imensa hipocrisia. Quem assim procede, agindo condenavelmente, trará sobre si maior peso do juízo divino, pois cada um será julgado segundo as suas obras, seja crente ou descrente.

03- Juízo das obras dos crentes, no tribunal dos ares, por ocasião da secreta volta de Cristo (II Co 5.10). O texto citado nem de leve fala de "juízo nos ares" e muito menos restringe o juízo aos crentes, pois afirma categoricamente que "todos" (pantas) comparecerão perante o tribunal de Cristo para que "cada um (hekastos) receba segundo o bem ou o mal que tiver praticado". Tal juízo, portanto, é de caráter universal, destinado a justos e injustos, e acontecerá, certamente, no Juízo Final.

04- O juízo das nações na volta de Cristo (Mt 25.31-46). No cristianismo primitivo o batismo de um gentio significava a inclusão de sua pátria nos alvos, mistérios e objetivos da graça redentora do Cordeiro. Assim é que Jesus manda os discípulos batizarem nações, "éthne", (Mt 28.19) pelo batismo de seus cidadãos individualmente. O juízo, portanto, de que fala Cristo inclui crentes e ateus de todas as nações e raças. Os pré-milenistas, no entanto, entendem que o Messias separará a humanidade em dois blocos de nações: "Nações-ovelhas", as que receberam bem o Messias, aceitaram-no e a ele se submeteram. Estas são chamadas a "entrarem no reino milenário". As "nações-cabritos" são as que receberam mal o Rei judaico, rejeitaram-no e contra ele se rebelaram. Estas serão lançadas incontinentemente no inferno. Esse imaginário juízo contém absurdos doutrinários inconcebíveis: a- Conversão de nações como instituição política impessoalizada. b- Pressupõe-se que na "nação-ovelha" não haverá injusto e que na "nação-cabrito" não existirá nenhum justo. c- O juízo se firma nas relações nacionais (por meio de seus governos?) com o Rei instalado em Jerusalém, e isto promove a salvação ou a perdição em massa de todos os compatriotas, dependendo da rejeição ou da aceitação de cada país. d- Cristo, eliminadas as pátrias inimigas, sem concessões individuais, passará a tratar com nações e não com pessoas. Esse Messias será muito diferente do Cristo que menosprezou os palácios, os palacianos e todos os poderosos para conviver com os humildes, publicanos e pecadores. O juízo de Mateus 25.31-46 é, pois, universal e simultâneo para eleitos e réprobos, individualmente, sem levar em conta a crença oficial de suas nações de origem. Os pré-milenistas encontram juízos parciais e particulares em textos que tratam do julgamento geral e final.

05- O juízo de Israel na volta de Cristo (Ez 20.37,38). Os pré-milenistas excluem Israel do suposto "juízo das nações", afirmando, por outro lado, que Deus restaurará a nação e a realeza universal de Israel no reino milenário. O texto citado, porém, contraria a tese defendida, pois nas penalidades do alegado juízo incluem-se tanto a da expulsão de sua terra como a do impedimento de retorno a ela de todos os israelitas rebeldes (Ez 20.38), mostrando que a promessa seria para os fiéis, não para a totalidade da raça eleita. O sentido natural da profecia é a volta dos judeus dispersos da Babilônia, da Assíria e do Egito, o que realmente aconteceu.

06- Juízo dos anjos caídos depois do milênio (Judas, 6). Este juízo nada tem a ver com o dos homens. Os anjos, no complexo espiritual, estão em níveis diferentes,

ocupam posições distintas, são de outra natureza, e, com certeza, recebem tratamentos diferenciados.

07- Juízo dos mortos ímpios no final do milênio (Ap 20.11-15). O texto não fala de vivos, mas de mortos, justos e injustos, cada um sendo julgado segundo suas obras, inclusive os que emergiram, pela ressurreição, da morte e do hades (v.13). Nenhum passo das Escrituras sobre a ressurreição geral, concomitante e final de salvos e perdidos é mais claro do este de apocalipse, citado como pretensa base de uma ressurreição, seguida de juízo, apenas para os ímpios, mil anos depois da ressurreição dos santos. Retenhamos bem isto: Haverá um só juízo, num único dia, o Dia do Senhor, quando todos os seres humanos comparecerão perante o tribunal de Deus para serem julgados (Cf Mt 25.31-46; Hb 9.27; Mt 12.41,42; II Tm 4.11; Mc 9.43-49; At 17.31; Jo 5.28).

OS REINOS E O MILÊNIO

Para os pré-milenistas, os dois reinos, o de Deus, a Igreja; e o dos céus, o reino judaico milenário, são paralelos, diferentes, atualmente competitivos e eternamente separados. O Reino dos Céus está suspenso em consequência da rejeição de Cristo por Israel, mas sua existência continua potencialmente enquanto durar a postergação. A Igreja, como organização precária e com as marcas da interinidade, não passa de um corpo intermitente cujo ministério provisório vai da morte de Cristo à instalação do "Reino dos Céus", isto é, do governo milenário do Messias. A partir daí a duplicidade de reinos gera insuperáveis complicadores.

Concomitância de reinos.

Segundo os pré-milenistas, Cristo retornará duas vezes. Na primeira, virá secretamente e arrebatará a Igreja do presente e do passado, depois de ressuscitar os santos e transformar o crentes vivos. Começará então a septuagésima semana de anos de Daniel 9.24-27. Na primeira metade da referida semana o evangelho do reino dos céus será pregado, conforme alguns, pelos judeus convertidos em consequência do contundente impacto do arrebatamento, evento que lhes avivará a memória da promessa de um reinado messiânico permanente, universal e incorruptível. Outros entendem que o evangelho do reino dos céus será pregado pelos 144 mil judeus ressurretos (Ap 7.4-8) que, embora fossem beneficiários do arrebatamento da Igreja, dela de fato não faziam parte. A segunda metade da semana de anos reservar-se-á à emergência do anticristo, um líder do império romana restaurado, pois Deus fará a história retroceder para restabelecer o pano de fundo previsto para implantação do milênio. Este anticristo, oriundo da dinastia dos Césares, moverá implacável perseguição aos filhos do reino. O Messias, no final da segunda metade da semana de anos, cumprindo as profecias, descera com seu exército de anjos e santos, derrotará o anticristo e ocupará, por mil anos, o trono de Davi em Jerusalém. Neste ponto entra a problemática do local e da convivência dos dois reinos pré-milenistas:

Nos céus, nos ares, na terra.

Nos céus: João, o vidente, em visão, contempla todos os que se tornaram mártires por causa do testemunho cristão, da proclamação da Palavra de Deus, da recusa

de adoração à besta, da não aceitação do estigma de adorador pagão, vivendo e reinando com Cristo nos céus por mil anos (Ap 20.4). O privilégio de viver e reinar com Cristo em estado desincorporado ele chama de "primeira ressurreição" e diz que "bem aventurados" os que dela participam (Ap 20.6). O milênio aqui referido não pode ser na terra e muito menos classificado de "reino dos céus", na definição pré-milenista. Os mártires mencionados não se separam por raças, judeus e gentios.

Os adventistas do sétimo dia ensinam que a Igreja arrebatada, durante o período milenário, estará nos céus. Os ímpios vivos, na volta de Cristo, serão destruídos. Os ímpios mortos aguardarão nos túmulos a destruição no fim do milênio, durante o qual a terra ficará inabitada; nela habitarão os demônios.

Nos ares: Paulo afirma que os ressurretos e os vivos transformados serão arrebatados para o encontro com o Senhor nos ares e conclui: "Assim estaremos para sempre com o Senhor" (I Ts 4.17). Levantam-se as seguintes hipóteses: a- A morada definitiva dos redimidos será nos ares. b- Os ares são apenas o local do glorioso encontro com Cristo. O lugar da morada eterna, porém, será no novo céu e na nova terra, quando o universo não terá mais os limites conflituosos entre o físico e o espiritual. Aceito esta. c- A Igreja ficará nos ares durante o milênio sob a direção direta do Espírito Santo, enquanto estiver acontecendo na terra o reinado davídico do Messias, ajudado e apoiado exclusivamente pelos "santos compatriotas", os judeus. Esta interpretação, adotada por muitos pré-milenistas, além de separar o "Reino de Deus", a Igreja, do "Reino dos Céus", os cristãos ficam excluídos, à parte do reino milenário. De certa maneira a Igreja fica privilegiada, o que o pré-milenismo, judaizante por natureza, não deseja.

Na terra: A maioria dos pré-milenistas dispensacionalistas sustenta a doutrina do retorno de Cristo com todos os seus santos para estabelecimento e efetivação do "Reino dos Céus" na terra com duração prevista para mil anos. Mesmo que os santos estejam na terra não se misturarão com os terráqueos milenaristas pelas seguintes razões: a- Seus corpos serão imortais, transformados e incorruptíveis. b- Não mais reproduzirão, pois serão como os anjos (Mt 22.30). c- Do "Reino dos Céus" pré-milenista não poderão fazer parte, pois já se despiram da velha carnalidade, e a Bíblia nos assegura que carne e sangue não podem herdar o reino de Deus, nem a incorrupção herdar a corrupção (I Co 15.50). O "Reino de Deus", pois, é incompatível com o "Reino dos Céus". Já imaginaram a convivência, sob o mesmo regime, de imortais com mortais? De incorruptíveis com corruptíveis? De santos com pecadores? De gentios com judeus superiores e manobreadores? De castos e assexuados com "seus irmãos" sexuados, viris e reprodutivos? Vai ser confuso e difícil, especialmente para o santos imaculados.

RESTRICÇÕES AO DISPENSACIONALISMO

O esquema teológico dispensacionalista, a nosso ver, contém, enganos, falhas, incongruências e contradições inaceitáveis. A revelação não se fundamenta na lógica empírica ou racional, pois tem sua base nas Escrituras Sagradas das quais não pode fugir e nem ficar à mercê de interpretações particulares, especialmente quando tais

interpretações firmam-se em preconceções doutrinárias. Não criticamos nem rejeitamos os irmãos pré-milenistas dispensacionalistas; temos restrições ao sistema escatológico dispensacional deles. Ei-las:

01- Provações dispensacionais

Os dispensacionalistas ensinam que o homem é provado, em sua fidelidade, em cada dispensação, falhando em todas elas. Dizem também que a salvação é exclusivamente pela graça. Sendo pela graça, que finalidade têm as provas dispensacionais? Será que Deus só descobriu que o homem é incapaz de salvar-se a si mesmo, depois de submetê-lo a várias provas dispensacionais? Aceitamos a salvação pela graça e, em consequência, rejeitamos as "provações redentoras dispensacionais" do pré-milenismo.

02- Cristianismo, não judaísmo

A Igreja, na teologia dispensacionalista, é uma intromissão temporária, uma solução paliativa encontrada por Deus para que a primeira vinda do Messias não seja um fracasso total, mas apenas parcial. Seria totalmente desastroso se a postergação da septuagésima semana de anos, que se prolonga preocupantemente, não fosse preenchida interinamente pela Igreja. Esta, porém, dizem, não é o verdadeiro Israel de Deus, não se confunde com ele, não se inclui nos seus propósitos, não faz parte do plano original, que há de ser final, da redenção. As profecias vetotestamentárias preconizam um reino messiânico judaico material e político; nada dizem sobre um governa espiritual à margem do judaísmo e de natureza ecumênica pela inclusão dos gentios, que sempre serão dirigidos, não dirigentes. O cristianismo, portanto, concluem, não constava nos planos divinos. Igreja e Israel, doutrinam, não são afins e, por isso mesmo, separam-se e separados ficarão eternamente. Para os dispensacionalistas o povo ideal de Deus foi, continua sendo e será o judeu, que recebeu das mãos divinas a promessa de governo e sacerdócio sobre todas as nações do mundo. O cumprimento destes ministérios se reserva para o reino milenário do Messias.

Não aceitamos a tese dispensacionalista da priorização de Israel e relegação da Igreja a plano secundário. A Igreja, para nós, não é o resultado de um suposto fracasso do Messias em decorrência de sua rejeição por parte dos judeus. Temo-la, com muita convicção bíblica e sincera reverência, como o santo e definitivo Israel de Deus, a herança e o cumprimento da promessa, a nova raça eleita, a humanidade recriada em Cristo Jesus sem exclusão de qualquer etnia. Somos submissos a Cristo, um descendente gentílico por Raabe e Rute, não subordinados a judeus rejeitadores da graça. Eis alguns textos que demonstram e eminência, a proeminência, a eficácia e a cristocentricidade da Igreja como verdadeiro e consumado Israel de Deus: a- Igreja, Israel de Deus: "Longe de mim gloriar-me, senão na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo, pela qual o mundo está crucificado para mim e eu para o mundo, pois nem a circuncisão é coisa alguma, nem a incircuncisão, mas o ser nova criatura. E a todos quantos andarem de conformidade com esta regra, paz e misericórdia sejam sobre eles e sobre o Israel de Deus" (Gl 6.14-16 cf At 13.32-39). b- Igreja, raça eleita: "Vós, porém, sois raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus, a fim de proclamardes as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz; vós, sim, que antes não éreis povo, mas agora sois povo de Deus, que não tínheis alcançado misericórdia, mas agora alcançastes misericórdia" (I Pe 2.9,10). c- Igreja, nova aliança: "Mas tendes

chegado ao monte Sião, e à cidade do Deus vivo, a Jerusalém celestial, e a incontáveis hostes de anjos e à universal assembléia e Igreja dos primogênitos arrolados nos céus, e Deus, o Juiz de todos, e aos espíritos dos justos aperfeiçoados, e a Jesus, o Mediador de Nova Aliança, e ao sangue da aspersão que fala cousas superiores ao que fala o próprio Abel" (Hb 12.22-24). d- Igreja, fraternidade universal. Em Cristo Jesus gentios e judeus irmanam-se: "Portanto, lembrai-vos de que outrora vós, gentios na carne, chamados incircuncisão por aqueles que se intitulam circuncisos, na carne, por mãos humanas; naquele tempo estáveis sem Cristo, separados da comunidade de Israel, e estranhos às alianças da promessa, não tendo esperança, sem Deus no mundo. Mas agora em Cristo Jesus, vós que estáveis longe, fostes aproximados pelo sangue de Cristo". "Assim, já não sois estrangeiros e peregrinos, mas concidadãos dos santos, e sois família de Deus" (Ef 2.11-14; 2.19 cf Gl 3.26-29).

Os que estão em Cristo são descendentes de Abraão e herdeiros da promessa (Gl 3.29). Os que esperam a restauração do judaísmo estão equivocados, pois todas as promessas cumpriram-se em Cristo Jesus, e os cristãos autênticos são os verdadeiros israelitas.

03- Cristo e sua Igreja, alvos escatológicos

Os pré-milenistas dispensacionalistas, na linha de Scofield, interpretam as profecias escatológicas do Velho Testamento como preconizações do reino milenário do Messias, nada tendo a ver, dizem, com a Igreja. A escatologia vetotestamentária, no entanto, desconhece o tal "reino milenário", um governo messiânico de mil anos iniciado e terminado com batalhas horríveis: Armagedon e Gogue e Magogue. As inferências milenaristas dos textos proféticos são fragilíssimas, exatamente por se firmarem nas preconcepções dispensacionais. As profecias escatológicas do Velho Testamento ou indicam o retorno dos judeus, depois de longo e sofrido exílio, à terra da promessa, ou apontam para o reino instaurado por Jesus Cristo, a Igreja, ou visualizam o reino final, quando o pecado, a morte e o Diabo não mais existirem, ou as três coisas na mesma profecia num englobamento revelacional sem quaisquer ordenações ou subordinações lógicas e cronológicas. Os profetas, não raro, traziam o "além" ou meta-histórico para o "aqui", para o histórico, ou transportavam o "presente," e até o "passado," para o "futuro". Jesus fez algo semelhante no apocalipse de Mateus, 24.

Os pré-milenistas afirmam que os profetas do Velho Testamento desconheciam completamente a Igreja, pois falavam invariavelmente do reino judaico-messiânico que, segundo a promessa, instalar-se-ia, literalmente, em Jerusalém e teria a duração prevista de mil anos. Cristo e os apóstolos, no entanto, ensinam que o Velho Testamento aponta para o Logos encarnado, Jesus, no qual se consuma, e para a sua Igreja, o verdadeiro povo escatológico. Tomenos apenas alguns exemplos, para não sermos exaustivos: 01- "Então lhes disse Jesus: Ó néscios e tardos de coração para crer tudo o que os profetas disseram! Porventura não convinha que o Cristo padecesse e entrasse na sua glória? E, começando por Moisés, discorrendo por todos os profetas, expunha-lhes o que a seu respeito constava em todas as Escrituras"(Lc 24.25-27). Duas observações: Primeira: Quem fala é o Cristo ressurreto, aplicando-lhe as profecias messiânicas, logicamente extensivas à Igreja da qual é a fonte de origem e a cabeça. Segunda: Mostra que a sua humilhação e sua exaltação estavam previstas nas Escrituras: "Porventura não convinha

que o Cristo padecesse e entrasse na sua glória?" O que Cristo afirma e confirma, o pré-milenismo nega: A rejeição e morte de Cristo, bem como sua Igreja, o novo Israel, não constam das previsões messiânicas do Velho Testamento. 02- "Mas o que ocorre é o que foi dito por intermédio do profeta Joel: E acontecerá nos últimos dias, diz o Senhor, que derramarei do meu Espírito sobre toda carne" (Jl 2.28 (todo o cap. 2 é escatológico) (Cf At 2.16s; Cf At 2.16-20; At 2.16-21). Pedro demonstra, citando e interpretando as Escrituras, que Cristo não é Davi redivivo, pois ele morreu e continua sepultado (At 2.29, 34 Cf 2.24-36; 4.25,26; e todo o cap. 7 de Atos). 03- A defesa de Estêvão, que procura demonstrar que a perseguição movida por seus pares se colocava num contexto geral das Escrituras; termina assim: "Qual dos profetas vossos pais não perseguiram? Eles mataram os que anteriormente anunciavam a vinda do Justo, do qual vós agora vos tornastes traidores e assassinos"(At 7.52). Estêvão foi o primeiro mártir do reino de Cristo, a Igreja. 04- Filipe diz ao eunuco que Isaias 53 fala de Jesus (At 8.32-35) . Jesus aplica a si mesmo a profecia de Isaias 61.1,2 cf Lc 4.17-21. 05- Hebreus coloca o sacerdócio vicário de Cristo como presente, atuante e final, declarando, sem meios termos, que a decisiva e conclusiva palavra é a de Cristo, Criador e herdeiro de todas as coisas (Hb 1.2-4), aquele que realmente derramou o sangue da aliança eterna por sua morte vicária de que o pacto mosaico era apenas sombra e tipo (Ex 24.8 referido em Hb 9.20; 10.29; 13.20). 06- Isaias 52.13 a 53.12 fala da morte do Servo Sofredor, o Messias, para instauração da nova e perene aliança com todos os homens. 07- O suborno de Judas Iscariotes por trinta moedas de prata, preço da traição de seu divino Mestre, estava preconizado em Zc 11.13 (Jr 32.6-9) cf Mt 27.9. 07- Alguns exemplos de profecias cumpridas no Novo Testamento: Zacarias: 9.9 cf Mt 21.5 e Jo 12.15.- Zc 12.3 cf Lc 21.24.- Zc 12.10,14 cf Jo 19.37 e At 1.7.- Zc 13.7 cf Mc 14.27.- Zc 14.5 cf I Ts 3.13.- Zc 14.8 cf Jo 7.38. Daniel:- Dn 7.13 (Sl 110.1) cf Mc 13.26; 14.62; Ap 1.7; At 1.9-11; I Ts 4.17.- Dn 7.22 cf I Co 6.2. -- Dn 7.18 cf Ap 5.9-10; I Co 4.8: II Tm 2.11,12.- Dn 7.9 cf Lc 22.28-32 e Mt 19.28.- Dn 12.5 cf Mt 13.43. Oséias:- Os 13.14 (Is 25.8) cf I Co 15.55.- Os 13.16 cf Mc 13,17 e Lc 19.44. Isaias: Is 6.3,9,10 cf Jo 12.40; Mc 4.12.- Is 8.12,13 cf I Pe 3.14,15.- Is 9.1,2 cf Mt 4.15,16.- Is I.9 e 10.22,23 cf Rm 9.27-29.- Is 29.13,14 cf Mc 7.6,7; Mt 15.8,9; I Co 1.19.- Is 42.1-4 cf Mt 18-21.- Is 53-1-12 citado em Rm 10.16; Mc 9.12; Mt 8.17; I Pe 2.22,24,25; At 8.32,33; Rm 8.3; Mc 10.45; 14.24 Lc 11.21,22 Lc Lc 22.37; Rm 4.25; Hb 9.28; Rm 8.34. Jeremias: 31.31-34 cf Mt 2.18; Jr 7.1-15 cf Mc 11.17 e 13.2. Esta pequena amostragem de textos referentes ao Messias e à sua Igreja, mesmo omitindo as referências proféticas da natividade ou encarnação do Verbo, deixa claro que os autores neotestamentários tinham plena consciência de que as predições messiânicas do Velho Testamento realizam-se e se cumprem no Novo Testamento e que a Igreja sempre esteve nos planos de Deus. Rejeitamos, portanto a declaração pré-milenista de que o legítimo povo de Deus é Israel a ser efetivado e glorificado no milênio conforme as profecias.